

ANAIIS
DO EVENTO



Simpósio

NEGRITUDE EM PAUTA

v. 1, n. 1, 2025

Universidade Federal de Pelotas
Faculdade de Enfermagem

Dados de Catalogação na Publicação:

Sistema de Bibliotecas – Biblioteca Campus Anglo

Simone Godinho Maisonave - CRB 10/1733

S612a Simpósio Internacional Negritude em Pauta (4. : 2025 : Pelotas, RS)

Anais do IV Simpósio Internacional Negritude em Pauta [recurso eletrônico] : "Povos Tradicionais de Matriz Africana: saberes ancestrais promotores de saúde e cura complementares ao SUS". / Comissão científica Adriana de Souza Gomes... [et al.]. - Pelotas : UFPel, 2025.
173 p.

Simpósio Negritude em Pauta, v. 1, n. 1, 2025

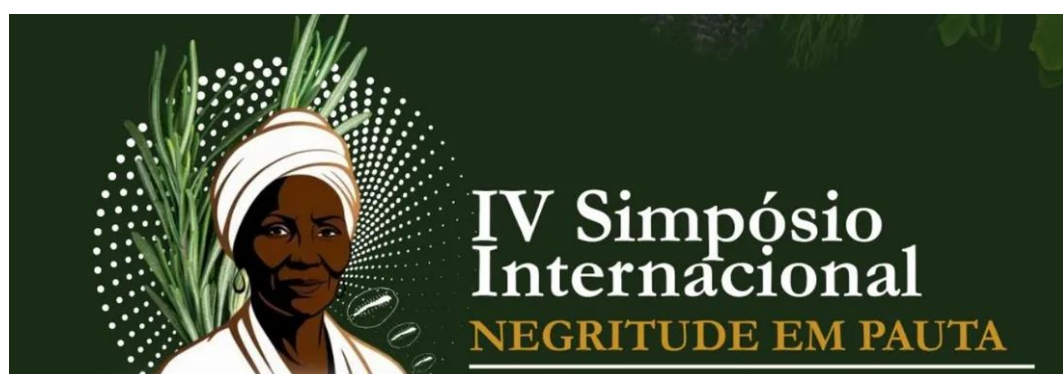
1. Negritude. 2. Povos tradicionais. 3. Matriz africana. 4. Saúde. 5. Saberes ancestrais. 6. SUS. 7. Simpósio. I. Gomes, Adriana de Souza [et al.] II. Título

CDD 614



**Universidade Federal de Pelotas
Faculdade de Enfermagem**

Anais do Simpósio Negritude em Pauta



v. 1, n. 1, 2025



EXPEDIENTE

Comissão Científica

Adriana de Souza Gomes
Adrize Rutz Porto
Ana Paula Mousinho Tavares
Camila de Freitas Moraes Garcia
Gabrielle Carvalho Medeiros
Juliana Graciela Vestena Zillmer
Juliana Kitanji Goulart Nogueira
Karen Soares Porto
Larissa Dall' Agnol da Silva
Lucas da Silva Dellalibera
Marina Soares Mota
Prince Chaiene Meireles Duarte
Regina Barros Goulart Nogueira
Rita Maria Heck
Sidnéia Tessmer Casarin
Simone Barbosa Pereira
Sofia Emanoele Lima Cruz da Silva
Stefanie Griebeler Oliveira
Taís Alves Farias
Teila Ceolin
Vitoria Lopes de Avila

Moderadores das rodas de conversas

Adriana de Souza Gomes
Antônio Ricardo Corrêa Candiota
Karen Soares Porto
Omobinrin Verônica Ti Odê
Mirian Quênia Costa da Rosa
Prince Chaiene Meireles Duarte
Stefanie Griebeler Oliveira
Taís Alves Faria



EDITORIAL

O IV Simpósio Negritude em Pauta, realizado sob a temática “Povos Tradicionais de Matriz Africana: Saberes ancestrais promotores de saúde e cura complementares ao SUS”, consolidou-se como um evento de expressiva relevância acadêmica e social, reunindo mais de 500 participantes e contando com a expressiva produção de 74 resumos científicos, o que evidencia o amadurecimento e a capilaridade da discussão. Proposto pelo Coletivo Hildete Bahia: Diversidade e Saúde, projeto de extensão da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPe), e realizado em uma parceria estratégica com o Fórum Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional dos Povos de Matriz Africana (FONSANPOTMA), a Secretaria Municipal de Saúde de Pelotas e outras instituições como a FIOCRUZ, o evento marcou a transição bem-sucedida das edições virtuais pandêmicas para um formato presencial com transmissão online, ampliando significativamente seu alcance e impacto. A justificativa central do simpósio foi combater o epistemicídio — o apagamento sistemático dos saberes não-europeus — promovido pela visão eurocêntrica hegemônica no ensino e nas práticas de saúde, que historicamente marginalizada e a Ministra da Saúde de Moçambique — enriqueceu o diálogo, garantindo que a teoria acadêmica fosse constantemente confrontada e fertilizada pela prática e pela vivência comunitária. Dessa forma, o IV Simpósio Negritude em Pauta transcendeu o âmbito de um evento científico tradicional, posicionando-se como um importante ato político e de resistência. Ele serviu como uma poderosa ferramenta para fomentar a construção de um Sistema Único de Saúde (SUS) verdadeiramente integral, que reconheça, valorize e incorpore os saberes ancestrais como pilares complementares essenciais para a promoção da saúde, a cura e o bem-estar integral, não apenas para a população negra e os povos de terreiro, mas para toda a sociedade brasileira invisibiliza os conhecimentos dos povos tradicionais de matriz africana dentro do SUS, agravando desigualdades raciais e limitando o acesso a cuidados culturalmente adequados. Para enfrentar esta problemática, o evento estruturou-se em torno do objetivo geral de colaborar com o avanço da política pública para implementar as unidades tradicionais de matriz africana como equipamentos complementares de saúde, alinhando-se diretamente com diretrizes aprovadas na 17ª Conferência Nacional de Saúde. Sua densa programação de três dias foi meticulosamente desenhada para cumprir objetivos específicos cruciais, os quais foram desenvolvidos por meio de sete mesas temáticas e cinco palestras satélites. Estes momentos promoveram debates profundos sobre as possibilidades e os entraves burocráticos e culturais para o reconhecimento dos terreiros como equipamentos de saúde; exploraram as interseções entre o uso tradicional de ervas sagradas e a fitoterapia convencional; resgataram a contribuição histórica e antropológica dos povos indígenas e africanos na formação do sistema de saúde brasileiro; discutiram os sistemas alimentares destes povos e suas conexões simbólicas e sagradas; e estratégias para a valorização desses saberes nas Instituições de Ensino Superior em Saúde. A presença de uma diversidade de vozes — incluindo acadêmicos, gestores públicos, benzedeiras, mães e pais de santo, e representantes de ministérios, como a Ministra da Saúde de Moçambique — enriqueceu o diálogo, garantindo que a teoria acadêmica fosse constantemente confrontada e fertilizada pela prática e pela vivência comunitária. Dessa forma, o IV Simpósio Negritude em Pauta extrapola o âmbito de um evento científico tradicional, posicionando-se como um importante



ato político e de resistência na direção do reconhecimento, valorização e integração dos saberes ancestrais como pilares complementares essenciais para a promoção da saúde, a cura e o bem-estar integral, não apenas para a população negra e os povos de terreiro, mas para toda a sociedade brasileira.



SUMÁRIO

EXPEDIENTE	p. 2
EDITORIAL	p. 3
RESUMOS	
A cidade que os negros ergueram: o Passo dos Negros, a regularização fundiária e o direito à reparação territorial	p. 11
A colonialidade do saber na saúde: reflexões sobre a invisibilização das práticas de cura e cuidado em saúde da população negra	p. 13
A importância do espaço do terreiro no período gravídico-puerperal	p. 15
A influência do racismo estrutural no acesso à saúde: reflexões sobre a experiência de mulheres negras e suas gerações	p. 17
A trajetória do Coletivo Preto Beatriz Nascimento	p. 19
A universidade não é pra gente: a experiência de uma mulher negra, ouvidora de vozes, que ousou sonhar	p. 21
Agroecologia quilombola: (re)existência multissecular das comunidades quilombolas no Rio Grande do Sul	p. 23
Arqueologia e resistência: visão vinda dos quilombos	p. 25
As encruzilhadas do Bará do Mercado de Pelotas (RS)	p. 26
“Até quando?": racismo institucional e os desafios de ser uma mulher, negra e docente em uma universidade federal do extremo sul do Brasil	p. 28
Atenção farmacêutica à população negra: desafios, particularidades clínicas e atuação frente às doenças hematológicas e hipertensivas – uma revisão narrativa	p. 30



Através das frestas: reflexões sobre a aplicabilidade da abordagem decolonial desde o Sul do Sul	p. 32
Benedeiras: o cuidado à saúde de uma comunidade quilombola do interior do Rio Grande do Sul	p. 34
Benedura, espiritualidade e comunidade: lembrança e memórias do Seu Pedro Benzedor	p. 36
Câncer colorretal e populações vulnerabilizadas: um recorte racial e quantitativo	p. 37
Coletivo Negro Carolina Maria de Jesus: dispositivo de pertencimento e manutenção da pessoa negra no espaço da terapia ocupacional	p. 39
Cuidados de pessoas com feridas sob as limitações do racismo ambiental	p. 41
Curso de português como língua adicional para migrantes com foco na vida pública: uma proposta anticolonial	p. 43
Da abolição ao acesso: a luta da população negra pelo direito às políticas públicas	p. 45
Danças negras: corpo, resistência e patrimônio no Sul do Brasil	p. 46
Democratização na odontologia: ingresso e permanência de estudantes negros	p. 48
Diário de uma garota negra nada popular: o alvo na mira do desprezo e da segregação	p. 50
Ebó das infâncias afro-diaspóricas de terreiro: por uma filosofia africana da educação no Brasil	p. 52
Educação antirracista no ensino da saúde: aula com o Programa de Extensão Tekoá na disciplina Cuidado Farmacêutico II	p. 54
Encruzilhada de saberes e cultura afro-diaspórica na escola	p. 56



“A nossa (escre)vivência não pode ser lida como história para ninar os da casa-grande”: experiências do projeto Encruzilhadas, Saberes e (Escre)vivências Negras	p. 58
Entre a profissão idealizada e a ocupação possível: um olhar para a saúde mental de pessoas pretas	p. 60
Entre cálculos e lutas: o ProEDAI como espaço de afirmação e acolhimento	p. 62
Entre o cuidado e a resistência: a vivência de uma enfermeira negra residente em um hospital universitário no Sul do Brasil	p. 65
Entre o cuidar e o resistir: reflexões de uma estudante negra no curso de enfermagem	p. 67
Entre saberes e territórios: metodologia de educação popular com comunidades quilombolas	p. 69
Escrevivências e resistência: a escrita como cuidado e enfrentamento ao racismo	p. 71
“Escutativivências” de estudantes licenciandas negras e mulheres ancestrais	p. 73
Ewè: ervas que curam	p. 75
Hábitos de vida de imigrantes estrangeiros e os motivos da imigração para o Brasil	p. 77
Infância negra em territórios de descarte: a morte de David Kauan e o racismo ambiental na periferia de Teresina (PI)	p. 79
Investigando os saberes ancestrais das ervas em aulas de matemática	p. 81
Invisibilidades cruzadas: uma revisão narrativa sobre mulheres negras bissexuais no contexto brasileiro	p. 83
Letramento racial no ensino superior: uma experiência formativa com os servidores técnicos da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da Universidade Federal de Pelotas	



.....	p. 85
MAFWeek: estética em movimento, formação e intervenção cultural afrocentrada	
.....	p. 87
Mulher negra na pós-graduação: um relato em primeira pessoa	
.....	p. 89
Nutricídio, racismo e insegurança alimentar: faces de uma desigualdade estrutural	
.....	p. 91
O aquilombamento entre mulheres negras como estratégia de acolhimento e sobrevivência dentro de um curso de graduação: relato de experiência	
.....	p. 93
O bode como mantenedor da tradição de matriz africana no Brasil e na luta antirracista	
.....	p. 95
O corpo negro como fronteira: racismo e resistência no cuidado em saúde	
.....	p. 97
“Ocupar e enegrecer”: educação popular como continuidade dos movimentos sociais negros nos cursinhos pré-vestibulares no Estado de São Paulo	
.....	p. 99
O Seminário Ilè Jí	p. 101
O solo onde me senti raiz: trajetória de uma acadêmica negra a partir do Coletivo Preto Beatriz Nascimento	p. 103
Ocupação de espaço: a trajetória de um jovem negro pelotense em ascensão acadêmica e no serviço público	p. 105
Odontologia e equidade racial: desafios e perspectivas para um futuro mais inclusivo	
.....	p. 107
Oficina de dança: corpo negro gaúcho — um olhar pela dança afrocontemporânea	
.....	p. 109
Onde está o negro na história: relato de experiência educacional de diálogo sobre o racismo estrutural e a posição da figura negra na história	
.....	p. 111



Onde estão as chefes de cozinha negras em Porto Alegre? Representatividade e mercado de trabalho	p. 113
Os impactos do racismo religioso na promoção de saúde de frequentadores do terreiro	p. 115
Para além da solidão da mulher negra: a Sala das Pretas como referencial de aquilombamento de mulheres negras	p. 117
Parir em silêncio: um relato de experiência do parto de uma mulher negra e surda na rede pública	p. 119
Plantas medicinais e ancestralidade afrodescendente: saberes, práticas e resistência	p. 121
Protagonismo dos coletivos negros no espaço universitário	p. 123
Quando ser forte não é escolha: maternidade negra e os atravessamentos do racismo e da deficiência	p. 125
Racismo obstétrico e seus impactos no ciclo gravídico-puerperal	p. 127
Religiosidade Jeje-Nagô em Pelotas e Rio Grande dos séculos XIX e XX: histórias e narrativas	p. 130
Saberes da mironga	p. 132
Sala das Pretas: impressões sobre o grupo de estudos e a trajetória da mulher negra no processo de tornar-se negra	p. 134
Ser, crer e resistir: a umbanda na trajetória de um homem negro ostomizado	p. 136
Stuart Hall, Françoise Verguès e Sojourner Truth: uma análise direcionada ao pensamento feminista decolonial	p. 138
“Tem ciência preta aqui”: intelectualidades negras em resistência na universidade	p. 140
Terreiros de matriz africana como espaço de autocuidado e resistência de mulheres	



negras	p. 142
Uma década da Procissão ao Pai Bará	p. 144
Uma história narrada pelo tempo: a formação social brasileira em “Nada digo de ti, que em ti não veja”, de Eliana Alves Cruz	p. 146
Uma viagem pedagógica à África nas práticas de ensino de História no Ensino Fundamental I	p. 148
Violência obstétrica e invisibilidades no parto: um relato a partir da atuação como doula	p. 150
Vivências acadêmicas do debate sobre interseccionalidades entre gênero e raça-cor	p. 152
Vivências dos participantes de um coletivo preto na enfermagem	p. 154
Vozes ancestrais: personalidades negras que contribuíram para a história do Brasil	p. 156
ANEXOS	p. 158
VÍDEOS.....	p. 164
Falo sussurante	p. 164
Orin njé ngbò: cantos nagôs no ensino das danças negras.....	p. 164



A CIDADE QUE OS NEGROS ERGUERAM: O PASSO DOS NEGROS, A REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA E O DIREITO À REPARAÇÃO TERRITORIAL

ALINE VANESSA PENICHE WALTZER¹

¹Universidade Federal de Pelotas – alinewaltzer@gmail.com

Introdução: A riqueza das famílias aristocráticas pelotenses, reconhecida nacionalmente e ainda registrada na história contemporânea a partir de uma visão eurocêntrica quanto ao sucesso das charqueadas e sua importância na economia brasileira, foi construída a partir da exploração da mão de obra escravizada (Guitierre, 2021). Este estudo investiga como a atual política de regularização fundiária urbana (REURB) pode contribuir para a expropriação simbólica e material de territórios negros, como o Passo dos Negros. A presente pesquisa investiga como a atual política de regularização fundiária tem lidado com esse legado e quais riscos e possibilidades ela representa para a permanência digna e reparatória das famílias negras nesse território. **Objetivo:** A presente pesquisa objetiva analisar como a política de regularização fundiária urbana (Lei nº 13.465/2017), implementada de forma parcelada e descolada da função social da propriedade e da memória histórica do território negro contribui para a perpetuação do preconceito territorial. É possível promover justiça fundiária, em territórios como o Passo dos Negros, sem abordar a reparação racial e histórica, sem reconhecer a ancestralidade territorial e o pertencimento como fundamentos de direito? **Desenvolvimento:** A pesquisa parte da premissa de que o Passo dos Negros é um território negro ancestral e comunitário, e que a permanência das famílias ali não é apenas necessidade habitacional, é um processo legítimo de resistência e identidade (Mathias, 2020). Não se trata de “ocupação irregular”, afinal é anterior ao próprio ordenamento urbano “formal”. A metodologia de estudos baseia-se na pesquisa bibliográfica sobre o processo de ocupação territorial, análise das legislações específicas aplicáveis (Constituição Federal, Lei 13.465/2017, Lei nº 10.257/2001 e Plano Diretor Municipal), observações de campo e dados sobre investimentos públicos em regularização fundiária – em especial, o Programa de Aceleração do Crescimento - Periferia Viva. Investiga-se o processo de entrega de títulos no bairro e a ausência de dispositivos legais ou institucionais que garantam a permanência e valorização cultural do território. **Considerações finais:** A fórmula brasileira de regularização fundiária urbana (Lei 13.465/2017) quando aplicada de forma parcelada, técnica e desracializada, infelizmente repete lógicas coloniais de expulsão e apagamento. Para que o Passo dos Negros não seja substituído por empreendimentos genéricos de “alto padrão” e desconectados da história, é urgente reconhecer sua centralidade na formação de Pelotas e instituir mecanismos de proteção patrimonial e de reparação. Regularizar não basta: é preciso reparar.



Palavras-chave: Regularização Fundiária; Território Negro; Memória Histórica; Direito à Cidade; Reparação Territorial.

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☒ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



A COLONIALIDADE DO SABER NA SAÚDE: REFLEXÕES SOBRE A INVISIBILIZAÇÃO DAS PRÁTICAS DE CURA E CUIDADO EM SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA

ÍRIA RAMOS OLIVEIRA¹; MICHELE MANDAGARÁ DE OLIVEIRA²; MARINA SOARES MOTA³

¹Universidade Federal de Pelotas – iria_oliv@hotmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas – mandagara@hotmail.com; ³Universidade Federal de Pelotas – msm.mari.gro@gmail.com;

Introdução: À analítica da colonialidade, destaca como as dimensões fundamentais da visão de mundo - saber, ser e poder - são utilizadas como estratégias de dominação, materializadas por meio da exploração, opressão e expropriação. O racismo opera como um princípio estruturante das relações sociais na colonialidade, permeando esferas como trabalho, gênero, religião, educação, medicina e produção de conhecimento. A colonialidade promove sistematicamente a negação dos saberes ancestrais das populações nativas e afro-brasileiras, então reconhecer as práticas de cura e de cuidado em saúde como complementares à oferecida no Sistema Único de Saúde (SUS) é promover o giro decolonial. **Objetivo:** Refletir como a colonialidade contribuiu para a invisibilização das práticas de cura e cuidado em saúde da população negra. **Desenvolvimento:** Antes mesmo da invasão europeia às Américas, os povos originários já possuíam sistemas próprios de cura e cuidado em saúde, sendo complementados por saberes trazidos pelos povos africanos. Mas para colonizar/modernizar uma sociedade dita ideal e validar um discurso higienista de ordem e progresso era necessário colocar a medicina eurocentrada como única e verdadeira baseada na ciência, onde o médico, herói da saúde, era o único detentor de todo conhecimento. Todo o saber que não se encaixava ao produzido na academia era uma ameaça a colonialidade passando a ser sistematicamente demonizado e estigmatizado como estratégia de dominação. Porém, em um território de dimensões continentais, onde a maioria da população é negra, dificilmente os saberes ancestrais seriam apagados. Por mais que a colonialidade, empregando o racismo sistematizado, tenha se mobilizado durante anos com vetos e proibições, ao senso comum, muitos ainda utilizam-se das práticas de cura, dos benzimentos, de banhos medicinais e de chás como tratamento complementar aos recebidos no SUS. Mesmo assim, a academia insiste em manter o saber ancestral fora dos muros das Universidades, quando entra dificilmente o protagonismo é direcionado para quem realmente provém esse conhecimento. Com isso, é importante que se faça o giro decolonial, colocando o saber ancestral no centro das atenções, compreendendo que a ciência existe fora dos currículos embranquecidos. **Considerações finais:** Este simpósio cumpre um papel essencial ao fomentar tais debates, evidenciando a urgência de revisões curriculares que incluam vozes negras e indígenas. É fundamental que a academia não apenas ouça e leia esses grupos, mas também



incorpore ativamente seus saberes, respeitando a ancestralidade como base para um SUS verdadeiramente equitativo.

Palavras-chave: Colonialidade; Racismo; Giro Decolonial; Justiça Epistêmica.

Agradecimentos/Apoio: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☐ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☒ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☒ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO DO TERREIRO NO PERÍODO GRAVÍDICO-PUERPERAL

KIARA TEIXEIRA PINHEIRO¹; HELENA DOS SANTOS CARDOSO²; MARINA SOARES MOTA³; ÍRIA RAMOS OLIVEIRA⁴; ADRIZE RUTZ PORTO⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – kiaratp2001@gmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas – helenasantosc1234@gmail.com; ³Universidade Federal de Pelotas – msm.mari.gro@gmail.com; ⁴Universidade Federal de Pelotas – iria_oliv@hotmail.com; ⁵Universidade Federal de Pelotas - adrizeporto@gmail.com

Introdução: O terreiro, espaço tradicional de prática e culto às religiões de matriz africana como o Candomblé e a Umbanda, é compreendido como território promotor de saúde na medida em que proporciona bem estar físico, emocional, espiritual, social e coletivo aos seus frequentadores em suas diferentes fases de vida. Nessa lógica, vale-se destacar também que esse território exerce um papel fundamental no apoio e acolhimento de gestantes e puérperas, promovendo cuidado, proteção e fortalecimento durante o ciclo gravídico-puerperal. **Objetivo:** Sendo assim, o presente resumo tem como objetivo explicitar como o território do terreiro se configura como espaço promotor de saúde de suas frequentadoras durante o período gravídico-puerperal. **Desenvolvimento:** Esse resumo é um recorte de um estudo qualitativo descritivo exploratório acerca dos terreiros como territórios promotores de saúde de seus frequentadores que teve como participantes dezessete frequentadores de terreiros da Religião de Matriz Africana, de qualquer vertente/linha, da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. Para seleção dos participantes utilizou-se a técnica “bola de neve”, as entrevistas foram realizadas por meio de um instrumento semiestruturado aplicado de forma individual e a análise de dados foi realizada utilizando o método de Bardin. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa. O processo para engravidar, a gravidez e o puerpério são períodos cheios de mudanças e adaptações, não só físicas, mas, principalmente, emocionais na vida das pessoas, tornando imprescindível a presença de uma rede de apoio comunitária e espiritual nesse momento. Nesse sentido, o terreiro fortalece aspectos emocionais e, conseqüentemente, interfere na saúde de gestantes e puérperas frequentadoras desse espaço, auxiliando-as no enfrentamento das dificuldades desde o processo de concepção e ajudando-as a enfrentar esse momento delicado e cheio de incertezas por meio de suas práticas ancestrais de cuidado, como descrito no relato pessoal de uma participante da pesquisa. Ademais, o terreiro se reafirma como espaço promotor de saúde, de acolhimento e de proteção, quando valoriza tanto a ancestralidade presente em nossos mais velhos quanto o futuro que se anuncia nas novas gerações, por meio do amparo às gestantes, puérperas, crianças e suas redes de apoio. Além disso, o espaço do terreiro e as práticas nele exercidas configuram parte da identidade de seus frequentadores, sendo assim, a presença nesse território resgata o autocuidado e o olhar sobre si durante o período puerperal, como dito em depoimento de uma puérpera entrevistada na pesquisa. **Considerações finais:** Assim, é notório como o terreiro se configura como um território promotor de saúde no período



gravídico-puerperal. Tornando imprescindível o reconhecimento, o respeito e a valorização desse espaço sagrado, da ancestralidade e da prática dos saberes ancestrais.

Palavras-chave: Terreiro; Saúde; Puerpério; Gravidez; Acolhimento.

Agradecimentos/Apoio: Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) pelo apoio financeiro por meio do programa de Iniciação Científica, que possibilitou o desenvolvimento deste trabalho.

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☒ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



A INFLUÊNCIA DO RACISMO ESTRUTURAL NO ACESSO À SAÚDE: REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DE MULHERES NEGRAS E SUAS GERAÇÕES

ELANA GONÇALVES FERREIRA¹; KIARA TEIXEIRA PINHEIRO²; LAUREN ALESSANDRA DORNELES RAMOS GUIMARÃES³, MARINA SOARES MOTA⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – elanagf03@gmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas – kiaratp2001@gmail.com; ³Universidade Federal de Pelotas – laurenramosg@yahoo.com
⁴Universidade Federal de Pelotas – msm.mari.gro@gmail.com

Introdução: “Vó, como cê conseguiu criar três mulheres sozinha, na época que mulher não valia nada? Menina na cidade grande, no susto viúva e aquela cor que só serve pra ser abusada.”. A partir desse verso de Djonga, artista preto e um dos nomes mais influentes do rap nacional, percebe-se como o racismo e o machismo ecoam na vida de mulheres negras. Isso porque a realidade representada nessa canção se entrelaça com a história da minha avó, mulher preta, benzedeira e cozinheira, que enfrentou as violências do período da ditadura militar durante a criação de cinco filhos.

Objetivo: O presente resumo busca refletir sobre como o racismo estrutural e institucional interferem no acesso à saúde e na vida de mulheres negras.

Desenvolvimento: Este trabalho trata-se de um relato de experiência, construído a partir das vivências pessoais de uma mulher negra e dos ensinamentos compartilhados por sua avó, também mulher negra, como forma de evidenciar os efeitos do racismo estrutural ao longo de diferentes gerações. Minha avó me ensinou tudo o que sei, inclusive, sobre a importância de andar bem arrumada, não por vaidade, mas como estratégia de proteção em um mundo onde a cor da pele era um fator determinante. Compreendi esse ensinamento após um atendimento médico onde a profissional não olhou em meus olhos e ao menos me tocou, como se eu tivesse uma doença contagiosa. Esse episódio ocorreu em uma clínica privada e, mesmo assim, fui invisibilizada, pois o racismo não enxerga dinheiro, beleza ou vestimenta. Esses episódios mostram a persistência do racismo estrutural, institucional e ambiental, que atinge mulheres negras de forma sutil, porém dolorosa, mesmo em ambientes onde se espera o cuidado e humanização. É notório que, situações como essas reduzem a busca de mulheres negras por atendimento no sistema de saúde, o distanciamento dessas mulheres pode resultar em diagnósticos tardios, menor adesão a tratamentos e maior índice de mortalidade. Minha avó lutou três vezes contra um câncer de mama, o diagnóstico foi tardio, no entanto por ter um plano de saúde, a adesão ao tratamento foi facilitada. Isso revela como o acesso a serviços privados pode ser determinante para a garantia de cuidados específicos. Embora o Sistema Único de Saúde ofereça tratamentos eficazes, as barreiras no acesso e a demora nos diagnósticos mostram a necessidade de melhorias na estrutura e no acolhimento, sobretudo para as mulheres negras, ainda as mais afetadas pelas falhas institucionais. **Considerações finais:** Sob esse viés, é notório que mulheres negras sofrem uma dupla discriminação, resultante da combinação entre racismo e sexismo, o que compromete o cuidado e fere o direito à saúde. É de



suma importância refletir sobre a formação dos profissionais de saúde incorporando uma perspectiva antirracista e fortalecer políticas públicas para a garantia de um atendimento justo, humanizado e respeitoso às suas singularidades.

Palavras-chave: Mulheres negras; Discriminação; Gerações; Racismo; Saúde.

Agradecimentos/Apoio: Por fim, agradeço a minha avó por ter existido, me criado com amor, e principalmente ter sido resistência em um estado brasileiro de pura opressão e discriminação racial. Sua vida foi testemunho de coragem, e sua sabedoria permanecerá para sempre em meu coração e em minha memória.

Forma de apresentação:

- ☒ (x) Relato de Experiência
- ☐ () Pesquisa Acadêmica
- ☐ () Produção Poética ou Literária
- ☐ () Expressão Artística e Performativa
- ☐ () Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ () Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ (x) Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ () Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



A TRAJETÓRIA DO COLETIVO PRETO BEATRIZ NASCIMENTO

RICHARD FARIAS SOARES¹; KELEN FERREIRA RODRIGUES²

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – richardfariasecp@gmail.com 1; ²Universidade Federal de Pelotas 2 – Ferreirarodrigueskelen@gmail.com 2

Introdução: As universidades brasileiras costumam ser lugares extremamente violentos para os estudantes negros que decidem ingressar no ensino superior, principalmente, por conta da perpetuação do racismo estrutural, institucional, acadêmico e cotidiano que podem ser observados através dos currículos que negam e invisibilizam produções intelectuais negras, pelo sentimento de não pertencimento acadêmico sentido pelos estudantes e na falta de professores e colegas negros para além do pacto da branquitude que, intencionalmente ou não, reforça estes mecanismos que produzem situações de desvantagens para a população negra em espaços de poder e ascensão social. Quando falamos, especificamente, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) é importante ressaltar que se trata da última universidade, em âmbito federativo, a aderir cotas raciais e, ainda, deve-se lembrar dos diversos casos escancarados de violência racial que acontecem na instituição com alunos, técnicos-administrativos, professores, trabalhadores terceirizados e externos. Neste contexto, os coletivos negros universitários, despontam como lugares de acolhimento, formação política e resistência a este racismo imposto pelas instituições. O Coletivo Preto Beatriz Nascimento, fundado em setembro de 2023, por estudantes negros e negras dos cursos de História e Geografia da UFPel, surge como um espaço de empoderamento, enfrentamento ao racismo e fortalecimento da identidade racial negra.

Objetivo: Este trabalho tem o objetivo de apresentar a trajetória do Coletivo Preto Beatriz Nascimento na Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Desenvolvimento: A partir das experiências de um dos membros-fundadores, pretende-se mostrar, a construção e trajetória do Coletivo Preto Beatriz Nascimento que homenageia, Beatriz Nascimento, uma das maiores historiadoras negras do Brasil, sendo um coletivo sem vínculo institucional, fundado por estudantes negros e negras que reconheceram o nefasto problema racial presente na universidade, principalmente, através do currículo embranquecido e pelas limitadas discussões sobre relações étnico-raciais no curso de História da UFPel. Por meio destas incomodações, oficialmente, surge a fundação do Coletivo Preto Beatriz Nascimento como um grito de que existem saberes, vivências e estudantes negros e negras na universidade. Em seguida, nestes quase dois anos de coletivo, houveram aquilombamentos, reuniões, rodas de conversa, presenças em eventos, envolvimento de estudantes de vários cursos, parcerias com coletivos, quilombos urbanos, centros acadêmicos e núcleos. De forma que estas movimentações propuseram discussões que valorizam os saberes negros, incentivam a permanência e reforçam a importância dos coletivos no combate ao racismo no meio institucional.



Considerações finais: Diante do exposto, pode-se concluir que o Coletivo Preto Beatriz Nascimento vem carregando uma trajetória de luta e resistência sendo um importante espaço de enfrentamento ao racismo, permanência e fortalecimento da identidade racial negra dentro da universidade.

Palavras-chave: Coletivos negros; resistência negra; trajetórias negras; racismo; universidade.

Agradecimentos/Apoio: Agradeço à minha mãe, Raquel, e minha irmã, Rafaela, por serem minhas maiores motivações de seguir nessa trajetória acadêmica que para nós pessoas negras, infelizmente, é sempre um caminho árduo. Vou em frente por mim, por vocês, por um mundo melhor para nós. Espero que me desculpem pelas ausências.

Agradeço ao Coletivo Hildete Bahia e Coletivo Preto Beatriz Nascimento pelos aquilombamentos, discussões e oportunidades.

Agradeço ao Racionais Mc 's por ser a trilha sonora da minha trajetória acadêmica, mas principalmente pelos conselhos em forma de música: “Sempre fui sonhador, é isso que me mantém vivo”.

Por fim, agradeço à minha avó, Eliara, e ao meu avô, Paulo Renato. A saudade de vocês é imensa.

Forma de apresentação:

- ☒ (x) Relato de Experiência
- ☐ () Pesquisa Acadêmica
- ☐ () Produção Poética ou Literária
- ☐ () Expressão Artística e Performativa
- ☐ () Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ () Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ () Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☒ (x) Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



A UNIVERSIDADE NÃO É PRA GENTE: A EXPERIÊNCIA DE UMA MULHER NEGRA, OUVIDORA DE VOZES, QUE OUSOU SONHAR

JUCELIA MENDES ULGUIM¹; KELEN FERREIRA RODRIGUES²;
LUCIANE PRADO KANTORSKI³

¹Centro de Atenção Psicossocial CAPS Fragata-ferreirarodrigueskelen@gmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas - Faculdade de Enfermagem - ferreirarodrigueskelen@gmail.com; ³Secretaria Municipal- Coordenadoria de Rede de Atenção Psicossocial - kantorskiluciane@gmail.com

Introdução: Esse relato nasce da escuta dentro do Grupo de Ouvidores de Vozes de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) de Pelotas. Sou bolsista do grupo, mulher preta, quilombola, acadêmica de enfermagem e atuo na saúde mental. Aqui, compartilho a história de uma das nossas usuárias, mulher negra, ouvidora de vozes, diagnosticada com esquizofrenia paranoide, única mulher preta do grupo, atravessada por múltiplas violências: racismo, machismo e estigma em saúde mental. **Objetivo:** Dar visibilidade à sua trajetória, evidenciando como o racismo estrutural, o capacitismo e o estigma da esquizofrenia impactam o acesso e, principalmente, a permanência de mulheres negras na universidade. **Desenvolvimento:** Este relato de experiência, em formato autobiográfico faz parte de um micro projeto denominado “Ouvidores de vozes: novas abordagens em saúde mental”, que foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Curso de Enfermagem da UFPel (parecer nº 2.201.138), respeitando todos os trâmites éticos. Após uma tentativa frustrada no ENEM, ela tentou novamente com a mesma nota e ingressou em um curso de licenciatura, uma conquista inédita para sua família. Dizia que era como tentar segurar as nuvens: parecia impossível. Mas conseguiu. No entanto, entrar não foi o fim da luta, e sim o começo. Na universidade, enfrentou olhares desconfiados, falas cortadas e o peso de ser constantemente desacreditada por ser mulher preta e esquizofrênica. Professores diziam que o curso era difícil demais para ela. Precisava provar todos os dias que merecia estar ali. Resistiu enquanto pôde, mas o racismo institucional, o capacitismo, a solidão e a falta de apoio minaram sua saúde mental e física. Quando decidiu sair, não foi fracasso, foi sobrevivência. Embora a universidade representasse vitória, também foi espaço de dor, exclusão e esgotamento. **Considerações finais:** Sua presença na universidade foi um ato político de resistência, mas evidencia que não é justo resistir sozinha. É urgente transformar as estruturas acadêmicas, garantir escuta, políticas públicas interseccionais e redes reais de apoio. Sua vivência é singular e potente. E sua voz tantas vezes silenciada segue ecoando por uma universidade verdadeiramente inclusiva. Este relato pode ser apresentado pela usuária ou pela bolsista que a acompanhou.

Palavras-chave: Universidade; Estigma; Acesso e permanência; Ouvidores de Vozes; Mulher negra.

Agradecimentos/Apoio: Agradeço, com respeito e carinho, à usuária que confiou sua história, sua dor e sua luta para que essa escrita existisse. Sua voz, mesmo em meio ao silêncio que tantas vezes tentaram impor, é força, é resistência e é caminho. Agradeço



também ao Grupo de Ouvidores de Vozes do CAPS Fragata, que me possibilita viver essa troca tão rica entre escuta, cuidado e aprendizado. Como mulher preta, quilombola e bolsista, sigo aprendendo que nossa luta é coletiva, e que histórias como essa não podem mais ser ignoradas. Obrigada por resistir, por seguir, e por transformar sua experiência em semente de mudança.



AGROECOLOGIA QUILOMBOLA: (RE)EXISTÊNCIA MULTISSEULAR DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO RIO GRANDE DO SUL

EDER RIBEIRO FONSECA¹; CLÁUDIO BAPTISTA CARLE²; ALICE CRISTINA RESAFFE BARROS³; LEANDRA RIBEIRO FONSECA⁴; MARIA GABRIELA RIBEIRO⁵; JOSE EDUARDO RIBEIRO DUARTE⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – ederfonseca12@gmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas – e-mail do(a) cbcarle@yahoo.com.br; ³Instituto Federal Sul rio Grandese-Câmpus Visconde da Graça – resaffelice@gmail.com; ⁴Universidade Federal de Pelotas –leandrarb85@gmail.com; ⁵Universidade Federal de Pelotas – ribeirogabriela754@gmail.com; ⁶Universidade Federal de Pelotas – eduardudu512@gmail.com

Introdução: O estudo focado no arcabouço das práticas agroecológicas quilombolas dos quilombos da metade Sul do Rio Grande do Sul, utilizadas historicamente para suas sobrevivências, é uma das formas mais evidentes da resistência nos territórios ao longo dos séculos. Segundo FONSECA ET AL. (2020), a Agroecologia Quilombola apresenta as seguintes características: a tradição cultural e patrimonial identitária em seus cultivos, territorialidade, pela ancestralidade africana, oralidade, com reciprocidade, etnicidade, conexão plena com a natureza. **Objetivos:** O objetivo geral pode ser resumido a proposta de investigar de forma interseccional as práticas agroecológicas quilombolas, com seus saberes/fazeres/tradicionais em diferentes comunidades quilombolas localizados na metade Sul do Rio Grande do Sul, valorizando os conhecimentos ancestrais dos mais velhos (Griô) sobre o processo de cura das ervas medicinais. **Metodologia:** A forma metódica a ser utilizada está diretamente ligada aos objetivos, através de pesquisa qualitativa, métodos etnográficos e métodos populares desenvolvidos nos próprios quilombos. A investigação abarca a consulta bibliográfica, a autobiografia (ou autoetnografia), o diagnóstico de campo, as entrevistas semiestruturadas, o estudo etnográfico, as observações de campo em uma proposta de observação participante onde os mais velhos incidem sobre os caminhos da investigação e os levantamentos de indicadores qualitativos apresentados pelos interlocutores. O meu trabalho etnográfico é focado na comunidade Quilombola Passo do Lourenço e Arredores e localizada no município de Canguçu-RS e comunidade Quilombola Vó Elvira localizada no município de Pelotas- RS. **Desenvolvimento:** Neste momento do texto apresento o caminho com os mais velhos os saberes e fazeres, através de relatos das minhas interlocutoras(o), sobre as ervas medicinais e seus processos de cura, Observei outras plantas assentadas, nesses dois quilombos, vibrantes em “axé’s”. Destaco algumas de plantas que mostram a diversidade de ervas medicinais dos quilombolas, tais como: alecrim, canela de velho, losna, palminha, babosa, murta, malva, bardana, losna, mil-folhas, hortelã, espinheira santa, erva cidreira, guaco, tansagem, canela, bananinha do mato, pata de vaca, poejo, sabugueiro, açoita-cavalo, periquiteira, erva doce, curticeira, picão preto, poejo, quebra pedra, erva santa, funcho e coronilha. **Considerações finais:** Há um processo secular de conectividade entre os territórios



quilombolas e as ervas medicinais, essa conexão ontológica foi fundamental na formação e no assentamento dos descendentes de povos africanos que podemos determinar esses locais como territórios afro diaspóricos ancestrais.

Palavras-chave: griôs; medicina ancestral; quilombos; ervas medicinais.

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☒ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



ARQUEOLOGIA E RESISTÊNCIA: VISÃO VINDA DOS QUILOMBOS

ELAINE PINTO

*Universidade Federal do Oeste do Pará
elaineapolo2018@gmail.com*

Introdução: O presente resumo tem como tema Arqueologia e Resistência: Visão vinda dos Quilombos. Pesquisas nos territórios quilombolas são bastante limitadas, sobretudo na área de arqueologia. Atualmente são 14 quilombos, localizados no município de Santarém, na região do Baixo Amazonas. Cada quilombo possui sua autonomia, tem sua história, seu processo de formação e o mais interessante é como eles estão dialogando entre si. **Objetivo:** Meu objetivo com a pesquisa proposta é levantar informações sobre ocupações pretéritas, a partir da arqueologia, estudar o longo processo de ocupação do local, a fim de relacionar com o contexto de formação dos quilombos da região. É fazer uma arqueologia aforreferenciada a partir das histórias e evidências que nos são contadas pelos mais antigos e das minhas vivências no quilombo. **Desenvolvimento:** Fazer uma arqueologia em quilombos, vai além dos registros materiais, é fazer uma arqueologia Sankofa, saber de onde viemos e para onde vamos, é através da oralidade, da memória, da paisagem. O apagamento sobre a história e formação dos quilombos no Brasil, ocorre a nível nacional, e com isso transmitiu a ideia equivocada de que não havia quilombos no Pará. Entender sobre os contextos de sítios arqueológicos em quilombos é algo que precisa ser discutido no ambiente científico mais profundamente nos últimos anos. O desenvolvimento de pesquisas em território quilombola deve estar de acordo com a OIT 169. Realizamos conversas com moradores mais antigos, mapeamento participativo das antigas ocupações, árvores centenárias, plantas de poder, locais de encantados e topônimos. **Considerações finais:** Os resultados obtidos mostram que os processos de formação e ocupação ocorrem através de parentesco, casamentos, e relações medicinais entre benzedeiras e parteiras, constituem o território. Os registros deixados na paisagem, pelas plantas ou árvores específicas, evidenciam a agência que os quilombolas têm com espaço e a mobilidade que vem ocorrendo, e como os quilombolas constituíram seus próprios locais de moradias, ocupando território, plantando, cultivando. Esta pesquisa mostra como a arqueologia pode ser também uma ferramenta política no processo de garantir o bem viver e direito aos territórios frente às ameaças, e como forma de valorização histórico cultural.

Palavras-chave: Arqueologia; Quilombos; Memória; Territórios; Resistência

Agradecimentos/Apoio: As lideranças quilombolas, UFOPA e CNPq



AS ENCRUZILHADAS DO BARÁ DO MERCADO DE PELOTAS (RS)

Isabel Soares Campos¹

¹Doutorado em Antropologia pela Universidade Federal de Pelotas – isabelsoaresc@gmail.com

Introdução: Bará do Mercado pode ser lido como um espaço-sagrado no qual atribui-se referência simbólica fundamental para a existência das comunidades tradicionais de terreiro e para a manutenção de suas práticas ritualísticas. No entanto, a perspectiva decolonial¹ emerge como abertura de caminhos para a compreensão do Mercado do Bará não apenas como símbolo ou representação de uma prática cultural, mas Bará como um conceito do “campo inventivo”. Uma vez que, “as populações subordinadas ao regime de opressão do escravagismo forjaram um arsenal de ações descoloniais” (RUFINO, 2019, p. 67). **Objetivo:** Em Pelotas, Bará se materializou a cada ritualização, ganhando forma e força a cada gesto sagrado - desde o seu assentamento em 2012, as Procissões até a instituição oficial de seu dia no calendário da cidade. Rompeu os limites do privado, expandindo-se do espaço do terreiro para ocupar diferentes espaços públicos. Além disso, ao tornar-se visível no cotidiano urbano, abriu caminhos que culminaram no reconhecimento oficial de sua existência como patrimônio cultural do estado do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é reconhecer epistemologicamente que Bará é campo inventivo e do saber-fazer, que refaz a materialidade dos espaços físicos, mas sem excluir as memórias e significados amortizados pela cosmovisão colonial. Pois, ao buscar o caminho da publicização, Bará potencializa contranarrativas à modernidade. **Desenvolvimento:** Bará se faz presença na cidade de Pelotas como potência política, pois visibiliza e combate o racismo religioso e as ideias colonialistas de que “outras práticas” são primitivas e não religiosas; como potência poética porque revela a inviabilidade de separar o ser e o saber; e como potência ética porque cria novos conhecimentos que transgridem a história considerada “oficial” da elite pelotense sobre o Mercado Público e a cidade. **Considerações finais:** Portanto, a materialidade do território, nesse caso o chão sagrado feito pelo Bará não se limita ao Mercado Público, mas que se materializa ao sacralizar as ruas da cidade, cujo saber-fazer é determinante para Bará, bem como para as divindades e ancestrais habitarem esses espaços. Sendo assim, Bará territorializa a cidade através de agência ritual e política, entrelaçando o sagrado e o público. Essa confluência, por vezes, se manifesta em reconhecimentos institucionais; em outras, gera materialidades que expõem e denunciam as lógicas opressoras ainda operantes nas colonialidades.

Palavras-chave: Bará do Mercado; decolonial; terreiro

Agradecimentos/Apoio: Ao meu amigo, Babalorixá Juliano D'Oxum

¹ O pensamento decolonial parte de um conjunto de categorias analíticas e explicativas cuja função é fazer críticas ao modelo moderno-colonial.



Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☐ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☒ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☒ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



“ATÉ QUANDO?": RACISMO INSTITUCIONAL E OS DESAFIOS DE SER UMA MULHER, NEGRA E DOCENTE EM UMA UNIVERSIDADE FEDERAL DO EXTREMO SUL DO BRASIL

SIMONE QUADROS ALVAREZ¹

¹Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – alvarez.sqa@gmail.com

Introdução: A presença de mulheres negras em universidades públicas ainda enfrenta barreiras estruturais em instituições historicamente compostas por um corpo docente majoritariamente branco e masculino. O racismo institucional, muitas vezes disfarçado de neutralidade, atua na manutenção dessa desigualdade. Sueli Carneiro (2005) e Lélia Gonzalez (2020) alertam que esse processo representa também um epistemicídio – a negação e invisibilização dos saberes e presenças negras na academia. Nilma Lino Gomes (2017) aponta que as universidades são espaços de disputa simbólica, onde se faz necessária a valorização da luta histórica do movimento negro e das políticas reparatórias. A Lei nº 12.711/2012 (Lei de Cotas) foi um marco na busca por equidade racial, mas sua implementação ainda enfrenta resistências institucionais, evidenciando a permanência do racismo estrutural. João Jorge Santos Rodrigues (2010) destaca que esse racismo se manifesta por normas e práticas aparentemente neutras, mas com efeitos excludentes. **Objetivo:** Relatar, a partir da experiência da autora, os desafios enfrentados como mulher, negra e docente durante um concurso público realizado por uma universidade federal no extremo sul do Brasil, com ênfase nas barreiras institucionais e raciais vivenciadas. **Desenvolvimento:** O concurso público mencionado ocorreu em 2022. Durante o processo, a autora foi impedida de concorrer na ampla concorrência, apesar de estar habilitada para ambas as modalidades (cotas e ampla), o que exigiu intervenção judicial. A liminar foi concedida tardiamente, permitindo apenas a participação na segunda etapa do certame, gerando insegurança jurídica e abalo emocional. Tal episódio reflete a atuação do racismo institucional por meio de interpretações restritivas das ações afirmativas. Em vez de promover a inclusão, as instituições impõem entraves burocráticos. Gonzalez (2020) enfatiza o enfrentamento interseccional vivido por mulheres negras. Angela Davis (2016) reforça que raça, classe e gênero são dimensões entrelaçadas de opressão. Kabengele Munanga (2003) critica o mito da democracia racial e defende políticas específicas para reverter as desigualdades históricas. **Considerações finais:** O racismo institucional se expressa em práticas silenciosas que dificultam o acesso, a permanência e o reconhecimento de pessoas negras no serviço público e na universidade. A Lei nº 12.711/2012 precisa ser acompanhada de um real compromisso institucional com a equidade. É urgente investir em formação antirracista, rever práticas excludentes e garantir maior presença de mulheres negras em espaços de decisão. Este relato busca ser tanto denúncia quanto instrumento de resistência e transformação.



Palavras-chave: Racismo institucional; Mulher negra; Concurso público; Ações afirmativas; Universidade pública

Forma de apresentação:

- ☒ (x) Relato de Experiência
- ☐ () Pesquisa Acadêmica
- ☐ () Produção Poética ou Literária
- ☐ () Expressão Artística e Performativa
- ☐ () Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ () Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ () Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ () Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



ATENÇÃO FARMACÊUTICA À POPULAÇÃO NEGRA: DESAFIOS, PARTICULARIDADES CLÍNICAS E ATUAÇÃO FRENTE ÀS DOENÇAS HEMATOLÓGICAS E HIPERTENSIVAS - UMA REVISÃO NARRATIVA

JOSIANE KÖNZGEN SCHNEID¹; MARIANA FREIRE BARBIERI GERZSON²

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – josianekonzgenschneid@gmail.com; ²Universidade
Federal de Pelotas 2 – mgerzson@yahoo.com.br

Introdução: O racismo estrutural e institucional influencia significativamente o acesso, o acolhimento e os desfechos em saúde da população negra no Brasil. Segundo dados do Ministério da Saúde, as principais causas de hospitalização e mortalidade nesta população incluem hipertensão arterial, complicações da anemia falciforme e doenças cardiovasculares. A anemia falciforme, doença hereditária predominante em afrodescendentes, demanda acompanhamento rigoroso para manejo de crises dolorosas, anemia hemolítica e complicações infecciosas. Além disso, a hipertensão arterial sistêmica apresenta maior prevalência e gravidade nesta população, com diferenças na resposta às classes farmacológicas, como os inibidores da enzima conversora de angiotensina (IECA) e bloqueadores dos canais de cálcio (BCC). **Objetivo:** Este estudo tem como objetivo revisar e discutir estratégias de atenção farmacêutica específicas para a população negra, considerando fatores genéticos, sociais e culturais que influenciam a farmacoterapia e os desfechos clínicos. **Desenvolvimento:** Realizou-se uma revisão narrativa da literatura, nas bases SciELO, PubMed e LILACS, utilizando os descritores: “atenção farmacêutica”, “população negra”, “anemia falciforme”, “hipertensão arterial” e “farmacoterapia antihipertensiva”. Foram incluídos artigos publicados entre 2018 e 2024, em português, inglês e espanhol. A anemia falciforme causada por mutação na hemoglobina (HbS) afeta predominantemente pessoas de ascendência africana, levando à deformação eritrocitária, crises vaso-oclusivas e anemia hemolítica. A atenção farmacêutica envolve o monitoramento da adesão à hidroxiureia, administração de vacinas específicas e antibioticoprofilaxia (penicilina benzatina ou oral em crianças), além de educação em saúde quanto à hidratação e sinais de alerta para crises. Os farmacêuticos desempenham papel crucial na prevenção de interações medicamentosas, ajuste de doses e prevenção de toxicidades associadas à hidroxiureia. Na hipertensão arterial entre a população negra, os estudos demonstram menor resposta terapêutica aos IECA e betabloqueadores, e maior eficácia dos BCC, como o anlodipino e os diuréticos tiazídicos. A atenção farmacêutica também deve considerar o perfil farmacogenético e socioeconômico, monitorando efeitos adversos (hipotensão, edema periférico), promovendo adesão terapêutica e estratégias educativas sobre controle pressórico, dieta hipossódica e prática de atividade física. **Considerações finais:** A atenção farmacêutica voltada à população negra deve transcender o aspecto técnico, incorporando a compreensão dos determinantes sociais, do racismo estrutural e das vulnerabilidades históricas. Estratégias específicas para o manejo de anemia falciforme e hipertensão arterial são essenciais para reduzir



as desigualdades raciais em saúde. A atuação proativa do farmacêutico, tanto em serviços públicos quanto privados, é fundamental para promover equidade e melhorar os desfechos clínicos nessa população.

Palavras-chave: Atenção farmacêutica. População negra. Anemia falciforme. Hipertensão arterial. Farmacoterapia.

Agradecimentos/Apoio: -

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☒ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



ATRAVÉS DAS FRESTAS: REFLEXÕES SOBRE A APLICABILIDADE DA ABORDAGEM DECOLONIAL DESDE O SUL DO SUL

GREGORY RAMOS OLIVEIRA¹

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL – Câmpus Pelotas) – gramosoliv@gmail.com

Introdução: Neste ensaio, pretendo compartilhar algumas reflexões a partir da possibilidade e das estratégias de aplicação de uma abordagem decolonial em práticas docentes de Ensino Médio, em específico no Sul do Sul Global. Romper com as amarras da colonização é um dever imperativo no fazer docente desde a América, sobretudo ao compreendermos que ainda vivemos sob a égide da Colonialidade. Enquanto saberes não-ocidentais são relegados ao exotismo ou a estereótipos generalizantes e preconceituosos, os conhecimentos ocidentais mantêm posição de privilégio no ensino básico, sobretudo nas humanidades.

Objetivo: Assim, me ocupo em fazer um relato de prática docente, em específico da tentativa de operar ao máximo tanto para efetivação do que a legislação demanda do docente no que diz respeito ao ensino da cultura e história dos povos originários do nosso continente, africanos e afro-brasileiros (lei 11.645/08), mas também para tentar suprir as lacunas no ensino de história que senti ao longo de minha trajetória acadêmica, parte de uma prática contrária à Colonialidade que me marca enquanto pesquisador, historiador e docente negro e gaúcho. **Desenvolvimento:** A aplicabilidade da abordagem decolonial passou por algumas limitações, o que me levou a ter de trabalhar através das frestas nas paredes impostas por uma mentalidade e currículo ainda notoriamente ocidentalizado e ocidentalizante. Argumento que o fazer docente em nosso contexto e em nosso século não deve mais passivamente reproduzir uma noção única do passado e do presente, mantendo a centralidade da história e cosmovisão ocidental em ementas e práticas docentes. Ao fazer isso, ignora-se, por exemplo, as distintas formas de compreender o tempo, a *diferença colonial* (Mignolo, 2008) que distingue a experiência da pessoa oprimida na nossa parte do continente e no Ocidente, o que impede uma “tradução” de discussões do contexto estadunidense ou eurasiático ao nosso meio. Sem pretensão de encerrar a discussão, trago por apontamentos preliminares a necessidade em buscarmos a contribuição de autoras e autores do Sul Global, especialmente de nosso continente, antes de nos voltarmos unilateralmente para as (ainda assim válidas) contribuições de autores do Norte Global, tendo por ênfase a distinção entre experiências e vivências em pontas distintas do globo. **Considerações finais:** O fazer docente no Sul do Sul deve ter por ênfase a consideração dos meios, das vivências e das ancestralidades da comunidade da qual está inserido, descentralizando o que é imposto pela Colonialidade dos saberes, mesmo que, para isso, haja uma demanda por certa transgressão na forma de construir novos saberes históricos.

Palavras-chave: Decolonialidade; Prática docente; Sul Global; Currículo.



Agradecimentos/Apoio: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul).

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☐ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☒ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



Benzedeiras: o cuidado à saúde de uma comunidade quilombola do interior do Rio Grande do Sul

TAÍS ALVES FARIAS¹; MICHELE MANDAGARÁ DE OLIVEIRA²; MARINA SOARES MOTA³

¹Universidade Federal de Pelotas – tais_alves15@hotmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas – mandagara@hotmail.com; ³Nome da Instituição do(a) autor(a) Universidade Federal de Pelotas – msm.mari.gro@gmail.com

Introdução: Os denominados quilombolas buscam manter as tradições culturais, de subsistência e religiosas durante séculos (RAMOS, SMANIOTTO, 2014). Os indicadores sociais permitem identificar as condições de existência e demandas dos moradores, necessidades além da ausência de doença, mas que propiciem uma qualidade de vida para as pessoas, como alimentação, educação, transporte, meio ambiente e saúde (AMORIM, 2013). As práticas de cuidados e saberes de saúde baseadas na espiritualidade interligadas com atividades religiosas, criando estratégias para cura utilizando como suporte sua crença e fé. Essas estratégias acabam por influenciar seu contexto em questões de saúde valorizando seus costumes nos tratamentos e cuidados com a saúde. **Objetivo:** Reconhecer as benzedeadas e o cuidado à saúde de uma comunidade quilombola do interior do Rio Grande do Sul. **Desenvolvimento:** Recorte da Dissertação intitulada Representações sociais de mulheres quilombolas em um município no interior do Rio Grande do Sul: o cuidado à saúde de si, do outro e do coletivo do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da UFPEL. Pesquisa realizada em uma comunidade quilombola da cidade de Piratini no ano de 2021 com 12 mulheres desse território. As práticas culturais e tradicionais das comunidades quilombolas empregadas por benzedeadas acontecem como fonte de promoção de cura, tratamento e proteção quando aliadas a religiosidade com as marcas de ancestrais africanos e sua trajetória no povo brasileiro. Os integrantes promovem a benzedura nas comunidades são figuras respeitadas e reconhecidas por um cuidado superior e que fixam a identidade negra. As práticas e alternativas naturais geralmente são passadas por membros da família ou pessoas idosas da própria comunidade que representam experiência e grande sabedoria ou até mesmo em suas vivências. Representações sociais das falas das participantes demonstram como a utilização e imagem de práticas complementares, que fornecem alternativas para a precariedade da falta de acesso a serviços de saúde são eficazes e possuem grande influência nos cuidados à saúde dos moradores dessa comunidade quilombola (FARIAS, 2018), devida ao senso comum trazido culturalmente de geração a geração pelos mais velhos e que auxiliam muito para manter o mínimo de cuidado nessa população. É essencial manter essas práticas, a fim de possibilitar condições de saúde que abranjam esses indivíduos e suas especificidades, fornecendo suporte no contexto em que estão desassistidos. **Considerações finais:** Consideramos importante valorizar a preservação da identidade cultural dos quilombolas por meio do estudo de suas práticas de cuidado e cura, é importante realizar estudos que registrem as atividades que reafirmam a cultura de uma comunidade quilombola. Nota-se que estas populações possuem compreensões próprias de saúde e doença e fazem uso de técnicas alternativas de cuidado e cura, ensinadas de geração para geração por meio da oralidade entre seus grupos sociais.



Palavras-chave: Comunidade quilombola, benzedeiras, cuidados à saúde.

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



BENZEDURA, ESPIRITUALIDADE E COMUNIDADE: LEMBRANÇA E MEMÓRIAS DO SEU PEDRO BENZEDOR

Gilson Simões Porciúncula

Universidade Federal de Pelotas – gilson.porciuncula@ufpel.edu.br

Introdução: A prática da benzedura é um saber ancestral afro-brasileiro transmitido oralmente por gerações, profundamente enraizado em comunidades negras e periféricas. Em contextos marcados pela ausência do Estado, benzedores e benzedoras cumpriram papel essencial no cuidado à saúde física e espiritual. Com o tempo, essas práticas vêm se tornando cada vez mais raras, sobretudo nas cidades. Este trabalho resgata, a partir do relato seu filho e autor do trabalho, a trajetória de Pedro Porciúncula, benzedor popular que atuou por mais de 50 anos no bairro Fragata, em Pelotas, Rio Grande do Sul, oferecendo atendimentos gratuitos com base na espiritualidade e no compromisso comunitário. **Objetivo:** Registrar e valorizar a trajetória de Pedro Porciúncula como benzedor, agricultor familiar e liderança espiritual, destacando sua contribuição para a saúde e o bem-estar da população periférica, bem como sua importância como guardião de saberes tradicionais. **Desenvolvimento:** Meu pai, Pedro Porciúncula, autodidata, aprendeu a ler por meio de livros espíritas e desenvolveu mediunidade e práticas de cura. Nasceu em 1927, no município de Canguçu, descendente de Amabilia Porciúncula, mulher negra fugida do processo de escravização, e de Lázaro Bieda, imigrante negro uruguaio que escapava de conflitos em seu país. As sessões de benzedura ocorriam em nossa casa, às segundas, quartas e sextas-feiras, reunindo famílias inteiras para preces e passes. Era procurado por pessoas com diversos tipos de enfermidades, mas os casos mais difíceis, geralmente sem solução médica, envolviam doenças de pele, que encontravam alívio e cura pela benzedura. Em determinados períodos, era preciso distribuir fichas para organizar os atendimentos. Paralelamente, dedicava-se à agricultura familiar, vendendo hortaliças e doces caseiros. Sua vida simples era guiada pela ética do cuidado e pelo compromisso com a coletividade. Faleceu aos 95 anos, em 2022, mas seu legado permanece vivo entre familiares e pessoas atendidas ao longo de décadas. **Considerações finais:** A memória de Seu Pedro permanece viva entre familiares, vizinhos e todos aqueles que vivenciaram momentos de cura, fé e solidariedade com ele. Ao resgatar e homenagear sua história, este trabalho contribui para o reconhecimento das práticas ancestrais negras como legítimas formas de cuidado, espiritualidade e produção de conhecimento.

Palavras-chave: Benzeção; memória negra; espiritualidade; saber popular.

Forma de apresentação:

(x) Relato de Experiência

Eixo temático:

(x) Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência.



CÂNCER COLORRETAL E POPULAÇÕES VULNERABILIZADAS: UM RECORTE RACIAL E QUANTITATIVO

EDUARDA SCHELLIN WACHOLZ¹; CAROLINE TAVARES DE SOUZA²;
ARETUZA ARÁDIA FRANCESCHET³;
CAROLINE DE LEON LINCK⁴; MICHELE CRISTIENE NACHTIGALL
BARBOZA⁵

¹ Universidade Federal de Pelotas – eduardaschellin149@gmail.com; ² Universidade Federal de Pelotas – carolinetavares576@gmail.com ; ³ Enfermeira da Secretaria Municipal de Pelotas - arefran15@gmail.com; ⁴ Universidade Federal de Pelotas - linck.caroline@ufpel.edu.br; ⁵ Universidade Federal de Pelotas– michelecnbarboza@gmail.com

Introdução: O câncer colorretal (CCR) é uma das neoplasias mais prevalentes no Brasil, majoritariamente representado por adenocarcinomas originados na mucosa do intestino grosso (INCA, 2022). Frequentemente diagnosticado tardiamente, exige intervenções cirúrgicas, sendo assim necessário a confecção de estomia — abertura para eliminação de fezes ou gases (INCA, 2022). Entre os principais fatores de risco, destacam-se hábitos alimentares inadequados, que impactam desproporcionalmente pessoas em vulnerabilidade socioeconômica, especialmente negras e pardas. No Brasil, a população afrodescendente representou 4,2% dos casos totais de CCR registrados entre 2015 e 2023 (Silva e Gomes, 2024). **Objetivo:** Conhecer o quantitativo de pacientes autodeclarados negros e pardos submetidos a estomias em acompanhamento pelo Programa de Assistência ao Estomizado e Incontinente (PAEI), no ano de 2019. **Desenvolvimento:** Trata-se de um recorte de uma pesquisa mista intitulada “Atenção à saúde das pessoas com estomias e suas famílias em um serviço de referência de um município do sul do Brasil”, com coleta de dados realizada no PAEI, localizado no Sul do Rio Grande do Sul, devidamente aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob parecer nº 7.389.077. No ano de 2019, foram registrados 93 saídas por obito ou reversão de pacientes no PAEI, dos quais 31,1% se autodeclararam brancos e/ou outra raça, 8,6% se autodeclararam negros ou pardos e obteve-se 60,2% de registros ignorados. Esse dado evidencia a baixa representatividade de pessoas negras e pardas entre os pacientes acometidos por CCR ou outras condições clínicas que demandam estomia. Além disso, revela a ausência de registros desta informação nos prontuários. Esses achados vão ao encontro do que apontam Moreti, et al. (2025), ao relatarem uma maior incidência de estomias na população branca, porém os dados obtidos divergem de achados de um estudo internacional, os quais indicam que pessoas negras e/ou pardas têm até 20% mais predisposição ao CCR (American Cancer Society, 2020). Portanto, é importante destacar que essa população ainda enfrenta diversas barreiras no acesso aos serviços de saúde, relacionadas a desigualdades socioeconômicas, racismo estrutural e dificuldades na prevenção, diagnóstico precoce e tratamento oportuno. **Considerações finais:** Apesar de serem minoria nos diagnósticos brasileiros, há a necessidade de investigações adicionais para verificar se a população negra e parda está mais suscetível ao desenvolvimento de CCR



devido à maior exposição a fatores de risco ou se enfrenta barreiras no acesso aos serviços de saúde, tanto para diagnóstico quanto para tratamento. Ressalta-se, ainda, a importância desta informação nos prontuários, a fim de permitir análises mais precisas e características mais completas. No contexto brasileiro, é essencial considerar que esses dados podem variar significativamente em razão das marcantes desigualdades regionais e estruturais que permeiam o sistema de saúde.

Palavras-chave: Câncer colorretal; estomia; negros; pardos; serviço.

Agradecimentos/Apoio: Agradeço ao Programa de Assistência ao Estomizado e Incontinente (PAEI) e ao projeto de extensão, ensino e pesquisa “Colaborando na adaptação de pessoas com estomas intestinais e famílias” pela oportunidade de inserção no ambiente de serviço, bem como pela contribuição significativa para a aquisição de conhecimentos teóricos e práticos.

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☒ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



COLETIVO NEGRO CAROLINA MARIA DE JESUS: DISPOSITIVO DE PERTENCIMENTO E MANUTENÇÃO DA PESSOA NEGRA NO ESPAÇO DA TERAPIA OCUPACIONAL

PRINCE CHAIENE MEIRELES DUARTE¹; LARISSA DAL AGNOLL DA SILVA²;
LARISSA GOUVÊA SOARES³; MICHELE MANDAGARÁ DE OLIVEIRA⁴;
MARIELDA BARCELLOS MEDEIROS⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – toprincemeireles.15@gmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas – larissadallagnolto@gmail.com; ³Universidade Federal de Pelotas – gslarlina@gmail.com; ⁴Universidade Federal de Pelotas – michele.mandagará@gmail.com; ⁵Prefeitura Municipal de Pelotas – mananegra@gmail.com

Introdução: Os Coletivos Negros universitários brasileiros começam a emergir na década de 70 em reação do movimento negro de base acadêmica ao regime militar, em consonância, há uma organização dos estudantes negros para enfrentar também o racismo institucional e promover a conscientização racial nas universidades. O Coletivo Carolina Maria de Jesus na Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas, mais conhecido como Carolina, foi criado no dia 23 de maio de 2022, por Larissa Gouvêa e Prince Meireles Duarte, na data estudante e docente do Curso de Terapia Ocupacional, respectivamente. Surge na perspectiva de Touraine (1977), questionando a dominação do sistema de ação histórica, e composto numa combinação de princípios de: identidade, de oposição e de totalidade, em sentido amplo como um ator de um campo de ação histórica. Os dados aqui apresentados são recorte da dissertação “Coletivos Negros na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) em escritórias: Produção de subjetividades a partir das vivências no ensino superior” realizada no Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. **Objetivo:** Apresentar o Coletivo Carolina Maria de Jesus na perspectiva de dispositivo de pertencimento e manutenção da pessoa negra no espaço da Terapia Ocupacional. **Desenvolvimento:** O Coletivo Negro Carolina Maria de Jesus foi inspirado na herança deixada pela escritora que o batiza. Carolina, mulher negra, mãe solo, em contexto de pobreza e moradora da periferia, enfrentou o silêncio imposto pela sociedade por meio de sua potente escrita. A partir da força transformadora que um coletivo negro pode exercer nasceu o Carolina com a missão de oferecer acolhimento a estudantes e docentes negros, fiscalizar o cumprimento das cotas raciais, promover estudos com perspectiva descolonial e marcar presença em eventos na UFPEl e fora dela. Desde sua criação, conta com a participação de professores negros e não negros, bem como de estudantes negros, atuando de maneira independente enquanto projeto de extensão. Desde o primeiro ano, garantiu assento e voto no colegiado do Curso de Terapia Ocupacional, sendo o único coletivo identificado com tal prerrogativa. Essa inserção tem sido reconhecida pelos integrantes como fundamental, por ser o espaço onde se debate o racismo institucional e se busca ativamente preencher as lacunas no conhecimento sobre teorias decoloniais. O coletivo também estabelece um ambiente seguro de reconhecimento e apoio,



possibilitando que denúncias de racismo sejam feitas de forma anônima ao colegiado, promovendo uma resolução ética dos casos. **Considerações finais:** Anualmente, o Carolina publica suas participações em eventos e trajetória na Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão da UFPel, como forma de manter viva a memória e o histórico de seus feitos, para que no futuro, o Carolina possa estar vivo para acolher os bem chegados.

Palavras-chave: Coletivos Negros; Carolina Maria de Jesus; ensino superior.

Agradecimentos/Apoio: Aos integrantes do Carolina Maria de Jesus - UFPel

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



CUIDADOS DE PESSOAS COM FERIDAS SOB AS LIMITAÇÕES DO RACISMO AMBIENTAL

GIOVANA MACHADO XAVIER¹; ADRIZE RUTZ PORTO²; UELBERT BORGES ROSA COLERAUS³; MARINA SOARES MOTA⁴

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – giovanaxavier90@gmail.com 1; ²Universidade Federal de Pelotas 2 – adrizerutzporto@gmail.com 2;

³Universidade Federal de Pelotas 3 – Uelbert2@gmail.com 3; ⁴Universidade Federal de Pelotas 4 – msm.mari.gro@gmail.com

Introdução: O racismo ambiental é a injustiça social e ambiental que recai sobre comunidades racializadas e historicamente marginalizadas. Essas comunidades enfrentam desafios ao viverem expostas em áreas de risco para violência por conta das condições socioeconômicas e falta de infraestrutura, tal como saneamento básico. Em contextos vulneráveis, o tratamento de pessoas com feridas torna-se um desafio, não apenas pela gravidade clínica, mas também pelas barreiras estruturais impostas por esse racismo ambiental. A exclusão social, o descaso com políticas públicas e a falta de acesso aos direitos fundamentais constitucionais, como serviços de saúde agravam o sofrimento dessas populações. **Objetivo:** Este trabalho tem como objetivo refletir sobre os cuidados de pessoas com feridas em comunidades impactadas pelo racismo ambiental. **Desenvolvimento:** A saúde da população está diretamente relacionada às condições ambientais e sociais em que os indivíduos vivem. O racismo ambiental afeta diretamente os indivíduos das comunidades racializadas, de forma social, ambiental, nutricional e no acesso à saúde. Essas condições comprometem a saúde da população de diversas formas, por exemplo, pela falta de acesso à alimentação orgânica e nutritiva, exposição maior às infecções, doenças de pele, infestações parasitárias e maior incidência de feridas pela dificuldade de manejo de condições crônicas de saúde, que muito dependem de cuidados não farmacológico, como hábitos de vida. Além disso, essas comunidades enfrentam dificuldades de acesso aos serviços de saúde, seja por distância geográfica, racismo institucional ou escassez de recursos e as condições de vida restritas de um ambiente onde inadequado, sem um cenário limpo, para evitar contaminação da ferida. No entanto, em locais com racismo ambiental, a ausência de saneamento e segurança alimentar limita consideravelmente o tratamento para a cicatrização de feridas. Os profissionais de saúde que atuam em comunidades periféricas e marginalizadas enfrentam barreiras estruturais que dificultam a prestação de um cuidado adequado: falta de materiais e pouca capacitação específica e carga elevada de trabalho. Muitos profissionais não foram formados para compreender as intersecções entre saúde, racismo e ambiente, o que reduz sua visão e ação sobre esse tema. O racismo estrutural reforça estereótipos que influenciam negativamente a qualidade do atendimento, tornando o cuidado mais superficial ou negligente, afetando diretamente aqueles que sofrem com a falta de estrutura para o cuidado das feridas. **Considerações finais:** Portanto, é fundamental reconhecer que feridas não se tratam apenas com produtos, mas também com dignidade, respeito e justiça social. O enfrentamento do racismo ambiental no cuidado em saúde exige compromisso político, sensibilidade ética e mudanças estruturais. Cuidar das feridas, nesses casos, passa também por curar as feridas da exclusão e da injustiça social imposta pelo racismo ambiental.



Palavras-chave: Enfermagem; Racismo ambiental; Feridas.

Agradecimentos/Apoio: opcional

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☐ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☒ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☒ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



CURSO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL PARA MIGRANTES COM FOCO NA VIDA PÚBLICA: UMA PROPOSTA ANTICOLONIAL

THAMYRIS FERREIRA OYARZABAL QUADROS¹

¹Universidade Federal De Pelotas (UFPEL) – thamyris2402@gmail.com

O Curso de Português como Língua Adicional com foco na Vida Pública (PLA Vida Pública) é uma ação de extensão desenvolvida pelo Grupo Letras de Lei na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) desde de 2023. Destinado a migrantes com potencial condição de vulnerabilidade social, o curso tem como objetivo promover, por meio do ensino da língua portuguesa, o conhecimento linguístico necessário ao acesso efetivo a direitos humanos e a serviços públicos no Brasil.

Dados recentes do Conselho Nacional de Imigração (CNIg), analisados pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), revelam que, no primeiro trimestre de 2025, a maioria das autorizações de residência concedidas foi destinada a pessoas oriundas de países africanos ou de composição étnico-racial majoritariamente negra, como o Haiti, Angola, Marrocos e Congo — estes últimos três também entre os principais em número de solicitações de refúgio. Em um estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), identificou-se que a língua portuguesa é um dos principais obstáculos enfrentados por migrantes no acesso a direitos fundamentais como saúde, educação e trabalho, reforçando situações de exclusão social.

Essa barreira está relacionada à ausência de políticas linguísticas voltadas a essa população, como serviços de tradução e interpretação. Tal ausência é reflexo de uma concepção histórica de homogeneidade linguística no Brasil, construída a partir da colonização portuguesa e reforçada em políticas como a Campanha Nacionalizadora de Vargas, que impôs o português como única língua legítima, desvalorizando as demais.

Diante desse contexto, a proposta do curso PLA Vida Pública não se limita ao ensino da língua, mas se alinha a uma perspectiva anticolonial de educação, pautada na racionalidade cosmopolita, que busca reconhecer e valorizar a diversidade linguística e cultural dos sujeitos migrantes, contribuindo para o enfrentamento das desigualdades e para a construção de um espaço de escuta, acolhimento e transformação social (BIZON; DINIZ, 2019).

Palavras-chave: Migrantes; Educação; Vida pública; Direitos Humanos; Políticas Linguísticas.

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa



() Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- (X) Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- () Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- () Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



DA ABOLIÇÃO AO ACESSO: A LUTA DA POPULAÇÃO NEGRA PELO DIREITO AS POLÍTICAS PÚBLICAS

REJANE DE OLIVEIRA GOMES¹

¹Fundação Universidade do Rio Grande (Furg); Email: rejane.gominhas@gmail.com

Introdução: A falsa abolição em 13 de maio de 1888, não significou a inclusão social, política e educacional da população negra no Brasil. Ao contrário, inaugurou um período marcado por exclusões, apagamentos e negação de direitos fundamentais. A Lei Áurea libertou os escravizados, mas não lhes garantiu acesso à terra, ao trabalho digno ou à educação. Assim, o período pós-abolição foi caracterizado por uma transição do regime escravocrata para um modelo de marginalização racial sustentado por políticas públicas omissas e pela montagem de um racismo estrutural que ainda hoje persiste. Assim, o percurso que vai da abolição à implementação das ações afirmativas evidencia que a liberdade legal foi apenas o primeiro passo de uma longa caminhada. As lutas por políticas públicas e pelo reconhecimento real das inúmeras desigualdades, são processos que atravessam a vida do negro e da negra todos os dias.

Objetivo: Avaliar as políticas pós-abolicionistas na sua eficácia contra o racismo estrutural. **Desenvolvimento:** O ensino no Brasil foi pensado para formar uma cidadania branca e europeizada, negando a história, a cultura e os saberes africanos e afro-brasileiros. Durante muitos anos, o acesso à escola foi privilégio das classes médias e altas, e a população negra permaneceu em situação de extrema desigualdade educacional. Neste campo, as lutas resultaram em conquistas importantes, como a promulgação da Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas. Este trabalho propõe uma análise reflexiva, através de roda de conversa sobre a implementação das leis educacionais pós-abolição até os dias atuais.

Considerações finais: Desta forma conclui-se com este trabalho aponta para um pós abolição numa crescente até os dias atuais, que demonstram a força e a resistência de um povo que foi por muito tempo impedido do projeto nação. A resistência histórica do povo negro, no entanto, tem produzido rupturas, mobilizações e conquistas que moldam um novo horizonte de justiça e equidade no cenário educacional brasileiro.

Palavras chave: Cotas; Abolição; Conquistas

Forma de apresentação: Pesquisa Acadêmica

Eixo temático: Eixo 2 — Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano



DANÇAS NEGRAS: CORPO, RESISTÊNCIA E PATRIMÔNIO NO SUL DO BRASIL

NAIANE RIBEIRO ROSA¹; ALEXANDRA GONÇALVES DIAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – profnaianedanca@gmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas – xandadias@gmail.com

Introdução: As Danças Negras são Patrimônio Cultural Imaterial que ultrapassa a estética e inscreve o corpo negro como sujeito histórico, político e de memória. Mais que práticas artísticas, representam resistência e afirmação identitária frente ao colonialismo, racismo e exclusão social. Este texto parte da escuta e vivência de corpos afrodiaspóricos que dançam para existir, especialmente no Sul do Brasil, onde a negritude enfrenta camadas profundas de invisibilização.

Objetivo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre as Danças Negras como práticas corporais de resistência, construção de memória e afirmação de identidades negras, com foco na realidade afro-gaúcha. Busca-se evidenciar a importância dessas danças enquanto expressões plurais, que articulam ancestralidade, oralidade e ação política, questionando os apagamentos históricos e propondo novas narrativas por meio do corpo em movimento.

Desenvolvimento: A escolha pelo termo Danças Negras, neste trabalho, ao invés de “dança afro” ou “dança africana”, nasce da urgência de nomear a pluralidade dos fazeres de matriz africana, sem reduzi-los a uma identidade única. A nomenclatura carrega uma carga política, pedagógica e ancestral, reconhecendo a multiplicidade das expressões afro-diaspóricas e a centralidade do corpo como arquivo de memória. Por meio de uma abordagem que articula etnografia em pesquisa artística, entrevistas e observação de campo, compreendemos que as Danças Negras operam como práticas que entrelaçam oralidade, ancestralidade e performance como formas de transmissão de saberes. São patrimônio imaterial vivo no corpo em movimento e na experiência coletiva dos seus praticantes. No Sul do Brasil, onde a história oficial apaga os corpos negros, dançar é um ato político. No Rio Grande do Sul, de forte influência eurocentrada, a arte negra resiste nas brechas. Em Pelotas, ela pulsa em artistas e coletivos que constroem pedagogias afrocentradas. Essas ações evidenciam que as Danças Negras são quilombos vivos de saberes. O corpo negro torna-se espaço de memória e resistência, mesmo sem o suporte da escrita. Reinscrevendo memórias e atualizando tradições, o corpo dançante é corpo-memória, corpo-patrimônio. **Considerações Finais:** Refletir sobre as Danças Negras é afirmar que o corpo negro guarda, transforma e projeta memórias que nem sempre cabem nos livros. São danças que denunciam, celebram e ressignificam. No Sul do Brasil, elas se tornam ainda mais urgentes por desafiar uma cultura que insiste em invisibilizar a negritude. As Danças Negras são patrimônio vivo, ferramenta de resistência e gesto de reinvenção. Elas revelam que a memória



ancestral não está apenas no passado, mas segue presente nos corpos que se movimentam e se insurgem. Dançar, nesse contexto, é existir e persistir.

Palavras-chave: Danças Negras; Patrimônio Cultural Imaterial; Identidade.

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ **Pesquisa Acadêmica**
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☒ **Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência**



DEMOCRATIZAÇÃO NA ODONTOLOGIA: INGRESSO E PERMANENCIA DE ESTUDANTES NEGROS

NATHALIA MACHADO LINS BRUM¹; LUCIANE GEANINI PENA DOS SANTOS²

¹Universidade Federal de Pelotas – nathaliapesquisaodonto@gmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas – geaninipena@gmail.com

Introdução: A estrutura social estabelecida durante o período colonial brasileiro definiu posições hierárquicas racializadas que persistem, mesmo após a abolição da escravidão, nas desigualdades socioeconômicas ainda observadas na sociedade contemporânea. Tais desigualdades impactam diretamente o acesso e a permanência de estudantes negros no ensino superior no Brasil, pois, operadas pelo racismo estrutural, são expressas na Odontologia quando referenciamos o padrão estético hegemônico, afetando a diversidade estudantil. A promulgação da Lei nº 12.711/2012 contribuiu para o aumento significativo da presença de estudantes negros nas universidades públicas. No entanto, cursos com elevados custos, como a Odontologia, ainda representam desafios, especialmente para aqueles ingressantes por meio de cotas sociais e econômicas, que frequentemente enfrentam barreiras financeiras para a permanência na graduação. Obtiveram-se os dados através das bases de dados e sites oficiais do governo nacional. **Objetivo:** Analisar os desafios enfrentados por estudantes negros em faculdades de Odontologia brasileiras e propor estratégias para permitir seu acesso, permanência e integralização do curso. **Desenvolvimento:** Historicamente, a formação em Odontologia no Brasil foi marcada pela exclusão racial, consolidando-se como um espaço predominantemente ocupado por pessoas brancas. Com a implementação da política de cotas nas universidades públicas federais que reserva 50% das vagas para estudantes autodeclarados pretos, pardos, quilombolas e indígenas observa-se um avanço significativo na democratização do acesso ao ensino superior. No entanto, os elevados custos relacionados à aquisição de materiais e insumos necessários para as atividades clínicas do curso de Odontologia impõem desafios concretos à permanência desses estudantes. Nesse sentido, torna-se fundamental a articulação e o fortalecimento de políticas públicas de apoio, como o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), que oferece auxílios voltados à permanência estudantil, incluindo transporte, alimentação, inclusão digital, saúde, esporte, creche, apoio pedagógico e atenção à saúde mental. Especificamente no contexto da Odontologia, destaca-se a importância de iniciativas institucionais que viabilizem a concessão de materiais odontológicos, contribuindo para a equidade no processo formativo e para a integralização do curso por parte de estudantes em situação de vulnerabilidade econômica. **Considerações finais:** As barreiras estruturais, motivadas por questões raciais e econômicas, limitam o acesso e a permanência de estudantes negros em cursos de odontologia no Brasil. Portanto, é crucial o apoio governamental e



institucional, associado a ações afirmativas, para promover um ambiente acadêmico inclusivo e diverso.

Palavras-chave: odontologia, políticas públicas, acesso e permanência de estudantes negros.

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☒ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



DIÁRIO DE UMA GAROTA NEGRA NADA POPULAR: O ALVO NA MIRA DO DESPREZO E DA SEGREGAÇÃO

EMANOELE MARQUES SOUZA¹; RICHARD FARIAS SOARES ²

¹Universidade Federal de Pelotas – emanoelemarques47@gmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas– richardfariasecp@gmail.com

Introdução: A infância e a pré-adolescência pode ser um momento um tanto quanto cruel na vida de uma mulher negra. Além de todas as imposições que existem sobre as mulheres em decorrência do machismo, também somos expostas desde muito cedo ao racismo. Mesmo sem saber o que significava, ele não deixou de me atravessar. Escrevi minhas experiências, principalmente na vida escolar, sobre a face oculta, cruel e pouco falada da sociedade, onde aprendemos desde muito cedo a odiar nossos traços e reproduzir o ódio aos nossos semelhantes (Silva; Vasconcelos e Ramos, 2024). Mesmo querendo ignorar o racismo, às pessoas sempre fizeram questão de me lembrar ao comentar que que minha pele e meus traços eram feios, que meu cabelo era duro (meu apelido na escola era bombril). Após ler “Diário de uma garota nada popular”, decidi escrever o meu diário. Os diários foram um escape, lugar o qual poderia falar sobre tudo e não receberia julgamentos em troca. **Objetivo:** O presente resumo tem como objetivo analisar os dois diários escritos pela autora do mesmo, quando tinha entre dez e doze anos, para compreender os impactos do racismo na vida de crianças e adolescentes. **Desenvolvimento:** Ao contrário do que eu e muitas pessoas pensavam, a solidão da mulher negra não começa só na vida adulta. Como dizem Barbosa e Souza (2018), ela aparece cedo, na infância, através da rejeição e da falta de representatividade nas mídias, por exemplo. Lendo Grada Kilomba, percebi que nenhuma experiência envolvendo racismo é única. Dos meus quatro aos dez anos usei tranças, do tipo “box braids”, mas sem extensão. Eu odiava usar tranças. Mesmo depois da transição capilar, aos dezesseis, foi difícil usá-las novamente. Nunca esqueço o dia em que uma senhora branca me parou no centro da cidade, enquanto caminhava com meu pai, para tocar nas minhas tranças e elogiá-las como se eu fosse algo extremamente diferente. Me senti desconfortável, parecia que eu era algum tipo de ser exótico. Alicia, no livro de Kilomba, descreve o mesmo incômodo quando as pessoas mexiam no cabelo dela e diziam o quanto era “lindo”. Essa sensação de desconforto seguida de raiva, que “aparentemente” não tinha causa, me acompanhava na escola, onde eu sempre ficava no fim da lista das meninas bonitas. Aos dez anos, acreditava que alisar o cabelo me faria caber nos padrões, como se eu pudesse me transformar na versão bonita da Lety, da novela “A Feia Mais Bela”. Alisei o cabelo e nada mudou — eu seguia sendo só mais uma menina negra fora dos padrões. **Considerações finais:** Hoje eu entendo que a solidão da mulher negra começa cedo, muito antes de termos consciência do que ela realmente significa. Ela se manifesta nos gestos que nos excluem, nas palavras que nos diminuem e nos padrões de beleza inalcançáveis.



Por isso, contar essas histórias e falar sobre nossas vivências é um ato de reexistência frente a ambientes cotidianamente opressores.

Palavras-chave: Racismo; infância e pré-adolescência; solidão da mulher negra; autoestima.

Agradecimentos/Apoio: Agradeço ao “Negritude em pauta”, por permitir que parte da minha história fosse contada.

Agradeço a minha mãe, Loreni, e ao meu pai Paulo por sempre se doarem e me apoiarem nessa jornada, mesmo diante das dificuldades.

Agradeço a minha irmã, Gabi, que hoje tem a idade que eu tinha quando comecei a escrever meu primeiro diário, e foi a responsável por me fazer assumir meu cabelo e lutar por um mundo melhor.

Agradeço a todos os meus antepassados.

Agradeço às escolas de samba, que fizeram com que eu tivesse uma visão positiva sobre mim e sobre minha ancestralidade, além dos aprendizados decoloniais.

E, por fim, abraço e agradeço a Manú criança, adolescente e a Manú de hoje, que sempre se mostrou forte e nunca se curvou ao destino que o racismo reservou.

Forma de apresentação:

- ☒ (X) Relato de Experiência
- ☐ () Pesquisa Acadêmica
- ☐ () Produção Poética ou Literária
- ☐ () Expressão Artística e Performativa
- ☐ () Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ () Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ (X) Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ () Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



EBÓ DAS INFÂNCIAS AFRO-DIASPÓRICAS DE TERREIRO: POR UMA FILOSOFIA AFRICANA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

HIGOR SANTOS¹; CAROLINE TERRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – higorcamargors@gmail.com ; ²Universidade Federal de Pelotas – caroline.terraoliveira@gmail.com

Introdução: As infâncias afro-diaspóricas de terreiro convocam um olhar atento às suas múltiplas dimensões, que transitam entre a condição histórico-social e o estado biopsíquico. Este trabalho, parte de uma pesquisa de mestrado em Educação (em andamento), propõe uma escuta afroperspectivista dessas infâncias, compreendendo-as como fundadoras da Filosofia Africana da Educação no Brasil. A partir da ancestralidade, o texto se inscreve no horizonte da pluriversalidade, buscando no passado africano caminhos para reinventar a educação no Brasil. **Objetivo:** Apresentar as discussões que fundamentam a Filosofia Africana da Educação no Brasil. **Desenvolvimento:** Às narrativas histórico-pedagógicas sobre as infâncias afro-diaspóricas podem caminhar por pelo menos dois pólos, sendo eles a condição histórico-social e o estado biopsíquico. De modo, que a primeira é atravessada pela racialidade e a segunda pela ancestralidade. O presente trabalho é fruto de uma pesquisa de dissertação de mestrado em Educação, na qual pretende se alimentar da pluriversalidade. Entende-se que as infâncias afro-diaspóricas de terreiro se alicerçam no estado biopsíquico e podem nos apresentar outros horizontes emergindo da Filosofia Africana da educação e sua elaboração com outras nomeações, por exemplo *Ebó* (nome articulado na cultura de terreiro para se referir a práticas de cuidado e cura). Entretanto, reflexões afroperspectivistas são condutoras nesta pesquisa apontando as infâncias como fundadoras de uma sistematização filosófica africana da educação no Brasil. Portanto, as reflexões histórico-pedagógicas se tornam um convite à pluriversalidade das infâncias afro-diaspóricas de terreiro. De modo que buscaremos no passado africano elementos vitais de reinvenção da educação. **Considerações finais:** As infâncias afro-diaspóricas de terreiro apontam para a fundamentação da Filosofia Africana da Educação. Ao considerar os polos da condição histórico-social e do estado biopsíquico, foi possível identificar que essas infâncias oferecem contribuições relevantes para repensar os fundamentos da educação no Brasil. A proposta é reconhecer essas experiências como produtoras de conhecimento e como base para uma sistematização filosófica que valorize a ancestralidade e a pluriversalidade. Nesse sentido, se apoiar em elementos culturais da *orixalidade* se apresenta como uma tática para ampliar as possibilidades de construção de práticas pedagógicas comprometidas com a legitimidade dos conhecimentos africanos.

Palavras-chave: Filosofia Africana. Educação. Infâncias. Terreiro



Agradecimentos/Apoio: CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO DA SAÚDE: AULA COM O PROGRAMA DE EXTENSÃO TEKOA NA DISCIPLINA CUIDADO FARMACÊUTICO II

AGNES NOGUEIRA GOSSENHEIMER¹; ANA VITÓRIA DA SILVA FERREIRA²; ASHLEY ISABELLE MEDEIROS²; CLARA MARIA MULLER SCHNEIDER²; CLARA RAFAELA RIBEIRO SANTANA²; RENAN VENANCIO FERREIRA LOPES²; SHEYLA VELASQUES PALADINI²; TAIANE SANTOS GARCIA²; FERNANDA NOGUEIRA²; GBÈTOMÈ BENEDICTE KPOUDOU²

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul – agnes.gossenheimer@ufrgs.br; ²Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Introdução: A formação em saúde no Brasil enfrenta o desafio ético, político e pedagógico de integrar a educação das relações étnico-raciais (ERER) aos processos de ensino-aprendizagem, conforme os marcos legais e compromissos da educação antirracista. A implementação das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que tornam obrigatória a inclusão da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena nos currículos, impõe às universidades a necessidade de revisitar práticas pedagógicas e ampliar espaços de valorização de saberes historicamente marginalizados. **Objetivo:** Relatar a experiência realizada na disciplina Cuidado Farmacêutico II, do curso de Farmácia da UFRGS, em parceria com o Programa de Extensão TEKOA, promovendo a valorização de epistemologias negras, indígenas e migrantes no cuidado em saúde. **Desenvolvimento:** O TEKOA é composto por docentes e discentes da saúde, indígenas, negros e imigrantes, que promovem ações com enfoque intercultural, antirracista e interseccional. A atividade teve como foco a aproximação teórico-prática com os princípios das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, estimulando o reconhecimento do racismo como determinante social da saúde e o fortalecimento de uma escuta sensível e crítica. Utilizou-se a roda de conversa como metodologia, articulando narrativas de vida, experiências profissionais, dados epidemiológicos, arte Kaingang e panegíricos africanos. O ambiente construído promoveu trocas horizontais e acolhimento, ancorando-se nos conteúdos da disciplina: SUS, humanização e determinantes sociais. A participação dos estudantes foi ativa, marcada por interesse, questionamentos críticos e articulação entre saberes técnicos e realidades socioculturais. A escuta das vivências permitiu reflexões sobre estereótipos e práticas profissionais, reconhecendo a diversidade como valor estruturante da prática farmacêutica, orientada por equidade, justiça social e respeito à diferença. A experiência contribuiu para ressignificar o papel do farmacêutico como agente de transformação social, comprometido com o enfrentamento das desigualdades e a construção de redes de cuidado baseadas na pluralidade de saberes. **Considerações finais:** A vivência foi potente para fomentar pensamento crítico, empatia e formação humanizada, ao integrar dimensões afetivas, culturais e epistemológicas do cuidado. Inserir vozes historicamente invisibilizadas no processo formativo revelou-se essencial para uma educação farmacêutica alinhada à equidade e aos princípios do SUS, fazendo da ancestralidade e



diversidade étnico-racial pilares de um cuidado em saúde político e emancipador.

Palavras-chave: Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), Antirracismo, Formação em Saúde, Epistemologias Negras e Indígenas, Cuidado Farmacêutico

Agradecimentos/Apoio: Programa de Extensão TEKOÁ tekoaprograma@ufrgs.br

Forma de apresentação:

- ☒ (x) Relato de Experiência
- ☐ () Pesquisa Acadêmica
- ☐ () Produção Poética ou Literária
- ☐ () Expressão Artística e Performativa
- ☐ () Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☒ (x) Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ () Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ () Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



ENCRUZILHADA DE SABERES E CULTURA AFRO-DIÁSPORICA NA ESCOLA

GIOVANA PONTES FARIAS¹

¹ Universidade Federal de Pelotas –UFPEL email: Giovanaup@gmail.com

Introdução: Sabemos que a educação no Brasil foi influenciada por um modelo euro-cristão, este modelo ainda influencia a forma como pensamos a educação no Brasil, de modo a criar dificuldades para a inserção do ensino para a Educação das Relações Étnico Raciais. Desse modo, proponho o questionamento deste paradigma a partir da ideia de uma pedagogia das encruzilhadas e de uma ciência encantada das macumbas, concepções teóricas que nos apresentam diferentes caminhos para a produção de uma nova ciência e uma outra educação, a partir do diálogo com a experiência afro-diaspórica.

Objetivo: Este texto é uma reflexão teórica sobre a importância de assumir uma perspectiva de encruzilhada, como resposta a uma educação eurocêntrica e colonizadora.

Metodologia: Partindo do campo metodológico da escrivência, busco unir a minha escrita e vivência enquanto professora e pesquisadora, para compreender o ambiente educacional e apontar possíveis caminhos para a construção de uma educação para as relações étnico raciais.

Desenvolvimento: A pedagogia das encruzilhadas busca o rompimento com a narrativa linear, previsível, polarizada e universal, modelo pelo qual o ocidente pensa e constrói o mundo. Exu, Orixá que representa a encruzilhada-mundo, nos apresenta uma possibilidade de transgredir estruturas, porque nos aponta a encruza como resposta, nesse ponto não existem verdades únicas e referências únicos a se seguir, mas uma multiplicidade de formas de interpretar o mundo. A ciência encantada das macumbas, nos aponta princípios como os da circularidade, oralidade, comunitarismo, ancestralidade e corporeidade, que ancoraram o fazer educativo a partir de perspectivas afro-diáspóricas. Assim a visão pejorativa do mito da mestiçagem, que visava branquear a população apagando a presença africana e indígena, embora ainda prevaleça, não se tornou vitoriosa na sua totalidade, pois esses saberes sobreviveram através de muita luta e resistência, permanecendo na sociedade mesmo que a partir de pequenas frestas. Olhar para a nossa amefricanidade, conforme nos aponta Lélia Gonzalez (2020), ou seja, a herança africana e indígena presente aqui no Brasil, assim como em toda a América, que tem sido recalcada em nome de uma supremacia branca, é uma oportunidade de atribuir centralidade a nossa herança afro-indígena e aos laços que nos conectam a essas culturas.

Considerações finais: A experiência afro-diáspórica que se constituiu na retirada dos africanos do continente para ter seu trabalho explorado no processo de escravidão, levou a construção de uma narrativa européia que buscou o apagamento desses seres e de sua produção histórico-cultural, no entanto, a partir de algumas frestas, esses saberes sobreviveram e se reinventaram. São saberes potentes, que precisam estar na escola, pois colaboram na valorização de saberes tradicionais,



atribuindo a oportunidade de construirmos novas formas de ver o mundo e a nós mesmos.

Palavras-chave: Pedagogia das encruzilhadas, educação, ciência encantada, escrevivências, afro-diáspora.

Agradecimentos/Apoio: opcional

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☒ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



"A NOSSA (ESCRE)VIVÊNCIA NÃO PODE SER LIDA COMO HISTÓRIA PARA NINAR OS DA CASA-GRANDE": EXPERIÊNCIAS DO PROJETO ENCRUZILHADAS, SABERES E (ESCRE)VIVÊNCIAS NEGRAS

RICHARD FARIAS SOARES¹; KELEN FERREIRA RODRIGUES²; ÍRIA RAMOS OLIVEIRA³

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – richardfariasecp@gmail.com 1; ²Universidade Federal de Pelotas 2 – Ferreirarodrigueskelen@gmail.com 2; ³Universidade Federal de Pelotas 3 – iria_oliv@hotmail.com 3

Introdução: Conceição Evaristo diz que “A nossa (escre)vivência não pode ser lida como história para ninar os da casa-grande, mas sim para incomodá-los dos seus sonhos mais injustos”. A partir deste trecho, pensamos, em que momento as vivências negras são protagonistas na universidade, em que momento o currículo institucional, eventos acadêmicos e professores reconhecem a importância de valorizarmos os saberes que advêm de corpos negros. A universidade se mantém como um espaço fruto de relações desiguais de poder baseadas na raça, negando cotidianamente o privilégio de fala e representação para as pessoas negras. Diante destes atravessamentos surge a necessidade da criação de espaços que dialoguem com estas (escre)vivências negras que partem dos quilombos, terreiros, periferias, coletivos, clubes negros e, principalmente, da luta cotidiana contra o racismo nas suas mais diversas formas. Reconhecendo estas encruzilhadas e a importância de valorizarmos as (escre)vivências negras, colocando-as no centro da universidade, surge o projeto “Encruzilhadas, saberes e (escre)vivências negras”, construído coletivamente por membros do Coletivo Hildete Bahia: Diversidade e Saúde que também atua como um projeto de extensão na Universidade Federal de Pelotas (UFPeI).

Objetivo: Este trabalho tem o objetivo de apresentar as experiências do projeto “Encruzilhadas, saberes e (escre)vivências negras” realizado, mensalmente, pelo Coletivo Hildete Bahia: Diversidade e Saúde.

Desenvolvimento: O projeto “Encruzilhadas, saberes e (escre)vivências negras” realiza, uma vez por mês, atividades, em formato de roda de conversa, sobre variadas temáticas que perpassam as vivências negras na sociedade e universidade. Entendendo, também, as intersecções de raça, gênero e classe presentes. Ocorrendo ações que trazem homens e mulheres negras para compartilharem suas trajetórias pessoais e vivências no meio acadêmico, onde em sua maioria, carregam conhecimentos que nascem da resistência, ancestralidade e dos saberes negros que se concentram em vários outros espaços para além dos elaborados na universidade. Produzindo experiências positivas, sobretudo, nos participantes negros que costumam ser pouco representados e que se sentem empoderados ao enxergarem trajetórias semelhantes. Reforçando, juntamente, a importância destes espaços organizados por coletivos negros universitários que historicamente



democratizam a universidade para os estudantes negros que advêm de diversas circunstâncias.

Considerações finais: Podemos concluir que o projeto “Encruzilhadas, saberes e (escre)vivências negras” realiza diversas atividades que promovem a discussão e o protagonismo das vivências negras presentes na universidade e sociedade para além de criar experiências positivas nos participantes negros envolvidos.

Palavras-chave: (Escre)vivências negras; saberes negros; protagonismo negro; racismo; universidade.

Agradecimentos/Apoio: Agradeço à minha mãe, Raquel, e minha irmã, Rafaela, por serem minhas maiores motivações de seguir nessa trajetória acadêmica que para nós pessoas negras, infelizmente, é sempre um caminho árduo. Vou em frente por mim, por vocês, por um mundo melhor para nós. Espero que me desculpem pelas ausências.

Agradeço ao Coletivo Hildete Bahia e Coletivo Preto Beatriz Nascimento pelos aquilombamentos, discussões e oportunidades.

Agradeço ao Racionais Mc 's por ser a trilha sonora da minha trajetória acadêmica, mas principalmente pelos conselhos em forma de música: “Sempre fui sonhador, é isso que me mantém vivo”.

Por fim, agradeço à minha avó, Eliara, e ao meu avô, Paulo Renato. A saudade de vocês é imensa.

Forma de apresentação:

- ☒ (x) Relato de Experiência
- ☐ () Pesquisa Acadêmica
- ☐ () Produção Poética ou Literária
- ☐ () Expressão Artística e Performativa
- ☐ () Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ () Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ (x) Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ () Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



ENTRE A PROFISSÃO IDEALIZADA E A OCUPAÇÃO POSSÍVEL: UM OLHAR PARA A SAÚDE MENTAL DE PESSOAS PRETAS

ELIANA SILVEIRA DA COSTA¹

¹Universidade Federal de Pelotas – silveira.eliana@gmail.com

Introdução: O trabalho trata-se do projeto de pesquisa para a conclusão do curso de graduação em Psicologia da UFPEL. O intuito é pesquisar trabalhadoras(es) com formação no ensino superior, que estejam atuando profissionalmente em ocupações do ensino médio ou ensino fundamental, a proposta é entender se o exercício deste trabalho colabora ou prejudica a saúde mental destas pessoas. DEJOURS (2015) afirma o sofrimento mental como resultante de uma frustração em nível do conteúdo significativo da tarefa pode, igualmente, levar a doenças somáticas. As articulações psicodinâmicas dinâmicas e psicoeconômicas. A finalidade da pesquisa é de identificar nas ocupações fatores condicionantes e determinantes de saúde mental, associados às representações do corpo negro perante as práticas laborais. **Objetivo:** Entender o acometimento de sofrimento psíquico possivelmente possibilitado ou potencializado pelo trabalho envolvendo, questões financeiras, círculo social, autoestima nas negociações por cargos e salários. **Desenvolvimento:** A partir de um mundo branco, no qual símbolos positivos são associados a brancura, o corpo negro é associado ao ruim, ao passo que a psique negra também assimila a negrura como o não pertencer e o não merecer. Vítima das representações sociais que investem sua aparência daqueles sentidos que são socialmente recusados, o negro se vê condenado a carregar na própria aparência a marca da inferioridade social. (NOGUEIRA, 2021). A metodologia desta pesquisa reside na aplicação de questionário, também será aplicada a escala Rosenberg, para medir a autoestima associada à saúde mental e satisfação no trabalho. Com a finalidade de que esses instrumentos auxiliem na interpretação dos dados fornecidos pelos pesquisados. **Considerações finais:** Angústias e desejos produzidos no trabalho precisam ser validados e legitimados como questões de saúde, afinal de contas nem sempre existem possibilidades de escolhas nesses ambientes, nos quais em sua maioria as necessidades de subsistência ditam as regras. Para FANON (2020), é necessária uma ação combinada junto ao indivíduo e ao grupo. E como psicanalista, deve ajudar seu cliente a conscientizar seu inconsciente, a não mais buscar uma lactificação alucinatória, mas a agir no sentido de uma mudança das estruturas sociais.

Palavras-chave: população negra; saúde mental; trabalho; psicanálise

Agradecimentos/Apoio: Marta Solange Streicher Janelli



Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



ENTRE CÁLCULOS E LUTAS: O ProEDAI COMO ESPAÇO DE AFIRMAÇÃO E ACOLHIMENTO

MAIK CONCEIÇÃO DIAS¹; GILSON SIMÕES PORCIUNCÚLA²

¹Universidade Federal de Pelotas – maikdias02@gmail.com;

²Universidade Federal de Pelotas – gilson.porciuncula@gmail.com

Introdução: A entrada de estudantes negros, indígenas e oriundos de escolas públicas nas universidades federais representa um marco de conquista no Brasil, mas essa conquista não se completa sem garantir condições reais de permanência. No Centro de Engenharias da UFPel, a realidade apresenta desafios estruturais e simbólicos para estudantes cotistas, frequentemente os primeiros de suas famílias a ingressarem no ensino superior. Estudos sobre outras universidades também mostram essa realidade, *“sentir-se parte da comunidade acadêmica é, pois, um processo longo, lento e muitas vezes doloroso. A linguagem utilizada e as cobranças em sala de aula exigem um perfil que muitas vezes não reconhece as trajetórias dos estudantes cotistas, oriundos de escolas públicas”*. Nesse cenário, o Grupo de Estudos ProEDAI – Projeto Exatas Diversidades Afro Indígena, surge como uma resposta à necessidade de acolher, acompanhar e fortalecer essas trajetórias, construindo um espaço de apoio, resistência e pertencimento. **Objetivo:** Este relato tem como objetivo apresentar a trajetória e o impacto do ProEDAI no CEng, evidenciando suas práticas de acolhimento, formação política e apoio pedagógico voltadas a estudantes cotistas. Busca-se mostrar como redes de afeto e coletividade fortalecem a permanência e a identidade de estudantes negros, indígenas e de baixa renda. **Desenvolvimento:** A experiência aqui relatada tem como base a vivência de estudantes, professores e integrantes do grupo, que ao longo dos anos participaram ativamente da construção de um espaço de cuidado e resistência. O ProEDAI atua em parceria com outros coletivos e movimentos como o UFPreta, ampliando suas ações para além do CEng e se firmando como espaço de resistência acadêmica e política. *“No ano de 2017 o Grupo de Estudo do CENG, ProEDAI (Projeto Exatas Diversidades Afro-indígenas) realizou um profundo estudo que comprovou que 93% das vagas de ensino médio da região de Pelotas são ocupadas por alunos de escolas públicas e apenas 7% ocupadas por alunos de escola privada.”* Esse dado reforça a importância das ações afirmativas e do ProEDAI no enfrentamento das desigualdades e na promoção da equidade no ensino superior. **Considerações finais:** O ProEDAI reafirma que ações afirmativas vão além do acesso: elas exigem espaços concretos de acolhimento e permanência. Ao reconhecer e valorizar as subjetividades negras, indígenas e periféricas, o grupo contribui para a transformação da universidade em um espaço mais justo e plural. Sua atuação demonstra que é possível e urgente construir políticas institucionais que fortaleçam a permanência estudantil e combatam o racismo estrutural.

Palavras-chave: Ações afirmativas; Cotistas; Permanência; Engenharias

Eixo temático:

- () Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- (X) Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- () Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



UMA ENFERMEIRA NEGRA RESIDENTE EM UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO NO SUL DO BRASIL

ANDRIELE DE SOUZA SIMÕES¹; KELEN FERREIRA RODRIGUES²; MARINA SOARES MOTA³

¹Universidade Federal do Rio Grande – andrielesouza@gmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas – ferreirarodrigueskelen@gmail.com; ³Universidade Federal de Pelotas – msm.mari.gro@gmail.com

Introdução: A residência multiprofissional hospitalar, para uma enfermeira negra no extremo Sul do Brasil, apresenta desafios complexos. Sendo oriunda do Rio de Janeiro, mulher negra e moradora de periferia, vivencio diariamente o racismo, o sexismo e outras formas de preconceito no ambiente hospitalar. Essas violências se manifestam em diferentes situações, seja por parte de profissionais, funcionários, estudantes, pacientes ou acompanhantes. **Objetivo:** Refletir sobre a vivência enquanto enfermeira negra residente em um Hospital Universitário Federal (HUF) no extremo Sul do país. **Desenvolvimento:** Este é um relato de experiência, de caráter descritivo e reflexivo, com o objetivo de compartilhar vivências durante a residência e contribuir a partir de uma experiência concreta. Em atendimentos à beira-leito, é comum que estudantes de medicina se aproximem dos pacientes sem sequer me cumprimentar ou solicitar permissão. Em uma dessas ocasiões, ao responder ao bom dia com uma lanterna clínica na mão, fui questionada se estava aferindo sinais vitais. Solicitei que aguardassem, pois finalizava o atendimento. Minutos depois, os mesmos estudantes, agora acompanhados de um preceptor, ficaram observando da porta. Quando a enfermeira da unidade se aproximou para conversar comigo, eles a seguiram e solicitaram autorização apenas a ela, como se eu não estivesse presente. Em outra situação, ao empurrar o carrinho de curativos, um grupo de médicos e estudantes permaneceu parado no corredor me observando, como se minha presença fosse um incômodo, esperando que eu recuasse. Há também uma cobrança constante e desproporcional por parte de pacientes e acompanhantes: questionam meus procedimentos, diferentemente do que ocorre com profissionais brancos. Percebo que a exigência e a cobrança por parte de alguns colegas também são maiores sobre mim. No contexto da equipe multiprofissional, quando não concordo com determinadas condutas, como colegas que se omitem de suas responsabilidades, sou muitas vezes interpretada como grosseira, e não como alguém que assume um posicionamento ético. Também já escutei falas sexualizadas sobre a mulher carioca periférica, vindas de colegas. Durante um procedimento, um paciente afirmou que eu era forte para segurar sua perna porque estaria “acostumada a carregar fuzil na favela”. Ao compartilhar essas vivências, ouvi comentários como: “São só dois anos, logo acaba”, numa tentativa de minimizar o que vivo. **Considerações finais:** Reflito constantemente sobre o impacto do racismo, do preconceito e do sexismo na minha trajetória pessoal e profissional. Ser uma enfermeira negra é lidar com invisibilizações



diárias. Discutir questões de raça, gênero e preconceito no ambiente hospitalar e universitário é urgente. Somente com o enfrentamento dessas violências estruturais será possível construir espaços mais justos, respeitosos e inclusivos para todos os profissionais e usuários do sistema de saúde.

Palavras-chave: Racismo Institucional; Interseccionalidade; Enfermeira negra; Hospitais de Ensino; Residência Multiprofissional.

Forma de apresentação:

- ☒ (x) Relato de Experiência
- ☐ () Pesquisa Acadêmica
- ☐ () Produção Poética ou Literária
- ☐ () Expressão Artística e Performativa
- ☐ () Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ () Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ (x) Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ () Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência

Referência

AVILA, R. V. *et al.* Trajetória acadêmico-profissional de enfermeiras negras de um hospital de ensino. **Rev. enferm. UFPI**. 2024.

CHAVES, V.D.; OLIVEIRA, S.G.; MOTA, M. S. Experiências de solidão acadêmicas negras jovens adultas vinculadas a universidade do extremo sul do Brasil. **Revista África e Africanidades**, 2024.

SANTOS, M. E. R.; SOUSA, A. L. N. Narrativas escrevintes de enfermeiras negras no enfrentamento ao racismo e sexismo. **Saúde e sociedade**, n. 34, v. 1, 2025.



ENTRE O CUIDADO E A RESISTÊNCIA: A VIVÊNCIA DE UMA ENFERMEIRA NEGRA RESIDENTE EM UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO NO SUL DO BRASIL

ANDRIELE DE SOUZA SIMÕES¹; KELEN FERREIRA RODRIGUES²; MARINA SOARES MOTA³

¹Universidade Federal do Rio Grande – andrielesouza@gmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas – ferreirarodrigueskelen@gmail.com; ³Universidade Federal de Pelotas – msm.mari.gro@gmail.com

Introdução: A residência multiprofissional hospitalar, para uma enfermeira negra no extremo Sul do Brasil, apresenta desafios complexos. Sendo oriunda do Rio de Janeiro, mulher negra e moradora de periferia, vivencio diariamente o racismo, o sexismo e outras formas de preconceito no ambiente hospitalar. Essas violências se manifestam em diferentes situações, seja por parte de profissionais, funcionários, estudantes, pacientes ou acompanhantes. **Objetivo:** Refletir sobre a vivência enquanto enfermeira negra residente em um Hospital Universitário Federal (HUF) no extremo Sul do país. **Desenvolvimento:** Este é um relato de experiência, de caráter descritivo e reflexivo, com o objetivo de compartilhar vivências durante a residência e contribuir a partir de uma experiência concreta. Em atendimentos à beira-leito, é comum que estudantes de medicina se aproximem dos pacientes sem sequer me cumprimentar ou solicitar permissão. Em uma dessas ocasiões, ao responder ao bom dia com uma lanterna clínica na mão, fui questionada se estava aferindo sinais vitais. Solicitei que aguardassem, pois finalizava o atendimento. Minutos depois, os mesmos estudantes, agora acompanhados de um preceptor, ficaram observando da porta. Quando a enfermeira da unidade se aproximou para conversar comigo, eles a seguiram e solicitaram autorização apenas a ela, como se eu não estivesse presente. Em outra situação, ao empurrar o carrinho de curativos, um grupo de médicos e estudantes permaneceu parado no corredor me observando, como se minha presença fosse um incômodo, esperando que eu recuasse. Há também uma cobrança constante e desproporcional por parte de pacientes e acompanhantes: questionam meus procedimentos, diferentemente do que ocorre com profissionais brancos. Percebo que a exigência e a cobrança por parte de alguns colegas também são maiores sobre mim. No contexto da equipe multiprofissional, quando não concordo com determinadas condutas, como colegas que se omitem de suas responsabilidades, sou muitas vezes interpretada como grosseira, e não como alguém que assume um posicionamento ético. Também já escutei falas sexualizadas sobre a mulher carioca periférica, vindas de colegas. Durante um procedimento, um paciente afirmou que eu era forte para segurar sua perna porque estaria “acostumada a carregar fuzil na favela”. Ao compartilhar essas vivências, ouvi comentários como: “São só dois anos, logo acaba”, numa tentativa de minimizar o que vivo. **Considerações finais:** Reflito constantemente sobre o impacto do racismo, do preconceito e do sexismo na minha trajetória pessoal e profissional. Ser uma enfermeira negra é lidar com invisibilizações



diárias. Discutir questões de raça, gênero e preconceito no ambiente hospitalar e universitário é urgente. Somente com o enfrentamento dessas violências estruturais será possível construir espaços mais justos, respeitosos e inclusivos para todos os profissionais e usuários do sistema de saúde.

Palavras-chave: Racismo Institucional; Interseccionalidade; Enfermeira negra; Hospitais de Ensino; Residência Multiprofissional.

Forma de apresentação:

- ☒ (x) Relato de Experiência
- ☐ () Pesquisa Acadêmica
- ☐ () Produção Poética ou Literária
- ☐ () Expressão Artística e Performativa
- ☐ () Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ () Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ (x) Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ () Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



ENTRE O CUIDAR E O RESISTIR: REFLEXÕES DE UMA ESTUDANTE NEGRA NO CURSO DE ENFERMAGEM

CHRISTIELE LOPES DA LUZ¹; MARINA SOARES MOTA²; IRIA RAMOS OLIVEIRA³; ADRIZE RUTZ PORTO⁴

¹UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – cristieleluz@gmail.com; ²UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – msm.mari.gro@gmail.com; ³UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – iria_oliv@hotmail.com; ⁴UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – adrizeporto@gmail.com

Introdução: Ser estudante de enfermagem negra é, por si só, um ato de resistência em espaços historicamente marcados por preconceitos, falta de acesso e por muitas vezes desesperança. A formação na Faculdade de Enfermagem carrega disputas que atravessam raça, gênero, classe e subjetividade, exigindo uma postura crítica e transformadora. O depoimento de Hildete Bahia da Luz, mulher negra e enfermeira, pioneira na construção da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (FE/UFPel), revela que o ato de cuidar também é um ato político (BAHIA, 2016). **Objetivo:** Refletir sobre a vivência enquanto estudante da FE/UFPel e mulher negra. **Desenvolvimento:** Enquanto estudante negra saber que houveram mulheres negras como Hildete Bahia no curso de enfermagem me dão esperança, pois um dia foi ela quem cruzou o Brasil até o frio do Sul para balançar o sistema. Ela fez isso mesmo com todas as inseguranças que atravessaram sua vida. A enfermagem é crítica, política e objetiva, pensando nisso reflito muito sobre o currículo atual. A omissão se revela no silêncio do nosso currículo, que pouco fala da saúde da população negra, ignorando desigualdades que impactam diretamente quem cuida e quem é cuidado (CARNEIRO, 2011). Também, tanto a faculdade quanto a universidade não se interessam em garantir acesso à todos a este curso, por ser integral, poucos estudantes da periferia conseguem permanecer neste ambiente. Ao revisitar essa história, compreendo que minha trajetória não se limita ao domínio técnico, mas também na luta por práticas que reconheçam a dignidade de quem cuida e de quem é cuidado, enfrentando as barreiras que ainda persistem na realidade de populações negras e periféricas. Refletir sobre o legado de Hildete Bahia é também reafirmar que cuidar é resistir, e que resistir é garantir cuidado digno, ético e comprometido. O legado de Hildete permanece vivo dentro de cada professora e estudante negra, ela é o retrato da resistência dentro de um curso majoritariamente branco. Todas as vezes que trazemos essas pautas Hildete está presente. Nós somos porque ela foi, somos descendentes da sua luta. **Considerações finais:** Se hoje sou estudante de enfermagem é porque antes de mim existiram mulheres como Hildete Bahia, que abriram caminho, e pensadoras como Sueli Carneiro, que nos ensinaram a denunciar o racismo institucional que insiste em nos silenciar. Ao ecoar seus legados, reafirmo que cuidar é resistir, e resistir é transformar a universidade em um espaço de cuidado ético, digno e antirracista.

Palavras-chave: Enfermagem; Sueli Carneiro; Estudante Negra



Forma de apresentação:

(X) Produção Poética ou Literária

Eixo temático:

(X) Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano



ENTRE SABERES E TERRITÓRIOS: METODOLOGIA DE EDUCAÇÃO POPULAR COM COMUNIDADES QUILOMBOLAS

KELEN FERREIRA RODRIGUES¹; RICHARD FARIAS SOARES²; ANDRIELE DE SOUZA SIMÕES³, MARINA SOARES MOTA⁴; ELISÂNGELA MARTINS DA ROSA SILVEIRA⁵; JORGE SENNA⁶;

¹Universidade Federal de Pelotas - Faculdade de Enfermagem – ferreirarodrigueskelen@gmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas - Faculdade de História- richardfariasecp@gmail.com; ³Universidade Federal do Rio grande- Residência Multiprofissional - andriielesouza@gmail.com ⁴Universidade Federal de Pelotas - Faculdade de Enfermagem – msm.mari.gro@gmail.com; ⁵Assessoria Pedagógica Rede de Promotores Populares em Saúde – eliselis25@hotmail.com; ⁶Coordenador da rede de Promotores Populares em Saúde– Jorge.teixeira@saude.gov.br.

Introdução: A educação popular em saúde nas comunidades quilombolas parte do entendimento de que saberes e práticas tradicionais têm valor próprio e não precisam ser medidos pelos padrões coloniais. Pensadores como Nego Bispo, Lélia Gonzalez, Nilma Lino Gomes, Milton Santos e Paulo Freire mostram que a autonomia quilombola nasce da relação viva entre território, cultura, espiritualidade e trabalho coletivo, principalmente das mulheres negras que sempre produziram alimentos, cuidado e conhecimento. Ao mesmo tempo, autores como Amílcar Cabral inspiraram processos de libertação e reconstrução cultural que dialogam com Freire e sua experiência nas “Cartas à Guiné-Bissau”. Porém, aqui buscamos dar prioridade às vozes negras que nasceram nesses territórios. **Objetivo:** Propor uma educação popular em saúde e agroecologia com olhar contracolonial, centrada nos saberes quilombolas e nas contribuições de mulheres negras. Inspirados por Nego Bispo, buscamos uma troca horizontal de saberes, que respeite e fortaleça modos de vida. **Desenvolvimento:** Este trabalho parte de uma metodologia qualitativa contracolonial, que reconhece a biointeração como relação viva entre pessoas, plantas, animais e território. Essa forma de ver valoriza o saber orgânico, que vem da prática e da experiência, diferente do saber sintético criado por teorias distantes da realidade. Bispo defende que a educação popular seja um espaço de confluência, onde diferentes cosmologias e conhecimentos convivam sem hierarquia. Gonzalez denunciou o racismo que desvaloriza esses saberes e mostrou que as mulheres negras têm papel essencial na transmissão da cultura e na produção da vida. Gomes



também lembra que o quilombo é lugar de resistência, pertencimento e construção de saberes coletivos. Santos faz uma discussão do sentimento de pertencimento dos territórios como sagrado e Freire nos ensina que os saberes têm seu tempo e valor, que nenhum ser deve ser oprimido e desrespeitado com suas trajetórias quanto ao seu processo de ensino e aprendizagem. As mulheres quilombolas são as principais produtoras de alimentos, de cuidado comunitário e de práticas agroecológicas, enfrentando a invisibilidade de gênero e a cosmofofia, que é o medo e a rejeição às formas de viver não ocidentais. Ao dialogar com as experiências de Freire nas “Cartas à Guiné-Bissau” e com a luta de Cabral, reafirmamos que a educação popular em saúde precisa nascer da escuta, do apoio e do reconhecimento das histórias e culturas ancestrais. **Considerações finais:** Este trabalho, que ainda está em construção, quer fortalecer práticas educativas que valorizem a dignidade, a cultura e a autonomia das comunidades quilombolas. Entendemos que apoiar e aprender são gestos políticos que rompem com a lógica colonial e criam novas possibilidades de futuro. Este caminho é coletivo e nasce da prática e do saber popular (ancestral) diário do cuidado, da partilha e do respeito aos modos de vida dos povos tradicionais quilombolas.

Palavras-chave: Educação Popular; Contracolonialismo; Comunidades Quilombolas; Agroecologia; Mulheres Negras; Saberes Populares(ancestrais) e Orgânicos.

Agradecimentos/Apoio: Agradeço, em primeiro lugar, à Deus e à minha família, que é a base de tudo o que sou. Ao meu pai, Adão, e à minha mãe, Zeneida, por todo amor, coragem e ensinamentos que me trouxeram até aqui. Sou filha deles e herdeira de uma história de resistência. Agradeço também ao Coletivo Hildete Bahia: Diversidade e Saúde, e ao Coletivo Preto Beatriz Nascimento, que são espaços de aquilombamento e fortalecimento, onde encontrei acolhida e pude reafirmar minha identidade como mulher negra. Aos meus orientadores e parceiros de escrita, por cada palavra de incentivo, e ao Simpósio, que abriu portas para que este trabalho pudesse ser partilhado. Cada passo da minha caminhada carrega a força dos que vieram antes de mim e a esperança dos que virão depois.



ESCREVIVÊNCIAS E RESISTÊNCIA: A ESCRITA COMO CUIDADO E ENFRENTAMENTO AO RACISMO

MARIA CLARA MARCELINA DAS NEVES CHAGAS¹; KAREN SOARES PORTO²; STEFANIE GRIEBELER OLIVEIRA³

¹Universidade Federal de Pelotas – maclara.nchagas@gmail.com; ² Universidade Federal de Pelotas – profakarensoares@gmail.com; ³Universidade Federal de Pelotas – stefaniegriebeleroliveira@gmail.com

Introdução: Este relato de experiência reflete sobre a escrita de si como ferramenta de cuidado subjetivo e resistências às violências raciais, a partir de uma aula ministrada durante o curso “Práticas de si”. A atividade destacou a escrita como prática ancestral e contemporânea de autocuidado, capaz de resgatar memórias, reelaborar afetos e fortalecer identidade de pessoas negras frente às opressões do racismo estrutural. **Objetivo:** Apresentar como práticas como o diário, cartas e narrativas autobiográficas podem ser formas de autocuidado, resgate de si e fortalecimento frente às violências raciais. **Desenvolvimento:** A proposta visou evidenciar como diários, cartas, registros íntimos e escrevivências funcionam como práticas terapêuticas, sobretudo para pessoas negras em contextos de exclusão e invisibilidade. Durante a aula, foram provocadas reflexões sobre como nossas histórias pessoais influenciam os modos de cuidar e ser cuidado, oferecendo exercícios de escrita voltados à reconexão com o corpo, a memória e a subjetividade. As experiências compartilhadas abordaram medos, dores, desejos e superações, mostrando como a nomeação dessas vivências contribui para a construção de narrativas contra-hegemônicas, capazes de sustentar a dignidade subjetiva. A escrita de si revelou-se, nesse contexto, uma prática de resistência e afirmação. Por meio da auto expressão, foi possível observar o resgate de memórias, a reelaboração de afetos e o reconhecimento da própria trajetória como fonte legítima de saber. Os relatos indicaram que escrever sobre si não representa apenas a construção de uma narrativa, mas um processo de cura, legitimação das vivências e restauração da autoestima. A escrita de si também se apresenta como uma estratégia de enfrentamento ao racismo, ao permitir que sujeitos historicamente silenciados resgatem suas memórias, afirmem suas identidades e reconstruam suas narrativas a partir de suas próprias experiências. Em um contexto onde a subjetividade negra é constantemente negada ou distorcida, escrever torna-se um ato político e de resistência. A escrita emerge como espaço de elaboração de dores, reconstrução da autoestima e produção de sentido diante de experiências marcadas pelo racismo estrutural. O compartilhar de escrevivências gerou acolhimento, reconhecimento e pertencimento. A escuta e o ato de escrever sobre si mesmas tornaram-se dispositivos terapêuticos, possibilitando a reelaboração da dor e a valorização da própria história. **Considerações finais:** A escrita de si tem impacto direto na saúde mental de pessoas negras, especialmente mulheres, ao funcionar como ferramenta de acolhimento emocional, fortalecimento da identidade e enfrentamento ao



racismo. Trata-se de uma prática de cuidado com potência transformadora: ao escrever, nos escutamos, nos cuidamos e nos tornamos sujeitos de nossas próprias histórias.

Palavras-chave: Escrita de si; Autocuidado; Resistência.

Forma de apresentação:

- ☒ (x) Relato de Experiência
- ☐ () Pesquisa Acadêmica
- ☐ () Produção Poética ou Literária
- ☐ () Expressão Artística e Performativa
- ☐ () Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ () Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ (x) Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ () Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



"ESCUTAVIVÊNCIAS" DE ESTUDANTES LICENCIANDAS NEGRAS E MULHERES ANCESTRAIS

JANAIZE BATALHA NEVES¹

¹Universidade Federal de Santa Catarina, janabatalhaneves77@gmail.com 1

Introdução: Começo essa escrita trazendo uma citação de bell hooks, (sim a autora estadunidense assim prefere ser lida, nome no minúsculo, pois segundo ela o foco não é a pessoa e sim suas idéias e teorias) logo na abertura para demarcar que essa escrita tem como base um pensamento crítico, provocando um pensamento transgressor.

Vários estudantes frequentemente sentem que não têm voz, que nada do que dizem vale a pena ser ouvido. Por isso é que a conversa se torna uma intervenção tão importante, porque não só abre espaço para todas as vozes como também pressupõe que todas as vozes podem ser ouvidas. (hooks, 2020, p. 83).

As leituras que chegam das nossas intelectuais negras, e das “escutavivências” das nossas mais velhas, nossas ancestrais evidencia o quanto já fizeram, mas o quanto ainda há de ser feito, na perspectiva das relações de gênero, raça e classe. Assim está escrita se propõe a contribuir para ao investigar a formação das licenciandas negras da Universidade de Santa Catarina, fazendo uma conexão dessas vozes, das mulheres negras graduandas, intelectuais negras e das nossas ancestrais, entendendo que trazem muita sabedoria e potência em seus conhecimentos e saberes, tecendo assim uma rede de apoio, uma rede de fortalecimento, um quilombo epistêmico.

Objetivo: Refletir sobre a proposta epistêmica de intelectuais e ancestrais negras, aliada ao pensamento de bell hooks na contribuição para a formação docente de mulheres negras matriculadas nos cursos de licenciatura da UFSC.

Desenvolvimento: Precisamos reconhecer que existe um regime patriarcal, racista, hegemonicamente branco e eurocêntrico. E, a partir desse reconhecimento, ampliar as discussões sobre a educação, para modificar o presente e o futuro. Patrícia Hill Collins (2019), sobre o feminismo negro e sua forma de confronto do conhecimento acadêmico e as experiências da autora com mulheres negras, aponta que o dito intelectual deve ser reconstruído e redefinido, já que nem todas as intelectuais foram escolarizadas e nem todas fazem parte do meio acadêmico.

Sobretudo as “escutavivências”, conceito que possa estar surgindo, uso este termo em minhas escritas, dialoga com a Escrivivência de Conceição Evaristo (2005), tecendo uma escuta sensível da pesquisadora, a escrita de suas histórias de vida.

Considerações finais: Todas as mulheres negras em suas diferentes gerações são impactadas pelo racismo estrutural. Sobretudo é preciso avançar no que tange à educação e formação da população negra; bell hooks (2020), ressalta a importância que a conversa é uma intervenção potente, pois abre espaço para



muitas vozes onde se pressupõe que essas vozes podem ser ouvidas.

Palavras-chave: Mulheres Negras; Epistemicídio; Ancestralidade.

Agradecimentos:

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☐ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☒ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



EWÊ: ERVAS QUE CURAM

CAROLLINY MARQUES DA ROSA¹; GABRIELE DA COSTA MARQUES²;
RAÍSSA STELLA DE RESENDE BAR³

¹IFRS-Campus Feliz – karolmarqxs@gmail.com; ²IFRS-Campus Feliz – gabi0209marques@gmail.com; ³Universidade Federal do Rio Grande do Sul - raissastella@gmail.com

Introdução: Falar sobre os povos de terreiro nos remete à preservação e culto à natureza, preservação dos saberes ancestrais e o culto à ancestralidade. Desta forma, falar sobre as ervas ancestrais, a partir da ótica e das vivências dos povos de terreiro é o que move este projeto, desenvolvido na *Roça, A Casa dos Orixás* (roça de Candomblé, Quimbanda e Umbanda, também reconhecida e certificada como ponto de cultura) a partir da execução do projeto *Ewê: ervas que curam*, com apoio da Lei Paulo Gustavo Municipal da cidade de Feliz-RS. Em tempos em que vemos o aumento dos casos de intolerância religiosa e o descaso com a natureza junto ao racismo ambiental, buscamos apresentar para a comunidade a importância dos saberes ancestrais dos povos de terreiro, a partir de transmissões orais, e como eles estão presentes não apenas no dia a dia dos povos de matriz africana, mas também na cultura popular brasileira e no cotidiano de todos. **Objetivo:** De modo a proporcionar um espaço de manutenção dos saberes ancestrais, com foco na medicina tradicional e ancestral, construímos oficinas que visam dialogar com alunos e a comunidade de modo a evidenciar as propriedades das ervas e seus usos dentro do território e no cotidiano. Assim, buscamos trazer para a atualidade esses saberes milenares que dão base ao que hoje conhecemos como homeopatia: reconhecida como prática integrativa e complementar ao SUS que resgata os saberes ancestrais e reforça o poder energético-terapêutico das ervas. **Desenvolvimento:** Para isso, em 2024, realizamos quatro oficinas com públicos variados: Duas na sede da Roça e tiveram como público alvo a comunidade do território e pessoas externas ao mesmo, em um movimento de troca de saberes. Uma foi realizada em uma creche no município vizinho, em São Sebastião do Caí, e a outra foi realizada em uma escola estadual de Porto Alegre, ministrada para uma turma do segundo ano do ensino médio. Essa última, constituiu parte da pesquisa do TCC (licenciatura em matemática) da terceira autora (Bar, 2024). Ao longo das oficinas, as ervas foram apresentadas aos participantes, foi destacado seu uso para os povos de terreiro e em especial no dia a dia da Roça. Também evidenciou-se os tipos de ervas, classificações, usos fitoterápicos e medicinais, diferenças e semelhanças. Além disso, as oficinas destacaram as propriedades químicas que condizem com os usos dos saberes tradicionais e qual a relação entre o conhecimento científico-moderno e os saberes ancestrais. **Considerações finais:** A partir das oficinas, o projeto promoveu a valorização das tradições de matriz africana ao apresentar as práticas ancestrais sobre os usos das ervas de modo a preservar e disseminar as tradições, promovendo o respeito às raízes ancestrais e a diversidade cultural. As oficinas proporcionaram



um espaço de aprendizado e vivência das tradições de matriz africana, suas práticas de cura, bem como de troca de saberes.

Palavras-chave: Saberes ancestrais, ervas medicinais, povos de terreiro

Agradecimentos/Apoio: Agradecemos à Ya Patricia do Xangô e a Roça, A Casa dos Orixás por ter proporcionado a oportunidade ao empoderar a juventude de terreiro para desenvolvermos este trabalho de formação sobre os saberes ancestrais quanto aos usos das ervas. É muito importante que tenhamos cada vez mais espaço para levar nossos saberes para outros espaços, como as escolas e para outros públicos que não fazem parte do território de modo a disseminar essa cultura tão rica e potente que envolve a medicina ancestral.

Forma de apresentação:

- ☒ (X) Relato de Experiência
- ☐ () Pesquisa Acadêmica
- ☐ () Produção Poética ou Literária
- ☐ () Expressão Artística e Performativa
- ☐ () Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☒ (X) Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ () Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ () Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



HÁBITOS DE VIDA DE IMIGRANTES ESTRANGEIROS E OS MOTIVOS DA IMIGRAÇÃO PARA O BRASIL

MARGARIDA CASSOVA BRAZ¹; LAÍS FARIAS JULIANO²; LAURELIZE PEREIRA ROCHA³; CAROLINE PASSOS ARRUDA⁴; JULIA SEVERO DOS SANTOS⁵; USSAINATO DJALÓ⁶

¹Universidade Federal do Rio Grande (FURG)- cassova2018@gmail.com; ²Universidade Federal do Rio Grande (FURG)-laisfjuliano@gmail.com; ³Universidade Federal do Rio Grande (FURG)-laurelize@gmail.com; ⁴Universidade Federal do Rio Grande (FURG)-carolparruda@gmail.com; ⁵Universidade Federal do Rio Grande (FURG)-juliasevero98@gmail.com; ⁶Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – ussainatodjalo1@gmail.com

Introdução: A vida dos imigrantes é marcada por aspectos de sofrimento ao realizarem a troca de país. Os hábitos de vida se modificam juntamente com a rotina e com as experiências vivenciadas no processo migratório. Conhecer esses fatores possibilita que a equipe de saúde auxilie na inclusão e acolhimento de imigrantes nas redes de atenção à saúde, embasados na adaptação cultural ao território que o acolhe e nos resultados oriundos da pesquisa. **Objetivo:** Conhecer a mudança nos hábitos de vida de imigrantes estrangeiros e os motivos da imigração para o Brasil. **Desenvolvimento:** Estudo transversal, do tipo qualitativo, descritivo e exploratório. Está sendo desenvolvido em uma cidade no extremo Sul do Rio Grande do Sul, que acolhe imigrantes de diferentes países. De acordo com um representante haitiano, no ano de 2023 havia cerca de 280 imigrantes vivendo na cidade. As coletas de dados iniciaram em junho de 2025 através da metodologia bola de neve exponencial e, até o momento, obteve a participação de sete imigrantes. Os imigrantes são convidados a participar de uma entrevista baseada em um roteiro contendo questões para caracterização e questões relacionadas a saúde. É solicitado que assinem um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação. Para análise dos dados parcial, foi utilizado o *software* gratuito IRAMUTEQ e Análise Textual Discursiva. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da instituição proponente sob CAAE 86101425.9.0000.5324. Quanto a caracterização dos participantes, a média de idade foi de 37,7 anos (dp≈5,2); cinco são do sexo masculino e dois do sexo feminino; cinco oriundos do Haiti e dois do Senegal. A Classificação Hierárquica Descendente no *software* IRAMUTEQ obteve 85.37% de aproveitamento, gerando sete classes, as quais foram incluídas na primeira etapa da Análise Textual Discursiva, como unidades de sentido. Para a segunda etapa, foram criadas duas categorias intituladas Hábitos e Estilo de Vida após a Imigração e Motivação Migratória. Por fim, a produção de metatextos buscou incluir informações objetivando buscar o significado teórico das categorias emergentes. A primeira categoria trouxe informações acerca da realização de atividade física como corrida e academia, e mudanças na alimentação diária após a imigração. Os participantes relataram não consumir álcool, drogas ilícitas e fumo. Na segunda categoria, foi evidenciada a busca por oportunidades de estudo e trabalho, bem como o desejo de viajar e mudar de país como motivação para o processo migratório. Ainda, dificuldades financeiras e familiares foram expostas como razão para deixar o país natal. **Considerações finais:** o estudo destacou o processo migratório dando ênfase na saúde dos imigrantes, considerando hábitos e qualidade de vida. Contudo, é fundamental investir em estratégias que



sejam inclusivas no atendimento ao imigrante no ponto de vista cultural e linguístico. Como limitação, destaca-se a dificuldade de contatar os imigrantes para realização da entrevista.

Palavras-chave: Migrante; Atenção Primária à Saúde; Enfermagem.

Agradecimentos/Apoio: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☒ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



INFÂNCIA NEGRA EM TERRITÓRIOS DE DESCARTE: A MORTE DE DAVID KAUAN E O RACISMO AMBIENTAL NA PERIFERIA DE TERESINA (PI)

LEONARDO GONÇALVES FREITAS¹

¹UFC- UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – FREITASLEONARDO551@GMAIL.COM

Introdução: A morte de David Kauan Silva da Costa, menino negro de 12 anos, atropelado enquanto dormia em um aterro sanitário na cidade de Teresina (PI), revela com brutalidade as camadas de negligência institucional, abandono territorial e violência estrutural que recaem sobre corpos negros na infância. Ao ser analisado sob a perspectiva do racismo ambiental, o episódio transcende a narrativa de tragédia pontual e se insere em uma lógica perversa de gestão seletiva da vida e da morte, em que comunidades negras e periféricas são sistematicamente empurradas para zonas de risco e exclusão. Trata-se de um caso emblemático da necropolítica contemporânea aplicada à infância racializada, com implicações profundas para o debate sobre justiça ambiental, equidade racial e responsabilidade do Estado. **Objetivo:** O presente artigo tem como objetivo analisar criticamente os vínculos entre racismo ambiental, necropolítica e a produção de territórios de descarte no contexto urbano de Teresina, tendo como centralidade o caso de David Kauan. Pretende-se demonstrar como a gestão dos resíduos sólidos no município, associada a práticas estatais de omissão e desigualdade histórica, constitui uma engrenagem que transforma espaços periféricos em fronteiras da morte — sobretudo para corpos negros e empobrecidos. **Desenvolvimento:** A pesquisa adota abordagem qualitativa de natureza crítico-dialética, articulando análise documental, levantamento empírico e aportes teóricos transdisciplinares. Foram analisados relatórios do Tribunal de Contas do Estado do Piauí (TCE-PI), matérias jornalísticas e normativas sobre o funcionamento de aterros sanitários em Teresina, em especial as evidências de precarização estrutural e ausência de protocolos de segurança. A fundamentação teórica é construída a partir dos conceitos de racismo ambiental (Acselrad, 2010), necropolítica (Mbembe, 2018), territórios racializados (Rolnik, 2019) e epistemologias decoloniais (Quijano, 2005; Mignolo, 2017), em articulação com produções sobre infância negra e exclusão urbana. O caso é tratado não como exceção, mas como síntese da crise civilizatória que atravessa o modelo de desenvolvimento urbano-racial brasileiro. **Considerações finais:** A análise evidencia que a morte de David Kauan é expressão material de um regime de gestão pública que admite, consente e perpetua a precariedade nos territórios negros. O artigo conclui que a infância negra segue submetida aos dispositivos de invisibilização e abandono que a colocam à mercê da morte institucionalizada — legitimada pela indiferença política e pelo racismo estrutural. Propõe-se, como caminho urgente, a reformulação dos marcos legais e operacionais de gestão ambiental à luz de uma justiça racial radical e a inclusão da infância negra como sujeito de direito



na formulação de políticas públicas. O caso de Teresina é convocado, neste sentido, como alerta nacional sobre os riscos do racismo ambiental e sobre a urgência de se pensar um outro projeto de cidade, de infância e de vida.

P a l a v r a s - c h a v e: Infância Negra; Racismo Ambiental; Necropolítica; Exclusão Urbana; Justiça Racial.

Agradecimentos/Apoio: opcional

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☒ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



INVESTIGANDO OS SABERES ANCESTRAIS DAS ERVAS EM AULAS DE MATEMÁTICA

RAÍSSA STELLA DE RESENDE BAR¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul – raissastella@gmail.com

Introdução: Tendo em vista as Leis 10.639 e 11.645, tomamos como base os referenciais da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) e a concepção de decolonialidade (Walsh, 2009) no desenvolvimento de uma pesquisa que levou para aulas de matemática os saberes ancestrais dos povos de terreiro quanto ao uso das ervas. Esta pesquisa se desenvolveu a partir do trabalho de conclusão de curso (Bar, 2024) de modo a buscar as brechas na colonialidade do saber (Maldonado-Torres, 2007) ao realizar uma prática de investigação com alunos do segundo ano do ensino médio de uma escola estadual de Porto Alegre, que teve como tema alguns saberes sobre alecrim, lavanda e canela. **Objetivo:** Buscamos evidenciar como saberes ancestrais e conhecimentos matemáticos são mobilizados em uma atividade investigativa em aulas de matemática. Para isso, destacamos como os estudantes mobilizaram memórias e vivências a respeito do uso das ervas; de que maneira a matemática foi mobilizada para dar sustentação teórica às investigações dos grupos; e de que forma os alunos refletiram sobre os saberes ancestrais. **Desenvolvimento:** Foram analisados dados de quatro grupos (coletados a partir da gravação de áudio das aulas e anotações no diário de campo). Cada um foi convidado a investigar os saberes evidenciados em uma frase sobre uma das ervas: alecrim, lavanda e canela. Primeiro foi realizada uma busca em sites na internet de modo a procurar o que eles traziam a respeito do uso das ervas e comparar com a frase. Na segunda parte os alunos foram apresentados à cromatografia das ervas (análise química, apresentada como gráfico/tabela, que evidencia todos os compostos e suas respectivas concentrações) e convidados a interpretá-la. Após a análise, os grupos apresentaram para os colegas os resultados obtidos e suas conclusões. Assim, foi possível perceber que ao longo de todo o tempo os alunos mobilizaram suas vivências e memórias ao dar sentido à investigação e buscar compreender melhor sobre a erva estudada. A matemática se evidenciou principalmente durante a análise da cromatografia e contribuiu para que eles pudessem confirmar com segurança as informações que recolheram até então nos sites e se aprofundar na investigação. Ao longo das apresentações finais, alguns alunos destacaram a importância dos saberes ancestrais para que aquele conhecimento fosse investigado posteriormente a partir de métodos científicos. **Considerações finais:** A partir dessa pesquisa, evidenciamos que é possível levar os saberes ancestrais para sala de aula, inclusive nas aulas de matemática, de modo a evidenciar saberes dos povos de terreiro e do uso ancestral e medicinal das ervas. Assim, evidenciamos o modo como a relação ciência/ancestralidade foi abordada uma vez que não se buscou delimitar um



único modo de pensamento possível, mas evidenciar a multiplicidade e a importância dos saberes ancestrais.

Palavras-chave: Saberes ancestrais; Ensino de Matemática; Decolonialidade

Agradecimentos/Apoio: Agradeço a Roça, A Casa dos Orixás e a Yá Patrícia do Xangô pelo apoio nesta pesquisa que iniciou a partir da realização de uma das oficinas da Roça: a oficina *Ewê: ervas que curam*. Essa oficina, bem como todo o trabalho desenvolvido pela Roça, foi fundamental nesta pesquisa pois aborda a importância das ervas para os povos de terreiro, seus usos, propriedades e medicinas ancestrais. Agradeço também à minha orientadora, prof. Dr. Débora da Silva Soares que me deu todo o suporte necessário ao longo de 2024.

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☒ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



INVISIBILIDADES CRUZADAS: UMA REVISÃO NARRATIVA SOBRE MULHERES NEGRAS BISSEXUAIS NO CONTEXTO BRASILEIRO

EMILY MENEZES DE ALBERNAZ¹; WELINTON DA SILVA PAULSEN²; EMILY BRIM SANGURGO CALDEIRA³; ANA CLARA LEIVAS MAIA⁴; HELEN JAINE PINHEIRO BARCELOS⁵; MARINA SOARES MOTA⁶

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) – emily.svp0108@gmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) – welintonpaulsen7@gmail.com; ³Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) – emily.brim@gmail.com; ⁴Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) – analeivasmaiaufpel@gmail.com; ⁵Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) – jainebarcelos2003@gmail.com; ⁶Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) – msm.mari.gro@gmail.com

Introdução: A vivência de mulheres negras bissexuais é atravessada por múltiplas formas de opressão, como o racismo, o sexismo e a bifobia. Essas opressões, somadas, resultam em experiências sociais marcadas pela exclusão, pelo silenciamento e pela negação de identidades. Mesmo inseridas na comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e outras identidades e orientações sexuais (LGBTQIAPN+), mulheres negras bissexuais enfrentam invisibilidade tanto em espaços hegemônicos quanto nos próprios movimentos sociais. A bissexualidade, historicamente deslegitimada, é frequentemente tratada como instabilidade ou fetiche, o que, aliado à hipersexualização dos corpos negros, potencializa vulnerabilidades sociais e subjetivas.

Objetivo: Refletir sobre as vivências de mulheres negras bissexuais no contexto social brasileiro, considerando as relações entre gênero, raça e sexualidade, e discutir os impactos dessas múltiplas opressões sobre sua saúde mental, pertencimento e visibilidade social.

Desenvolvimento: Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, com busca de artigos publicados a partir de 2023 nas bases Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Acadêmico e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Foram incluídos 4 trabalhos publicados em sua maioria em língua portuguesa, com um estudo em inglês, com abordagem interseccional e foco em mulheres negras bissexuais. Os estudos analisados apontam que essas mulheres enfrentam não apenas o racismo estrutural e institucional, mas também o apagamento de sua orientação sexual dentro e fora da comunidade LGBTQIAPN+, o que impacta diretamente sua saúde mental, autoestima e participação social. A ausência de políticas públicas voltadas especificamente para essa população e a escassez de representatividade contribuem para o ciclo de exclusão. Além disso, os espaços acadêmicos e de cuidado ainda carecem de formação crítica que reconheça essas identidades em sua complexidade.

Considerações finais: A experiência de mulheres negras bissexuais evidencia a urgência de políticas que reconheçam e acolham suas especificidades. É necessário fomentar a produção científica sobre o tema e criar espaços de escuta e representatividade. A produção de conhecimento comprometido com essas realidades contribui para romper silenciamentos históricos e construir



estratégias de cuidado e empoderamento que respeitem sua identidade múltipla e complexa.

Palavras-chave: Bissexualidade; Interseccionalidade; Racismo estrutural; Invisibilidade social.

Forma de apresentação: Pesquisa Acadêmica

Eixo temático: Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano

Referências

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Lesbiandades e bissexualidades nas políticas públicas de saúde: falta escuta e gestão de dados em um cenário de violação ao cuidado integral da saúde.** 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/setembro/lesbiandades-e-bissexualidades-nas-politicas-publicas-de-saude-falta-escuta-e-gestao-de-dados-em-um-cenario-de-violacao-ao-cuidado-integral-da-saude>. Acesso em: 9 jul. 2025.

MALTA, Monica; LEÃO, Thiago; MARTINS, Thiago; FONSECA, Rejane; BENEVIDES, Bruna. Exploring intersectionality and its deadly impact on Black queer lives in Brazil. **The Lancet Regional Health – Americas**, [S. l.], v. 31, 2024. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC11077622/>. Acesso em: 9 jul. 2025

PEREIRA, Maria Eduarda Delduque et al. Análise da produção científica sobre a saúde de mulheres bissexuais. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, São Paulo, v. 35, n. 1, 2025. DOI: 10.1590/S0103-73312025350105pt Acesso em: 9 jul. 2025.

SOUZA, S. T. H. de; CASTRO, A. C. G.; FERNANDES, F. E. C. V.; PEREIRA, R. C. L. de F.; SANTOS, J. M. A. dos; MELO, R. A. de. Vivência de Racismo Institucional por Mulheres Negras em Serviços de Saúde. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 16, n. 2, 2024. DOI: 10.20435/pssa.v16i1.2568 Acesso em: 9 jul. 2025



LETRAMENTO RACIAL NO ENSINO SUPERIOR: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA COM OS SERVIDORES TÉCNICOS DA PRÓ-REITORIA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

JOSY DIAS ANACLETO¹; MORGANA RIVA²

¹Universidade Federal de Pelotas – josy.anacleto@ufpel.edu.br; ²Universidade Federal de Pelotas – morgana.riva@ufpel.edu.br

Introdução: Este trabalho apresenta a evolução do processo de Letramento Racial da equipe de servidores técnicos da pró-reitoria de assuntos estudantis (PRAE). *Letramento Racial (racial literacy)* é um termo que se refere ao processo de desenvolvimento de uma consciência crítica sobre as relações raciais, especialmente a partir do reconhecimento e valorização de culturas não europeias. O conceito foi cunhado pela antropóloga afro-americana France Winddance Twine, em 2003, e difundido no Brasil pela psicóloga e pesquisadora Lia Vainer Schucman, a partir de 2012. Neste contexto a PRAE, a partir de 2023 iniciou um processo de letramento racial entre os seus servidores técnicos. Com o intuito de melhorar o atendimento aos nossos estudantes. **Objetivo:** Estudar as práticas antirracistas, tendo o Letramento Racial como ponto de partida para o combate ao racismo dentro de nossa pró-reitoria. **Desenvolvimento:** O Letramento Racial dos servidores da PRAE iniciou pelo Núcleo de apoio psicopedagógico ao discente (Nupadi) e consistia na leitura e discussão de temas que tratavam das práticas antirracistas, bem como na discussão sobre vídeos com a mesma temática e, mais à frente, na produção de material expositivo sobre o combate ao racismo dentro da universidade. A partir de então essa proposta formativa passa a fazer parte dos Planos de Progressão por Mérito dos servidores. Já em 2024 os servidores técnicos em Programa de Gestão de Desempenho, começam incluir em seus planos mensais, no mínimo, a reserva de carga horária de quatro horas para realização dessa mesma atividade. **Considerações finais:** Esse processo ocorreu de forma gradual, permitindo observar a evolução individual de cada servidor na apropriação prática dos temas abordados. Ao longo do tempo, o interesse pelas ações de Letramento Racial cresceu significativamente, e, em fevereiro de 2025, alcançamos um marco importante: 100% dos servidores da PRAE passaram a dedicar uma hora semanal às discussões e reflexões sobre o Letramento Racial. Desta forma, ressaltamos a urgência de seguirmos construindo estratégias de enfrentamento ao racismo e de qualificação no acolhimento a estudantes negras e negros na UFPel.

Palavras-chave: Antirracismo; Letramento Racial; Servidores TAE; UFPel

Agradecimentos/Apoio: opcional

Forma de apresentação:
(x) Relato de Experiência



- ☐ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



MAFWEEK - ESTÉTICA EM MOVIMENTO, FORMAÇÃO E INTERVENÇÃO CULTURAL AFROCENTRADA

MATHEUS ENRICO CARDOSO SILVA

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais – matheus_.enrico@hotmail.com

Introdução: A presença negra na universidade carrega muitas camadas: é conquista, resistência e transformação. Inspirado nessa potência, o projeto MAFWEEK – Estética em Movimento, aprovado no Edital da Pró-Reitoria de Assistência Estudantil 02/2025 e realizado até novembro, aberto à comunidade interna e externa, nasce como um ciclo formativo afrocêntrico que articula saberes ancestrais, práticas artísticas, oficinas diversas, estética negra, audiovisual e reflexões críticas. Desde a abertura, em 10/07/2025, com a mesa “À mesa com os ancestrais” e receitas autorais inspiradas por Moçambique e Benin, o projeto constrói afetos, fortalece identidades e aproxima novos públicos. Além disso, incorpora o afroturismo como campo legítimo de circulação de saberes, promovendo bem-estar a partir do encontro entre arte, memória e formação, transformando a Universidade Federal de Minas Gerais em território vivo da cultura afro-brasileira. **Objetivo:** Relatar a experiência de desenvolvimento de práticas educativas e artísticas que promovem o letramento racial, o fortalecimento da autoestima e a criação de novas narrativas antirracistas. **Desenvolvimento:** O MAFWEEK organiza encontros semanais até novembro, integrando oficinas de gastronomia ancestral e diaspórica, artesanato, turbantes, penteados, bordados de símbolos adinkras e bonecas abayomis, além de audiovisual e danças afro-diaspóricas como amapiano, dancehall e cheers funk. Inspirado por autores como bell hooks (1995) e Cuti (2010), o projeto adota metodologia participativa e afetiva, aproximando públicos internos e externos da Universidade Federal de Minas Gerais e criando pontes entre memória, arte e pertencimento. O registro e divulgação dessas atividades ocorrem de forma contínua pelo Instagram do projeto (@MAFWEEK), ampliando o alcance e a memória coletiva. No eixo audiovisual, a minissérie documental CineAfro registra relatos de personalidades que são referências na identidade cultural negra: a Rainha Belinha do Congado de Minas Gerais; as anciãs que inspiraram restaurantes em Jundiaí-SP, dedicados à culinária ancestral baiana; Marielda, educadora e escritora do RS; e Luz, mulher trans que expressa sua trajetória e resistência pela moda. Esses depoimentos, somados às pesquisas sobre grupos como o Clube 28 de Setembro (Jundiaí-SP), o coletivo “Fica Ahi” e o jornal Alvorada (Pelotas-RS), compõem uma narrativa viva que conecta corpo, território e memória. Até novembro, o percurso culmina na intervenção final Afro Fashion Week, reunindo dança, espaço de cura, moda, música e audiovisual para celebrar histórias negras em múltiplas linguagens. **Considerações finais:** O MAFWEEK amplia a pluralidade de saberes e práticas na universidade, potencializando bem-estar, autoentendimento e pertencimento negro. Ao unir estética, memória, audiovisual, afroturismo e as narrativas dessas



personalidades, valoriza saberes ancestrais que atravessam gerações e reafirma que a presença negra nos territórios acadêmicos é força, afeto e resistência viva, tornando a universidade mais plural, inclusiva e comprometida com a luta antirracista.

Palavras-chave: Estética, Afroturismo; Audiovisual; Letramento Racial e Memória.

Forma de apresentação:

- ☒ (X) Relato de Experiência
- ☐ () Pesquisa Acadêmica
- ☐ () Produção Poética ou Literária
- ☐ () Expressão Artística e Performativa
- ☐ () Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ () Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ () Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☒ (X) Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



MULHER NEGRA NA PÓS-GRADUAÇÃO: UM RELATO EM PRIMEIRA PESSOA

TAÍS DIAS DOMINGUES

Universidade Federal de Pelotas – taistata742@gmail.com

Introdução: Minha breve trajetória na pós-graduação revela os enfrentamentos e exclusão vividos por mulheres negras no ensino superior. Embora tenhamos conquistado avanços no acesso, permanecer nesses espaços continua sendo um desafio marcado por estruturas racistas, machistas e elitistas. Vivenciar a universidade, para mim, foi atravessar cotidianamente os efeitos do racismo estrutural e institucional, que afetam não apenas o desempenho acadêmico, mas também o bem-estar emocional e psicológico de mulheres negras. **Objetivo:** Refletir acerca da presença e permanência de mulheres negras na pós-graduação a partir do feminismo negro. **Desenvolvimento:** Utilizando as lentes do feminismo negro e a partir da minha narrativa de vida, compreendo que minhas vivências não são isoladas, elas expressam uma lógica de exclusão que se manifesta na interseção entre raça, gênero e classe. Nesse sentido, o conceito de “dupla alteridade” me ajuda a entender essa posição de marginalização, uma vez que, não sou homem e não sou branca, o que me posiciona, várias vezes, em um lugar de invisibilidade dentro da academia. Essa condição produz um sentimento constante de deslocamento, não pertencimento e, por vezes, solidão. Desde a graduação, percebia sinais do que entende-se por racismo estrutural, mas foi na pós-graduação que a ausência de acolhimento se tornou mais evidente. Ao ingressar na pós-graduação havia a expectativa de um ambiente acolhedor e favorável ao crescimento acadêmico. No entanto, encontrei uma realidade marcada pela ausência de acolhimento e colaboração, que se intensificou em momentos de maior exposição, como, por exemplo, durante a apresentação de um projeto, no decorrer de uma disciplina, as críticas foram fortemente direcionadas para a minha fragilidade acadêmica ao invés de ser construtivas para a minha formação como pesquisadora. Esse fato fez com que eu aumentasse a insegurança de estar nesse espaço. Senti minha confiança diminuir, e passei a duvidar da legitimidade da minha presença ali. Percebi que minha condição de mulher negra e bolsista me tornava ainda mais vulnerável aos julgamentos e à desconfiança. Mesmo com alguns incentivos pontuais, as marcas emocionais foram profundas, gerando insegurança em outras apresentações e fortalecendo um sentimento de inadequação, mas refletindo como criar estratégias para permanecer. **Considerações finais:** Ao compartilhar minha experiência, não busco apenas tornar visível a dor, mas também fortalecer o debate sobre a permanência de mulheres negras na pós-graduação. É urgente repensar práticas e políticas institucionais para que a universidade deixe de reproduzir exclusões e se torne, de fato, um espaço de construção coletiva e emancipadora. Que nossos relatos, vozes e presenças não sejam exceções, mas parte integrante e reconhecida da produção de conhecimento.



Palavras-chave: Mulheres negras; pós-graduação; Racismo institucional; permanência e êxito no ensino superior.

Agradecimento/Apoio: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

Forma de apresentação:

- ☒ (X) Relato de Experiência
- ☐ () Pesquisa Acadêmica
- ☐ () Produção Poética ou Literária
- ☐ () Expressão Artística e Performativa
- ☐ () Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ () Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ (X) Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ () Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



NUTRICÍDIO, RACISMO E INSEGURANÇA ALIMENTAR: FACES DE UMA DESIGUALDADE ESTRUTURAL

CHRISTIELE LOPES DA LUZ¹; MARINA SOARES MOTA²; ÍRIA RAMOS OLIVEIRA³

¹UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – cristieleduz@gmail.com; ²UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – msm.mari.gro@gmail.com 2; ³UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – iria_oliv@hotmail.com

Introdução: A insegurança alimentar é um fenômeno multifatorial que ocorre quando pessoas perdem o acesso contínuo a alimentos seguros, nutritivos e de boa qualidade (CABRAL, 2004). O nutricídio, conceito de Llaila O. Afrika (2013), debate o genocídio da população negra quando é negado o direito à produção e consumo de alimentos saudáveis. Assim, destaca-se a diferenciação entre os dois termos: enquanto a insegurança alimentar descreve a condição de falta de acesso a alimentos adequados, o nutricídio, segundo Afrika, nomeia a forma extrema pela qual o racismo estrutural atua para eliminar corpos negros, matando-os pela fome e pela negação de direitos. **Objetivo:** O estudo vem com objetivo de expor como questões raciais, socioeconômicas e demográficas nos atravessam de diversas formas e também trazendo o recorte de como o nutricídio da sociedade nos mata e nos abala todos os dias. **Desenvolvimento:** A pesquisa trata-se de uma revisão narrativa da literatura que adota uma abordagem reflexiva e crítica. A pesquisa foi realizada por meio da análise de produções acadêmicas e teóricas que discutem os conceitos, considerando que o evento investigado, o nutricídio enquanto expressão do racismo alimentar exige a análise crítica das relações de poder envolvidas e das próprias práticas de produção de conhecimento. Llaila Afrika (2013) aborda como a cultura Colonizadora nos afetou ao longo dos anos, trazendo mudanças no estilo de vida, de alimentação e na escassez de alimentos saudáveis. Essas alterações contribuíram efetivamente para o maior índice de comorbidades para a população negra como hipertensão, diabetes e outras doenças. O aumento do uso de farinha, sal e açúcar na alimentação foi extremamente prejudicial, segundo o Censo demográfico de 2010, em locais de desertos alimentares (lugares onde há pouco ou nenhum local para adquirir alimentos saudáveis) a porcentagem da população negra variou de 48,8% e 60,1%, em bairros nobres apenas 5,8%. Além de não ter poder de compra correspondente a dificuldade na obtenção de alimentos (HONÓRIO, et al, 2023). Ou seja, o nutricídio enquanto expressão do racismo alimentar exige a análise crítica das relações de poder envolvidas e das próprias práticas de produção de conhecimento. **Considerações finais:** Os resultados indicam que o nutricídio deve ser entendido como um processo articulado ao racismo estrutural, reafirmando a necessidade de políticas públicas que enfrentam essas desigualdades de forma interseccional.

Palavras-chave: Racismo Alimentar; Nutricídio; Desertos alimentares



Forma de apresentação:

(X) Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

(X) Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano



O AQUILOMBAMENTO ENTRE MULHERES NEGRAS COMO ESTRATÉGIA DE ACOLHIMENTO E SOBREVIVÊNCIA DENTRO DE UM CURSO DE GRADUAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

LAUREN ALESSANDRA DORNELES RAMOS GUIMARÃES¹; ELANA GONÇALVES FERREIRA²; KIARA TEIXEIRA PINHEIRO³; MARINA SOARES MOTA⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – laurenramosg@yahoo.com; ²Universidade Federal de Pelotas – elanagf03@gmail.com; ³Universidade Federal de Pelotas – kiaratp2001@gmail.com; ⁴Universidade Federal de Pelotas – msm.mari.gro@gmail.com

Introdução: A trajetória acadêmica é um momento cheio de descobertas, compartilhamento de experiências e produção de conhecimento, entretanto, quando analisada pela ótica da interseccionalidade, revela grandes desafios impostos a universitários atravessados por marcadores sociais como raça, gênero e classe. Nesse sentido, o aquilombamento entre corpos racializados se configura como símbolo de acolhimento, escuta e ato político de resistência e proteção frente ao racismo institucional e estrutural enfrentado dentro e fora do ambiente acadêmico. **Objetivo:** O presente resumo tem como objetivo discutir sobre como a interseccionalidade interfere na vida de mulheres negras dentro do ambiente acadêmico. **Desenvolvimento:** O texto trata-se de um relato de experiência a partir da vivência e das percepções de três amigas negras, estudantes do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, frente suas trajetórias acadêmicas. O Brasil foi o último país a abolir a escravidão e, ao povo negro, foi negado o direito de estudar e escrever sua própria história. O acesso à educação formal sempre foi instrumento de manutenção de privilégios brancos. Sob essa perspectiva, ser uma mulher negra dentro de uma universidade é ocupar um espaço que por séculos nos foi negado, rompendo com um ciclo de silenciamento e exclusão. O início da trajetória acadêmica, embora seja um momento de entusiasmo para muitos, é carregado de inseguranças para mulheres negras, devido à falta de identificação e à exclusão que enfrentam nesse ambiente. Além disso, suas experiências, conquistas e saberes são frequentemente inviabilizados, causando sentimentos de inferioridade, auto sabotagem e desamparo, tornando a vivência ainda mais desafiadora. Isso torna-se ainda mais explícito quando colegas brancos são frequentemente exaltados pela realização de tarefas simples, enquanto estudantes negros tem suas ações minimizadas ou ignoradas, além de, por vezes, serem impedidos de realizar atividades, tendo suas oportunidades de aprendizagem repassadas a colegas brancos. O que reitera a lógica de que para serem reconhecidos, necessitam trabalhar e se esforçar duplamente, o que não é somente desgastante e entristecedor, mas também perpetua um ciclo de desigualdade dentro do ambiente acadêmico. **Considerações finais:** Neste contexto, o ato de “aquilombar-se” representa uma forma de resistência e pertencimento frente ao racismo estrutural e institucional. Ao reconhecer-se no outro, mulheres negras fortalecem redes de apoio e reafirmam suas identidades. No ambiente acadêmico, esse movimento rompe o isolamento, promove



acolhimento e se torna uma estratégia de sobrevivência, transformação e afirmação do direito de existir e aprender.

Palavras-chave: Mulheres negras; Resistência; Acolhimento; Interseccionalidade; Aquilombamento.

Forma de apresentação:

- ☒ (x) Relato de Experiência
- ☐ () Pesquisa Acadêmica
- ☐ () Produção Poética ou Literária
- ☐ () Expressão Artística e Performativa
- ☐ () Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ () Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ (x) Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ () Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



O BODE COMO MANTENEDOR DA TRADIÇÃO DE MATRIZ AFRICANA NO BRASIL E NA LUTA ANTIRACISTA

REGINA BARROS GOULART NOGUEIRA¹

¹UCPEL- Universidade Católica de Pelotas. regina.nogueira@ucpel.edu.br

Introdução: Este estudo propõe uma reflexão sobre o sistema alimentar dos Povos Tradicionais de Matriz Africana (POTMA), enfocando o papel simbólico, espiritual e nutricional do bode na manutenção das tradições africanas no Brasil. A partir da perspectiva de uma mulher preta, de terreiro e pesquisadora, a autora denuncia as estruturas coloniais que invisibilizam saberes ancestrais e reafirma o alimento como um direito sagrado e instrumento de resistência. **Metodologia:** A pesquisa adota uma metodologia baseada na oralidade, ancestralidade e espiritualidade, nomeada "bolo-bolo" ou "fio de conta", na qual a produção do conhecimento ocorre por meio da escuta circular, das vivências coletivas e da partilha de experiências em comunidades de terreiro. São utilizados dados de grupos focais com lideranças tradicionais de todas as regiões do Brasil, realizados em ações conjuntas entre FONSANPOTMA, FIOCRUZ e UFRGS, além de registros de atuação no CONSEA e outros espaços de articulação política. **Resultados e Discussão:** Os relatos demonstram que o bode é um animal central na alimentação sagrada, símbolo de sacralidade, abundância e ligação com os ancestrais. Seu preparo ritualístico e consumo coletivo refletem uma relação ecológica, espiritual e social com o mundo. A criação e abate do bode seguem práticas sustentáveis que respeitam o ciclo da vida e os ensinamentos dos orixás. Contudo, os POTMA enfrentam desafios como o racismo ambiental, a negação institucional, a informalidade da cadeia produtiva e a ausência de políticas públicas específicas. A informalidade do sistema alimentar tradicional também é alvo de criminalização, o que impacta diretamente a saúde coletiva dessas populações. **Conclusão:** O reconhecimento do bode como elemento estruturante da soberania alimentar dos POTMA é uma ação urgente de justiça epistêmica, ambiental e racial. A luta antirracista se concretiza na defesa dos modos de vida que valorizam a coletividade, a circularidade e o bem viver. A regulamentação do Decreto 6.040/2007 e a aprovação do PL 1279/2022 (PL Makota Valdina) são passos fundamentais para garantir o direito à alimentação adequada e culturalmente referenciada. O bode, enquanto símbolo e alimento, representa a resistência dos povos de terreiro e sua contribuição inestimável para a construção de uma sociedade mais justa e plural.

Palavras-chave: Povos Tradicionais de Matriz Africana; sistema alimentar; racismo ambiental; espiritualidade; soberania alimentar.

Forma de apresentação:

- () Relato de Experiência (
-) Pesquisa Acadêmica
- () Produção Poética ou Literária



- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☒ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☒ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



O CORPO NEGRO COMO FRONTEIRA: RACISMO E RESISTÊNCIA NO CUIDADO EM SAÚDE

KAREN SOARES PORTO¹; STEFANIE GRIEBELER OLIVEIRA²; MARIA CLARA MARCELINA DAS NEVES CHAGAS³; FERNANDA EISENHARDT DE MELLO⁴; GULNARA WALESKA RUBIO MARTINEZ SANTANA⁵

¹Universidade Federal de Pelotas- profakarensoares@gmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas – stefaniegriebeleroliveira@gmail.com; ³Universidade Federal de Pelotas- maclara.nchagas@gmail.com; ⁴Universidade Federal de Pelotas – fernandamello972@gmail.com; ⁵Universidade Federal de Pelotas – gulnarassantana@hotmail.com

Introdução: O corpo negro, historicamente, é atravessado por marcas coloniais que se atualizam em práticas racistas, inclusive nos serviços de saúde. Durante a pandemia da COVID-19, essas violências se intensificaram, atingindo profissionais de enfermagem negras, que ocuparam a linha de frente sem garantias equânimes de proteção e reconhecimento. Essa realidade expõe como o racismo estrutural organiza as relações de trabalho e impacta a saúde física e mental dessas mulheres, revelando o corpo como território de opressão, mas também de resistência. **Objetivo:** Analisar os sujeitos enfermeiros e enfermeiras que vivenciaram práticas racistas no contexto dos serviços de saúde durante a pandemia da COVID-19, discutindo os atravessamentos do corpo negro no cuidado e as estratégias de resistência acionadas por essas profissionais. **Desenvolvimento:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida a partir de entrevistas com enfermeiras negras e enfermeiros negros atuantes durante a pandemia (2020-2021). As narrativas foram analisadas por meio da Análise Episódica, com enfoque interseccional, considerando raça, gênero e classe. A discussão foi sustentada por referenciais de autoras negras como Grada Kilomba e Sueli Carneiro, articulando teoria e experiência para compreender a violência racial cotidiana e seus desdobramentos sobre o corpo profissional. As falas evidenciam que o corpo destes sujeitos é racializado, sendo interpretado como corpo resistente e hipercapaz, o que legitima sobrecargas e negligência institucional. Ao mesmo tempo, emergem práticas de resistência baseadas na ancestralidade, espiritualidade e redes de apoio, que reafirmam o corpo como lugar de cura, luta e potência. **Considerações finais:** Compreender esses processos é fundamental para enfrentar o racismo estrutural na saúde, construir ambientes laborais mais justos e valorizar saberes ancestrais como práticas de cuidado integral.

Palavras-chave: Racismo estrutural; Enfermagem; Pandemia; Resistência; Ancestralidade

Agradecimentos/Apoio: Um agradecimento ao meu povo de Axé que me sustentou até aqui, a minha família espiritual e carnal, e a mim mesma. Esta



pesquisa foi apoiada pela instituição CNPQ, na posição de bolsista/pesquisadora.

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☒ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



“OCUPAR E ENEGRECER”: EDUCAÇÃO POPULAR COMO CONTINUIDADE DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NEGROS NOS CURSINHOS PRÉ-VESTIBULARES NO ESTADO SÃO PAULO

ANDRÉ ALVES SILVA¹; GABI OLIVEIRA LIMA²; SAMUEL DE JESUS CABRAL³

¹Universidade Federal de Pelotas – andrealves828@gmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas – ga6161bi@gmail.com; ³Universidade Federal de Pelotas – samuel.gts10@gmail.com

Introdução: Como jovens negros e periféricos das quebradas de São Paulo, nossa trajetória acadêmica não começa no vestibular, nossos passos vêm de muito longe, somos continuidade de uma longa história de luta e resistência. A cada incentivo e alerta sobre a importância da educação fortalecia o desejo e nutria o sonho de mudar nossa realidade através dos estudos. Contudo, ao longo desse percurso nos deparamos com muitas adversidades, como, por exemplo, uma dupla jornada de trabalho e estudo, além do sucateamento da educação pública. Portanto o apoio encontrado nos movimentos sociais negros e nos cursinhos pré-vestibulares Núcleo de Consciência Negra (NCN) e no Educafro Valongo, sediados nos municípios de São Paulo/SP e Santos/SP, possibilitam a entrada de pessoas negras e em sócio vulnerabilidade nas Universidades brasileiras. **Objetivos:** Expor vivências e experiências nos cursinhos pré-vestibulares como meio para uma consciência negra de si na vida social e para o acesso à universidade. E evidenciar a partir dessa trajetória compartilhada as dinâmicas do saber-fazer que fortalecem a coletividade, o resgate da identidade, criticidade e o retorno do que nos foi dado. **Desenvolvimento:** O método a ser empregado para fundamentar este trabalho é o conceito teórico-metodológico da *escrivência*, cunhado por Conceição Evaristo (2020), para emergir deste relato a nossa trajetória na educação popular e destacando a oralidade, coletividade e a mutualidade das experiências de jovens negros periféricos. Podemos realçar, como exemplo, que os cursinhos comunitários são exemplos de organizações promotoras de expansão do conhecimento político, de escuta, debate e exercício da cooperatividade. Ambas as entidades não têm fins lucrativos, são voltadas ao voluntariado, o espaço é mantido a partir de doações de mantimentos como alimentos, artigos de higienização e material pedagógico. Os planos pedagógicos são criados pela equipe de pedagogos e estudantes voluntários das universidades e faculdades regionais, além de contar com espaço de assistência social e psicológica. **Considerações finais:** Conforme o conhecimento nos transformava, e não só o aprendido na escola, configurou-nos a sentir/pensar que era por esse caminho que devíamos continuar seguindo, no decorrer desse crescimento a formação das nossas identidades, a realidade emergida das comunidades que pertencemos e a rebeldia de um jovem não levado a sério,



este principalmente sendo negro, corroborou para este primeiro marco: a educação como caminho. Com isso, é possível notar a importância de ambos os projetos sociais como propulsor para o desenvolvimento das capacidades necessárias para os vestibulares e destacam-se como importantes centros de formação política, realizando um trabalho de conscientização social e reafirmação das identidades marginalizadas.

Palavras-chave: Cursinho pré-vestibular; educação popular; movimentos sociais negros; jovens negros.

Agradecimentos/Apoio: Agradecimentos aos cursinhos Núcleo de Consciência Negra e Educafro Núcleo Valongo.

Forma de apresentação:

- ☒ (X) Relato de Experiência
- ☐ () Pesquisa Acadêmica
- ☐ () Produção Poética ou Literária
- ☐ () Expressão Artística e Performativa
- ☐ () Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ () Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ (X) Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ () Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



O SEMINÁRIO ILÊ JÍ

MURILO TRINDADE E SILVA¹; CARLA TRINDADE E SILVA ²; LISLAINE MATOS³; NADIA DA TRINDADE GOMES⁴; SIMONE PORTO MACHADO⁵; CARMEN LUIZA ANDRADE⁶

¹Ilê Asê Osun Doco Osalà Orunmilà – muri.lo@hotmail.com; ²Ilê Asê Osun Doco Osalà Orunmilà – carlaosun@gmail.com; ³Ilê Asê Osun Doco Osalà Orunmilà – lislainemts@gmail.com; ⁴Ilê Asê Osun Doco Osalà Orunmilà – nadia.trindade2806@gmail.com; ⁵Ilê Asê Osun Doco Osalà Orunmilà – simoneh_1993@hotmail.com; ⁶Ilê Asê Osun Doco Osalà Orunmilà – caisa.andrade@hotmail.com

Introdução: O Seminário Ilê Jí acontece desde 2015, anualmente no mês de maio no Ilê Asê Osun Doco Osalà Orunmilà no município de Rio Grande – RS, idealizando o terreiro como espaço pedagógico, social, político, de resistência e valorização da Matriz Africana. Com ênfase na história africana, valorização da tradição africana na diáspora, como território de escurecimento desses temas junto à comunidade. **Objetivo:** O Seminário nasce da necessidade de pesquisar os principais temas que envolvem a tradição de matriz africana, como vivências, saberes, racismo, teologia e ontologia, entendendo a tradição africana como locus de preservação do ser africano, que na diáspora foi atravessado pelo colonialismo, pelo racismo e pela desumanização. Nós entendemos que o terreiro deve ser território do voltar a ser, desde que radicalmente antirracista, decolonial, de acolhimento, de acesso a psicologia tradicional afrocentrada, de organização existencial através da consulta ao oráculo, da vivência coletiva, de reverenciamento ao contínuo ancestral e de vivência sob ética das divindades africanas. **Desenvolvimento:** O Ilê Asê Osun Doco Osalà Orunmilà, coordenado pela Iyalorisa Carla T’Osun, através do Seminário Ilê Jí, oferece a comunidade um espaço de vivência sob os valores centrais da tradição de matriz africana, como a preservação da natureza, a indivisibilidade dos espaços visível e invisível, as narrativas míticas que dão origem aos valores sociais, éticos e morais. O seminário ocorre sempre na primeira semana do mês de maio, possui eixo temático central, definido por análise dos assuntos relevantes do cenário brasileiro e gaúcho, analisados sob a ótica da tradição, a partir do qual são produzidos os trabalhos de pesquisa apresentados à comunidade e convidados de outros terreiros de forma presencial. Como sabemos o colonialismo produziu e sustenta a expropriação, sequestro e genocídio dos povos africanos, desde o início da modernidade deixando profundas marcas existenciais. Mas entendemos que o terreiro é o espaço para pensar alternativas, pois está ancorado em uma tradição milenar que possui outros pressupostos para desenvolvimento social e político com liberdade de pensamento. Deste modo os temas são permeados pela filosofia africana, intrínseca a compreensão e reflexão acerca de temas complexos. **Considerações finais:** O Seminário Ilê Jí, ao longo desses últimos dez anos tem contribuído com a produção de conhecimento, buscando romper com paradigmas, para produzir autonomia e liberdade. Assim busca preservar a história dos povos africanos, a cultura e a tradição de matriz africana, além de criticar as bases do pensamento ocidental



que durante a modernidade montou o arcabouço de teorias aéticas para dar conta do escárnio produzido pelo colonialismo, processos de subjetivação e produção do Outro como não ser o que perdura até os dias de hoje.

Palavras-chave: matriz africana, terreiro, resistência, voltar a ser.

Agradecimentos: Prof. Jayro Pereira de Jesus.

Forma de apresentação:

- ☒ (x) Relato de Experiência
- ☐ () Pesquisa Acadêmica
- ☐ () Produção Poética ou Literária
- ☐ () Expressão Artística e Performativa
- ☐ () Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ () Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ () Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☒ (x) Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



O SOLO ONDE ME SENTI RAIZ: TRAJETÓRIA DE UMA ACADÊMICA NEGRA A PARTIR DO COLETIVO PRETO BEATRIZ NASCIMENTO

MILENE DO NASCIMENTO PEREIRA¹

¹Universidade Federal de Pelotas – millene348nascimento@gmail.com

Introdução: Ingressar na universidade foi, para mim, uma conquista simbólica. Como mulher negra, quilombola e cotista, faço parte da primeira geração da minha família a ocupar esse espaço, o que representa não apenas um avanço individual, mas uma vitória coletiva. Contudo, a chegada à universidade evidenciou os limites do acesso, quando este não é acompanhado de políticas efetivas de permanência. As experiências como racismo institucional, manifestado por meio de microagressões e silenciamentos cotidianos, produziram tensões, um sentimento constante de não pertencimento. Neste embate o sujeito se vê diante de três opções: modifica-se para pertencer; evade-se por não pertencer ou resiste-se para pertencer, afirmando sua identidade negra. Eu escolhi resistir e permanecer, aquilombando-me ao Coletivo Preto Beatriz Nascimento. **Objetivo:** Relatar as experiências vivenciadas a partir da atuação no Coletivo Preto Beatriz Nascimento, refletindo sobre seu papel na permanência de estudantes negros na universidade. **Desenvolvimento:** O Coletivo Preto Beatriz Nascimento surgiu de forma autônoma no ano de 2023, como uma resposta à ausência de representatividade negra e acolhimento na universidade. O coletivo foi fundado por estudantes negras e negros dos cursos de História e Geografia da Universidade Federal de Pelotas que, assim como eu, se viam às margens do espaço universitário. A partir da vivência no coletivo, compreendi que minha trajetória não era uma exceção e que o sentimento de inadequação era compartilhado pelo grupo, resultado de uma estrutura racista. Mais do que um grupo de apoio, o coletivo funciona como um aquilombamento universitário: espaço político, afetivo e pedagógico, onde trocamos experiências e construímos saberes que fortalecem nossa permanência. É um território de “escrevivência”, segundo Conceição Evaristo, onde nossas histórias ganham voz. **Considerações finais:** O Coletivo Preto Beatriz Nascimento foi decisivo para minha permanência acadêmica. Ser negra na universidade é atravessar estruturas que negam nossa presença a todo momento. Ao nos unirmos, transformamos a dor em potencialidade coletiva. Permanecer, nesse contexto, é um ato político que só se sustenta quando deixamos de caminhar sozinhos.



Palavras-chave: Coletivo Preto Beatriz Nascimento; trajetória negra; permanência estudantil; racismo institucional.

Agradecimentos/Apoio: Agradeço aos amigos, colegas, membros do coletivo. Juntos construímos essa história, que é referência para nós e para muitos, e espero que continue sendo, pois o coletivo é movimento, é continuidade. Ubuntu!

Forma de apresentação:

- ☒ (x) Relato de Experiência
- ☐ () Pesquisa Acadêmica
- ☐ () Produção Poética ou Literária
- ☐ () Expressão Artística e Performativa
- ☐ () Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ () Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ (x) Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ () Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



OCUPAÇÃO DE ESPAÇO: A TRAJETÓRIA DE UM JOVEM NEGRO PELOTENSE EM ASCENSÃO ACADÊMICA E NO SERVIÇO PÚBLICO

BRUNO ALMEIDA QUEVEDO RODRIGUES¹; LARISSA DAL AGNOLL DA SILVA²; PRINCE CHAIENE MEIRELES DUARTE³

¹Universidade Federal de Pelotas – brunoalmeidaquevedo@gmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas – larissadallagnolto@gmail.com; ³Universidade Federal de Pelotas – toprincemeireles.15@gmail.com.

Introdução: Historicamente, Pelotas carrega profundas marcas do racismo estrutural que marginalizou a população negra, especialmente no que diz respeito ao acesso à educação superior e às posições de prestígio no serviço público. A cidade de Pelotas estrutura-se sob esta realidade, apresentando desigualdades raciais que se manifestam em diversos setores sociais (Duarte, 2025). No entanto, apesar das barreiras, surgem trajetórias fora da curva de jovens negros que desafiam a regra e se afirmam em espaços historicamente negados e inacessíveis. **Objetivo:** O presente artigo tem como objetivo analisar, de forma breve, a relevância da ocupação de espaços acadêmicos e do serviço público por um jovem negro oriundo de Pelotas, com enfoque nas implicações sociais, políticas e simbólicas dessa presença, além de destacar os impactos positivos dessa ascensão na luta contra o racismo estrutural e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. **Desenvolvimento:** A ascensão de um jovem negro pelotense no meio acadêmico e no serviço público representa muito mais do que uma conquista individual. Trata-se de uma ruptura simbólica com a lógica excludente que, por séculos, restringiu a população negra a espaços subalternizados e subempregos. A chegada e permanência em cursos superiores, em áreas tradicionais como o Direito, ou inserção em pesquisas científicas, bem como o ingresso como servidor em cargos públicos, evidenciam a superação de múltiplas barreiras: sociais, econômicas, raciais e institucionais. Os jovens negros, predominantemente, vêm de contextos marcados por vulnerabilidade social, onde a ausência de representatividade nos espaços de poder reforça a ideia de que certos lugares não lhes pertencem. A presença de um jovem negro nesses espaços, portanto, atua como elemento de reconstrução identitária e comunitária. Ele inspira outros a acreditar em sua potência, ao mesmo tempo que abala estruturas conservadoras que ainda predominam em muitos ambientes acadêmicos e institucionais. No serviço público, especificamente, essa presença é ainda mais significativa. O jovem negro que adentra o funcionalismo público e o meio acadêmico carrega consigo não apenas uma trajetória pessoal, mas a possibilidade de ruptura com a colonialidade e fortalecimento do processo emancipatório de uma população historicamente excluída. Sua atuação contribui para a formulação de políticas mais equitativas e representativas, sensíveis às demandas da população negra e periférica de Pelotas. **Considerações finais:** A ocupação de espaços acadêmicos e públicos por um jovem negro pelotense é, acima de tudo, um ato político. Essa trajetória desafia as estruturas racistas, amplia a representatividade e fortalece os



movimentos por equidade racial. Mais do que um avanço individual, trata-se de uma conquista coletiva, que precisa ser reconhecida e multiplicada.

Palavras-chave: Jovem Negro; Ocupação de espaços; Pelotas; serviço público; justiça social.

Forma de apresentação:

- ☒ (x) Relato de Experiência
- ☐ () Pesquisa Acadêmica
- ☐ () Produção Poética ou Literária
- ☐ () Expressão Artística e Performativa
- ☐ () Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ () Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ (x) Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ () Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



ODONTOLOGIA E EQUIDADE RACIAL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA UM FUTURO MAIS INCLUSIVO

NATHALIA MACHADO LINS BRUM¹; LUCIANE GEANINI PENA DOS SANTOS²;

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – nathaliapesquisaodonto@gmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas 2 – geaninipena@gmail.com

Introdução: O acesso à saúde bucal é condicionado por determinantes sociais e econômicos. Quando esses fatores são agravados pelas iniquidades raciais, a população negra é exposta a maiores níveis de vulnerabilidade, uma vez que estruturas e práticas institucionais marcadas pelo racismo atuam como barreiras adicionais ao acesso efetivo aos serviços de saúde. Ademais, para muitos territórios quilombolas, a localização geográfica dos serviços de saúde bucal representa um fator adicional de vulnerabilidade, contribuindo para a limitação do acesso e comprometendo a efetividade da atenção odontológica¹ prestada a essa população. Esses fatores impactam negativamente na saúde bucal dessa população, que é invisibilizada e negligenciada.

Objetivo: Analisar as desigualdades raciais no acesso a serviços de odontologia, propondo estratégias e práticas que promovam a equidade, através da pesquisa em referências bibliográficas, encontrada nas bases de dados, como Pubmed, Scielo e Google Scholar.

Desenvolvimento: O racismo é um fenômeno multidimensional e um relevante problema de saúde pública. De acordo com o Censo de 2022, houve um aumento de 42,3% na população autodeclarada preta; contudo, esse crescimento demográfico não foi acompanhado por um aumento proporcional no número de consultas odontológicas realizadas por essa população nos 12 meses anteriores à pesquisa. A falta de acesso a serviços odontológicos resulta em predominância de doenças bucais nas pessoas negras, quando comparado com pessoas brancas, constatou a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Integrar uma abordagem biopsicossocial é fundamental para promover não apenas educação, mas também garantir equidade nos cuidados adequados de saúde bucal. O letramento racial de gestores e profissionais de saúde é essencial para o planejamento e a implementação de políticas públicas que promovam o cuidado em saúde de forma humanizada, respeitosa e alinhada às especificidades da população negra. Paralelamente, é indispensável assegurar a disponibilidade de unidades de saúde acessíveis, capazes de realizar o monitoramento contínuo das condições de saúde bucal dessa população, contribuindo para a redução das desigualdades nos indicadores de doenças bucais.

Considerações finais: Destacando-se a necessidade de investir em educação de saúde bucal para a população negra, conscientizando sobre a prevenção e



autocuidado, fortalecendo o direito ao acesso à saúde bucal de qualidade, promovendo-a de forma mais justa e equitativa.

Palavras-chave: odontologia, equidade racial, saúde bucal.

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



OFICINA DE DANÇA: CORPO NEGRO GAÚCHO – UM OLHAR PELA DANÇA AFROCONTEMPORÂNEA

THIAGO CUNHA DOS SANTOS¹

*¹Mestrando de artes cênicas da UFRGS e produtor pela Híbridus Instituto de Artes Cênicas.
hibridus.z@gmail.com*

Introdução: Nos últimos cinco anos, Thyago Cunha tem desenvolvido uma pesquisa inédita sobre o corpo negro gaúcho e a dança afrocontemporânea no Rio Grande do Sul. Esse trabalho culminou na criação do projeto "Corpo Negro Gaúcho – Um olhar pela dança afrocontemporânea", uma iniciativa realizada em parceria com o Híbridus Instituto de Arte e Cultura e o grupo Redentuque e foi aprovado pela Lei PNAB24, em colaboração com a Secretaria da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul. **Objetivo:** O projeto busca **cartografar a dança afro gaúcha** e criar uma **metodologia inédita de ensino e aprendizagem**, visando preencher a lacuna deixada pelo folclore "oficial" que invisibiliza a presença negra no estado. A iniciativa também visa **compartilhar saberes religiosos e mitológicos** dos profissionais envolvidos, promovendo uma troca de vivências e imersão cultural. **Desenvolvimento:** O projeto surge como um marco na valorização e resgate da cultura negra no Rio Grande do Sul, impulsionado pela pesquisa de Thyago Cunha. A invisibilidade, segundo cunha, não só distorce a narrativa histórica, embranquecendo-a, mas também impacta a produção artística e cultural da população negra. O projeto atua como um contraponto a essa narrativa, buscando evidenciar as memórias ancestrais dos povos africanos escravizados ao Rio Grande do Sul, presentes nos corpos, ritos, mitos, simbolismos e nas histórias transmitidas de geração em geração, mas raramente formalizadas em linguagem. Como parte das ações do projeto, a oficina gratuita e aberta ao público na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, em 2025 tem a intenção de proliferar esse movimento. Esta oficina, de aproximadamente 2h, integra dança, música e contação de histórias, com a participação e parceria do grupo Rede Batuque RS, liderado pelo líder religioso Baba Phil e pelo professor Wagner Ferreira. Para garantir a inclusão e o máximo de participantes, a oficina busca um espaço amplo, preferencialmente com chão de madeira – ideal para a dança com pés descalços –, música ao vivo. O horário visado, é sábado à noite, foi estrategicamente pensado para atender também a população negra que muitas vezes trabalha durante a semana e nos finais de semana diurnos. A iniciativa é voltada para a comunidade gaúcha interessada em dança e na cultura negra, com idade a partir dos 16 anos. **Considerações finais:** O projeto se configura como um **ato de criatividade cultural e um resgate identitário** fundamental para o Rio Grande do Sul. Ao trazer à luz a riqueza da dança e da cultura afro-gaúcha, historicamente marginalizada, a iniciativa não só preenche uma lacuna no conhecimento e na expressão artística, mas também promove a **visibilidade e o reconhecimento da contribuição negra** para a formação do estado. Em um contexto onde a diversidade cultural é cada vez mais valorizada, o projeto de Thyago Cunha representa um convite à reflexão e à celebração de uma herança vibrante e essencial para a identidade gaúcha.



Agradecimentos/Apoio: ---

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☒ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



ONDE ESTÁ O NEGRO NA HISTÓRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL DE DIÁLOGO SOBRE O RACISMO ESTRUTURAL E A POSIÇÃO DA FIGURA NEGRO NA HISTÓRIA

MISAEEL DOS ANJOS FERREIRA¹; ÉMERSON GERARD DA SILVA RAMIRES²

¹Universidade Federal de Pelotas – pokerazer3@gmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas – munhozesilva@outlook.com

Introdução: Este projeto justifica-se pela necessidade de uma maior representatividade negra nas escolas, tanto no currículo quanto nas práticas pedagógicas, promovendo um ambiente de respeito e valorização da diversidade étnico-racial. Reconhecer a importância da comunidade negra na formação da sociedade brasileira é essencial para combater as formas de racismo que ainda persistem, tanto no ambiente escolar quanto na sociedade em geral. Por meio da análise de exemplos de racismo estrutural e da partilha de vivências, o projeto visa fomentar discussões sobre como o racismo afeta a vida cotidiana e as oportunidades de diferentes grupos sociais. Ao envolver alunos do ensino médio de uma Escola Pública, buscamos não apenas cumprir as exigências da Lei 10.639/03, mas também incentivar uma mudança de perspectiva, promovendo uma educação mais inclusiva e plural, que valoriza as raízes culturais negras e sua contribuição para a construção do Brasil. **Objetivo:** O seguinte trabalho elucida a proposição de metodologias educacionais para o ensino de história, de forma que se faça possível efetuar reflexões a partir do racismo em suas diferentes formas e impactos na sociedade brasileira. Analisando exemplos por meio de fontes históricas documentais e as mídias, por conseguinte, construindo imaginários e ferramentas capazes de olhar com criticidade e como as representações das figuras negras na história e a subalternização delas acarretam em diferentes aspectos da vida cotidiana. **Desenvolvimento:** A execução do trabalho constituiu em apresentar aos alunos uma discussão sobre racismo, com a utilização de representações midiáticas e fontes históricas como forma de interação entre todos, abrindo espaços para que efetivamente se construísse um debate mediado acerca das problematizações trazidas por meio dos recursos históricos, juntamente com os alunos, abrindo espaço para as suas experiências cotidianas. A atividade foi elaborada a partir do convite da professora Nathiele Saraiva, da EEEM Dr Antonio Leivas Leite, para uma aula-oficina sobre o Dia da Consciência Negra, sendo esta aula realizada no dia 22 de novembro de 2024. **Considerações finais:** Este projeto foi iniciado pela experiência cotidiana de vida dos seus autores, acentuando à eles, as mais diversas experiências dentro de corpos negros marginalizados na sociedade diante do extremo racismo estrutural que impera, levando à eles, as mais diversas formas de invisibilização. A formação do eurocentrismo advinda da colonização europeia nas Américas teve como objetivo central constatar uma inexistente superioridade da raça branca, querendo provar através da ciência que a sociedade branca era normal e a negra anormal, que a posição central da



figura negra era inexistente culturalmente, socialmente e humanamente. O desenvolvimento deste projeto vem justamente da necessidade de combater o racismo estrutural enraizado dentro da sociedade, buscando reconhecer as figuras negras centrais da história, trazendo à dignidade acadêmica e não-acadêmica.

Palavras-chave: racismo estrutural, figuras negras, metodologias educacionais.

Agradecimentos/Apoio: Higor Luan Santos Camargo, Sandro Bortolazzo, Nathiele Saraiva, Anthony dos Anjos da Silva e Marília Araújo.

Forma de apresentação:

- ☒ (X) Relato de Experiência
- ☐ () Pesquisa Acadêmica
- ☐ () Produção Poética ou Literária
- ☐ () Expressão Artística e Performativa
- ☐ () Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☒ (X) Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ () Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ () Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



ONDE ESTÃO AS CHEFES DE COZINHA NEGRAS EM PORTO ALEGRE? REPRESENTATIVIDADE E MERCADO DE TRABALHO

PASQUALI DE OLIVEIRA, Ana Luiza^{1,2}; COELHO-DE-SOUZA, G.^{2,2}

¹Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural - PGDR, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, anapasqualii@gmail.com; ² Círculo de Referência em Agroecologia, Sociobiodiversidade Soberania e Segurança alimentar e Nutricional -AsSsAN Círculo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS

Introdução: Esta proposta de pesquisa a ser desenvolvida no âmbito do Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da UFRGS, nasce de uma inquietação pessoal e profissional: a busca por me "enxergar" dentro da gastronomia. A partir da observação de que as mulheres negras com quem trabalhei ocupavam majoritariamente cargos de auxiliar de cozinha e limpeza, esta pesquisa investiga a ausência ou a pouca presença de mulheres negras em posições de chefia em cozinhas profissionais e no ensino de gastronomia em Porto Alegre. Historicamente, a imagem da mulher negra na gastronomia brasileira foi atrelada à servidão — como a "cozinheira da casa-grande" ou a quituteira folclórica —, o que reforça a ideia de um papel subalterno e sem protagonismo. Este resumo mergulha nas subjetividades dessas profissionais, cujas trajetórias são atravessadas pela interseccionalidade de opressões, como o racismo e o sexismo. **Objetivo:** A pesquisa tem como objetivo analisar a participação de mulheres negras em posições de chefia no mercado de trabalho da gastronomia em Porto Alegre. Como objetivos específicos, pretende-se analisar as possíveis dificuldades enfrentadas por essas profissionais para ocupar cargos de liderança e discutir o impacto da sua representatividade como ferramenta de combate à discriminação na área. **Desenvolvimento:** A abordagem metodológica é qualitativa e exploratória, com coleta de histórias de vida por meio de entrevistas semiestruturadas com chefs e coordenadoras negras. O método apoia-se na escuta sensível de suas *escrevivências*, compreendendo suas narrativas como forma de conhecimento. As trajetórias revelam barreiras invisíveis, como os *tetos de vidro* e *de concreto*, exigindo delas níveis de excelência superiores para validação. Suas vivências evidenciam o paradoxo de um campo historicamente ligado ao saber doméstico feminino, mas hegemonizado por homens brancos quando se trata de prestígio. As narrativas são atravessadas por discriminações ocupacionais, raciais e estéticas, transformando o simples ato de permanecer nesses espaços em resistência cotidiana. **Considerações finais:** Esta pesquisa busca contribuir para a compreensão dos mecanismos de exclusão estrutural na gastronomia. Ao dar visibilidade às trajetórias e aos desafios enfrentados pelas chefes de cozinha negras, a investigação busca fomentar o debate sobre a necessidade de pluralidade e equidade no setor. A análise de suas vivências e estratégias de resistência pretende não apenas diagnosticar as barreiras, mas também ressaltar o protagonismo e a ressignificação de identidades que elas promovem em cargos de liderança.



Palavras-chave: Mulheres Negras; Gastronomia; Mercado de Trabalho; Interseccionalidade.

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



OS IMPACTOS DO RACISMO RELIGIOSO NA PROMOÇÃO DE SAÚDE DE FREQUENTADORES DO TERREIRO

KIARA TEIXEIRA PINHEIRO¹; HELENA DOS SANTOS CARDOSO²; CAMILA GOMES DA SILVEIRA³; ÍRIA RAMOS OLIVEIRA⁴; MARINA SOARES MOTA⁵; GIOVANA MACHADO XAVIER⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – kiaratp2001@gmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas – helenasantosc1234@gmail.com; ³Universidade Federal de Pelotas – gomescamila475@gmail.com; ⁴Universidade Federal de Pelotas – iria_oliv@hotmail.com; ⁵Universidade Federal de Pelotas – msm.mari.gro@gmail.com; ⁶Universidade Federal de Pelotas – giovanaxavier90@gmail.com

Introdução: O terreiro é compreendido como um espaço físico sagrado e simbólico onde são realizados rituais de religiões afro-brasileiras, como o candomblé e a umbanda. A transmissão de saberes e a prática desses ritos nesses locais promove a saúde, principalmente, para os seus frequentadores. Entretanto, o racismo religioso não só prejudica, como também impede a promoção de saúde dos seus frequentadores. **Objetivo:** Assim, o objetivo deste texto é discutir como o racismo religioso interfere na saúde de frequentadores do espaço do terreiro. **Desenvolvimento:** Esse resumo é um recorte de um estudo qualitativo descritivo exploratório acerca dos terreiros como territórios promotores de saúde de seus frequentadores que teve como participantes dezessete frequentadores de terreiros da Religião de Matriz Africana, de qualquer vertente/linha, da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. Para seleção dos participantes utilizou-se a técnica “bola de neve”, as entrevistas foram realizadas por meio de um instrumento semiestruturado aplicado de forma individual e a análise de dados foi realizada utilizando o método de Bardin. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa. A religião, assim como o conjunto de fatores sociais e culturais, constrói e sustenta a identidade das pessoas que a cultuam e fortalece a saúde de seus adeptos por meio de práticas e ritos. Nessa lógica, destaca-se que frequentadores de terreiros sofrem maior discriminação no exercício de sua fé frente ao racismo religioso. Fato que se materializa nos dados da pesquisa por meio do relato dos participantes ao citarem a dificuldade enfrentada em utilizar seus símbolos religiosos de proteção, como as guias, em espaços públicos e institucionais. Ademais, é mencionada a falta de reconhecimento frente aos preceitos religiosos, especialmente no ambiente de trabalho, tendo em vista que são desrespeitados e o seu exercício traz prejuízo institucionais aos seus adeptos. Outrossim, o racismo religioso se manifesta através de ações concretas de violência institucional por meio de abordagens policiais abusivas, como entradas forçadas em terreiros durante rituais, sem mandado ou justificativa legal, o que revela um tratamento desigual em comparação a outras expressões religiosas, normalizando, mais uma vez, essas ações discriminatórias. Assim, nota-se o quanto o racismo religioso afeta a saúde dos frequentadores do terreiro na medida em que nega, discrimina e violenta as práticas de cuidado e espiritualidade das religiões afro-brasileiras, gerando sofrimento e, consequentemente, afetando a saúde de seus praticantes.



Considerações finais: Logo, evidencia-se a necessidade do reconhecimento do terreiro como espaço promotor de saúde, cura e cuidado e da garantia do exercício do axé de seus frequentadores, por meio da construção e do cumprimento de políticas públicas sobre essa temática, da formação antirracista de profissionais da área da saúde e da educação, e da garantia do direito à liberdade religiosa.

Palavras-chave: TERREIRO; TERRITÓRIO; SAÚDE; RACISMO RELIGIOSO.

Agradecimentos/Apoio: Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) pelo apoio financeiro por meio do programa de Iniciação Científica, que possibilitou o desenvolvimento deste trabalho.

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☒ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



PARA ALÉM DA SOLIDÃO DA MULHER NEGRA: A SALA DAS PRETAS COMO REFERENCIAL DE AQUILOMBAMENTO DE MULHERES NEGRAS

DANIELA SANTANA FERREIRA¹; EMILY DA SILVA DE MOURA²; MILENE DO NASCIMENTO PEREIRA³; NATIELE BROCHADO⁴; VIVIAN NUNES PEREIRA⁵; JOSY DIAS ANACLETO⁶

¹ Universidade Federal de Pelotas 1 – daniela.060187@gmail.com 1; ² Universidade Federal de Pelotas 2 – emilymoura015@gmail.com 2; ³ Universidade Federal de Pelotas 3 – millene348nascimento@gmail.com 3; ⁴ Universidade Federal de Pelotas 4 – nathybrochado@hotmail.com 4; ⁵ Universidade Federal de Pelotas 5 – vivianpereiraa.sls@gmail.com 5; ⁶ Universidade Federal de Pelotas 6 – josy.anacleto@ufpel.edu.br 6;

Introdução: Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma atividade reflexiva no grupo de estudos sala das pretas. A ideia era pontuar os diversos momentos em que a mulher negra se via sozinha em meio ao seu espaço destinado socialmente. Vítima da tripla opressão interseccional, de raça, classe e gênero (Gonzales, 2020). Essas mulheres estão sempre na contramão do percurso do cuidado. A maioria delas são vistas como pessoas fortes e que não precisam de acolhimento. Foi nessa perspectiva de desconstrução desse conceito que invalida a autoestima de mulheres negras que buscamos contextualizar as questões apontadas por Neusa Santos em sua obra “Tornar-se negra” com as vivências compartilhadas na sala das pretas. **Objetivo:** Refletir e analisar, a partir de nossos estudos e vivências, as práticas antirracistas que podem possibilitar a desconstrução da solidão da mulher negra. **Desenvolvimento:** Através da autoetnografia, estudantes negras da Universidade Federal de Pelotas, conseguiram abordar situações cotidianas em que a solidão da mulher negra é uma constante. Essa solidão não se aplica apenas aos relacionamentos amorosos, mas também à diversas situações cotidianas, nas quais, a sua identidade é idealizada como aquela que é sempre forte e não precisa de atenção. Aquela mulher empoderada que nunca adoece e está sempre disposta a ajudar. Através do estudo dessa obra foi possível refletir sobre a importância dos espaços coletivos para que mais mulheres possam ser ouvidas e percebidas em nossa sociedade. **Considerações finais:** Com as experiências de coletividade vivenciada na sala das pretas, percebemos o quanto um espaço seguro, de acolhimento e de escuta é importante para a permanência desses estudantes na UFPel. Essa experimentação também contribuiu para apontar novos rumos no processo de acolhimento de estudantes negras que vivenciam o racismo cotidiano.

Palavras-chave: solidão, antirracismo, acolhimento

Agradecimentos/Apoio: opcional

Forma de apresentação:
(x) Relato de Experiência



- ☐ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



PARIR EM SILÊNCIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PARTO DE UMA MULHER NEGRA E SURDA NA REDE PÚBLICA

LARISSA RUBIRA LIMA¹; Juliana Aparecida Benites Conceição²; Marina
Soares Mota³

¹Universidade Federal de Pelotas – Larssa.rubira22@gmail.com; ² Universidade Federal de
Pelotas – julianabenites13@gmail.com; ³Universidade Federal de Pelotas
–marina.mota@ufpel.edu.br

Introdução: O ciclo gravídico-puerperal envolve transformações físicas, emocionais e sociais, exigindo cuidados especializados. No Brasil, raça, etnia e classe social impactam a saúde materna, com mulheres negras enfrentando maiores desigualdades, como mortalidade elevada, pré-natal inadequado e violência obstétrica. Quando há deficiência auditiva, somam-se barreiras de acessibilidade, agravando vulnerabilidades. **Objetivo:** Relatar a experiência de uma estudante de enfermagem no acompanhamento de uma gestante negra surda. **Desenvolvimento:** O relato descreve a assistência a Florzinha (pseudônimo), mulher negra, surda, 23 anos, em vulnerabilidade socioeconômica, internada em março de 2025. Durante o pré-natal, não recebeu orientações sobre o plano de parto e teve acesso a intérprete de Libras apenas no parto. No primeiro trimestre teve infecção urinária recorrente, Toxoplasmose e hipótese de HAS. Internada em 04/03 por complicações da HAS, acompanhada do esposo e intérprete. Apesar do intérprete no parto, houve falhas na comunicação, especialmente sobre métodos contraceptivos e plano de parto, violando sua autonomia. No dia anterior ao parto, queixou-se de lombalgia, náuseas e aumento da frequência urinária. Demonstrava ansiedade exacerbada, com histórico de dificuldades emocionais agravadas pela barreira comunicacional. Com sinais de trabalho de parto, foi encaminhada à PPP-A. Na sala de pré-parto, dilatação de 5-6 cm e dinâmica uterina positiva. Métodos não farmacológicos (bola, cavalinho) foram usados, mas a progressão foi lenta. Optou-se por oxitocina sem seu consentimento ou entendimento, porém, com bradicardia fetal e ausência de evolução, realizou-se cesárea de emergência. O caso revela violências estruturais: racismo e inacessibilidade para surdas. Florzinha teve sua autonomia negada, sem informações sobre o plano de parto (direito garantido pela Rede Alyne). Como mulher negra, seu corpo foi medicalizado—reflexo da tendência de intervenções desnecessárias em mulheres negras. Sua saúde mental foi ignorada, estereótipo que as vê como "resistentes". A falta de acessibilidade violou direitos: intérprete ausente no pré-natal descumpriu a Lei de Inclusão. Ela não compreendeu diagnósticos ou opções contraceptivas, aumentando riscos. A cesárea foi imposta sem diálogo pleno, prática comum quando surdas têm sua autonomia violada. **Considerações finais:** O caso de Florzinha não é isolado—é sintoma de um sistema que falha com mulheres negras e pessoas com deficiência. Enquanto o racismo obstétrico as trata como corpos descartáveis, a falta de acessibilidade as torna invisíveis. Mudanças exigem políticas afirmativas, formação antirracista



e garantia de acessibilidade. *"Nenhuma mulher deveria parir sem ser vista, ouvida ou compreendida."*

Palavras-chave: Racismo Estrutural; Humanização do Parto; Acessibilidade; Cuidados de Enfermagem; Direitos Reprodutivos

Forma de apresentação:

- ☒ (x) Relato de Experiência
- ☐ () Pesquisa Acadêmica
- ☐ () Produção Poética ou Literária
- ☐ () Expressão Artística e Performativa
- ☐ () Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ () Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ (x) Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ () Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



PLANTAS MEDICINAIS E ANCESTRALIDADE AFRODESCENDENTE: SABERES, PRÁTICAS E RESISTÊNCIA

JOSIANE KÖNZGEN SCHNEID¹; TEILA CEOLIN²; ADRIZE RUTZ PORTO³

¹Universidade Federal de Pelotas – josianekonzgenschneid@gmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas – teila.ceolin@gmail.com; ³Universidade Federal de Pelotas – adrizeporto@gmail.com

Introdução: A história da população afrodescendente no Brasil é marcada pela resistência e preservação de práticas culturais de cuidado com a saúde, especialmente o uso de plantas medicinais. Esses saberes foram fundamentais para a sobrevivência de negros e negras escravizados, e mantêm-se vivos em comunidades quilombolas, terreiros de religiões de matriz africana, em contextos urbanos e periféricos. Mais do que insumos terapêuticos, as plantas carregam significados espirituais, identitários e políticos, sendo parte de um sistema de cuidado integral que articula corpo, território e ancestralidade. No entanto, esses conhecimentos foram historicamente marginalizados pelo racismo epistêmico, que desqualificou os saberes de origem africana, invisibilizando suas contribuições à saúde coletiva no Brasil. **Objetivo:** Refletir sobre a importância das plantas medicinais na cultura afro-brasileira, valorizando os saberes tradicionais e sua permanência e resistência como práticas de saúde e identidade cultural no Brasil contemporâneo. **Desenvolvimento:** O presente trabalho foi elaborado a partir de uma revisão integrativa, realizada como atividade de extensão no âmbito do projeto de extensão PIC-RAS UFPel, com base em literatura científica, registros culturais e práticas tradicionais vivenciadas nas comunidades. O uso de plantas medicinais por populações afrodescendentes no Brasil é expressão de práticas ancestrais africanas, ressignificadas no contexto colonial e pós-colonial. Além das propriedades farmacológicas, as plantas são entendidas como portadoras de axé, energia sagrada utilizada em rituais de cura, banhos, defumações e proteção espiritual. No Candomblé e na Umbanda, cada orixá possui ervas consagradas, empregadas em práticas terapêuticas e religiosas. Espécies como a arruda (*Ruta graveolens* L.), a guiné (*Petiveria alliacea* L.), a alfavaca (*Ocimum gratissimum* L.), a erva-cidreira (*Lippia alba* Mill.) e o manjeriço (*Ocimum basilicum* L.) integram esse repertório ancestral, cujas propriedades vêm sendo confirmadas por estudos científicos. A Organização Mundial da Saúde e a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde reconhecem a importância desses saberes. Entretanto, seu efetivo acolhimento no sistema público de saúde ainda enfrenta obstáculos, como o preconceito institucional e a ausência de formação de profissionais de saúde para lidar com a diversidade cultural. Iniciativas em comunidades quilombolas e terreiros evidenciam a potência dessas práticas para o cuidado integral e fortalecimento da identidade negra. **Considerações finais:** Valorizar as plantas medicinais e os saberes tradicionais afrodescendentes é reconhecer a contribuição histórica e cultural das populações negras para a saúde no Brasil. Sua inserção nos serviços públicos e sua proteção enquanto patrimônio cultural



são necessários no enfrentamento ao racismo estrutural e na construção de políticas de saúde inclusivas e culturalmente sensíveis.

Palavras-chave: Ancestralidade afrodescendente; Plantas medicinais; Práticas tradicionais de saúde; Sistema Único de Saúde.

Agradecimentos/Apoio: -----

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☒ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



PROTAGONISMO DOS COLETIVOS NEGROS NO ESPAÇO UNIVERSITÁRIO

MILENE DO NASCIMENTO PEREIRA¹; JOSY DIAS ANACLETO²

¹Universidade Federal de Pelotas – millene348nascimento@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – josy.anacleto@ufpel.edu.br

Introdução: O presente trabalho foi desenvolvido através de uma pesquisa de mapeamento na Universidade Federal de Pelotas, por meio do preenchimento de formulário na plataforma Google Forms, com o objetivo de localizar e analisar os coletivos negros presentes na universidade, buscando compreender sua importância para a permanência de alunos negros. Um dos principais embasamentos teóricos responsáveis por nortear a pesquisa foi a obra *Ações Afirmativas nas Instituições Federais do Sul: O Desafio da Permanência, Avaliação e Acompanhamento*, organizada pela prof. Dr. Georgina Helena Lima Nunes, que discutirá as políticas de permanência nas instituições do Sul, e em alguns trechos, trará o protagonismo dos coletivos negros presentes na UFPel, frente a luta das políticas afirmativas – demonstrando que a resistência provinda dos coletivos negros universitários, é uma luta contínua.

Objetivo: Identificar os coletivos negros existentes na UFPel e compreender de que forma essas organizações contribuem para a permanência dos estudantes negros na universidade. Busca-se, ainda, evidenciar a potência desses espaços como formas de resistência e produção de conhecimento.

Desenvolvimento: A partir do levantamento das respostas dos formulários preenchidos por membros de coletivos negros, foram identificados oito coletivos presentes na UFPel: Coletivo Preto Beatriz Nascimento; Coletivo Hildete Bahia; Coletivo Carolina Maria de Jesus; Coletivo Tim Lopes; Coletivo Negro Luiz Gama; ProEDAI – Projeto Exatas Diversidades Afro Indígenas ; UFPRETA; e Coletivo Lélia Gonzales. Analisados individualmente, temos algumas singularidades que os distinguem entre si – como a unificação autônoma (só de estudantes), até coletivos tripartites (docentes, técnicos e estudantes) ou com vínculo institucional. No entanto a pauta central se mantém: resistir contra o racismo estrutural e institucional. Diferentemente de políticas institucionais que muitas vezes se limitam à entrada do estudante negro, os coletivos operam de maneira contínua. Por meio de reuniões, grupos de estudo, eventos ou ações, essas organizações fortalecem o protagonismo negro, atuando como movimentos político-educacionais.

Considerações finais: Um coletivo é um aquilombamento no espaço universitário, que preza pela continuidade da luta do povo negro, reivindica políticas equânimes e preserva saberes ancestrais, que são trazidos na trajetória de cada um. O epistemicídio tenta silenciar esse movimento. Este mapeamento



busca fomentar reflexões sobre políticas institucionais que dialoguem com os saberes e práticas construídas por esses coletivos. A pesquisa também contribui para o debate sobre a educação para as relações étnico-raciais, ainda negligenciada pela universidade, mas sustentada cotidianamente por esses grupos, que merecem maior reconhecimento e visibilidade.

Palavras-chave: coletivo negro; permanência; resistência.

Agradecimentos/Apoio: opcional

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☒ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



QUANDO SER FORTE NÃO É ESCOLHA: MATERNIDADE NEGRA E OS ATRAVESSAMENTOS DO RACISMO E DA DEFICIÊNCIA

ISABEL REGINA DE SOUZA SILVEIRA¹:

¹Universidade Federal de Pelotas – isabelsouzapel@gmail.com

Introdução: Este trabalho, oriundo de uma pesquisa de Mestrado em Educação, tem como foco as experiências de mulheres negras no exercício da maternidade de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A partir de um olhar interseccional e sensível às subjetividades, busca-se compreender como o racismo, o capacitismo e as desigualdades de gênero e classe atravessam o cotidiano dessas mães, produzindo violências simbólicas e estruturais. Ao mesmo tempo, tais experiências revelam potências, afetos e formas de resistência que reafirmam a maternidade negra como prática política de cuidado, luta e sobrevivência.

Objetivo: A pesquisa tem como objetivo analisar as narrativas de mães negras de crianças autistas, evidenciando os impactos da sobrecarga emocional, da solidão materna e das múltiplas opressões que enfrentam, bem como as estratégias de enfrentamento e afirmação que constroem no cotidiano.

Desenvolvimento: A pesquisa, de abordagem qualitativa, baseia-se em um estudo de caso com três mulheres negras residentes em Pelotas/RS. As entrevistas semiestruturadas foram analisadas por meio da técnica de análise de conteúdo, permitindo acessar com profundidade os sentidos atribuídos por essas mães às suas experiências. As falas revelam a presença constante de estigmas, a ausência de redes de apoio e a dificuldade de acesso a políticas públicas de qualidade, especialmente no campo da saúde e da educação. O imaginário social da “mãe negra superforte” aparece como uma armadilha simbólica que desumaniza e invisibiliza as vulnerabilidades dessas mulheres, ao mesmo tempo em que apaga suas dores e sobrecargas. Ainda assim, emergem, nessas narrativas, potentes movimentos de resistência, seja por meio do cuidado diário, da busca por direitos, do afeto e da força ancestral que sustenta a luta por dignidade e reconhecimento. A maternidade, nesse contexto, torna-se um lugar de enfrentamento coletivo e afirmação identitária, que rompe com os silêncios impostos historicamente às mulheres negras.

Considerações finais: Ao trazer para o centro do debate acadêmico as vivências de mães negras de crianças com deficiência, este trabalho evidencia que a maternidade, quando situada na interseção entre raça, classe, gênero e deficiência, revela camadas profundas de exclusão, mas também de potência. É fundamental que a escuta dessas mulheres seja incorporada às políticas públicas e aos espaços formativos, como condição ética para a construção de práticas inclusivas, antirracistas e verdadeiramente cuidadoras. Suas vozes



produzem saberes que curam, denunciam e transformam — e, por isso, precisam ser ouvidas.

Palavras-chave: maternidade negra; interseccionalidade; solidão materna; racismo; capacitismo.

Agradecimentos/Apoio: -

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



RACISMO OBSTÉTRICO E SEUS IMPACTOS NO CICLO GRAVÍDICO-PUERPERAL

CAROLINE DA SILVA LARRÊA¹; MARINA SOARES MOTA²; SIMONE BARBOSA PEREIRA³; LUIZA ROCHA BRAGA⁴; ADRIZE RUTZ PORTO⁵.

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – carolineslarrea@gmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – msm.mari.gro@gmail.com; ³Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – simone.pereira@sou.ucpel.edu.br; ⁴Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – luiza.braga@ebserh.gov.br; ⁵Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – adrizeporto@gmail.com

Introdução:

Historicamente marcadas por um passado colonial e escravocrata, as pessoas negras ainda enfrentam desigualdades estruturais. No caso das mulheres negras, essas desigualdades são agravadas pela interseccionalidade entre racismo, machismo, capitalismo e hipersexualização. Essas opressões se refletem em práticas discriminatórias que comprometem o acesso e a qualidade do cuidado no ciclo gravídico-puerperal. Nesse contexto, surge o conceito de racismo obstétrico, que exige a compreensão das diversas formas de manifestação do racismo.

Objetivo: Descrever o racismo obstétrico e seus impactos na saúde no cuidado às mulheres negras durante o ciclo gravídico-puerperal.

Desenvolvimento:

Trata-se de uma revisão, em desenvolvimento como parte do Trabalho de Conclusão de Curso em Enfermagem. Até o momento, a pesquisa está sendo realizada na Biblioteca Virtual em Saúde, com descritores relacionados ao racismo obstétrico e à saúde de mulheres negras.

O racismo, como sistema sofisticado de opressão, inclui formas como o racismo institucional, que na saúde se expressa na dificuldade de acesso, falhas no atendimento e tratamentos desiguais. Já o racismo estrutural está enraizado nos sistemas sociais e sustenta práticas naturalizadas que invisibilizam as pessoas negras. No ciclo gravídico-puerperal, essas desigualdades se refletem na violência obstétrica, caracterizada por práticas desrespeitosas ou negligentes, como a ausência de consentimento para procedimentos, a proibição de acompanhante e a separação mãe-bebê.

Diante disso, surge o conceito de racismo obstétrico, cunhado por Dána-Ain Davis, que articula racismo institucional e violência de gênero. Mulheres negras enfrentam mais negligências, menor acesso ao pré-natal, vínculos frágeis com maternidades e maior peregrinação no parto. Também recebem menos analgesia, sustentando mitos racistas sobre resistência à dor, herdados da escravidão. Pesquisas confirmam essas desigualdades, mostrando maior mortalidade materna por causas evitáveis.

O caso de Alyne, mulher negra morta por negligência obstétrica em 2002, escancara essas desigualdades. Após peregrinar por unidades de saúde e ter



seu quadro negligenciado, Alyne faleceu por causas evitáveis. Em 2011, o Brasil foi condenado pela Organização das Nações Unidas por violação dos direitos humanos. Como resposta, foi criada a Rede Cegonha, voltada ao cuidado materno-infantil, mas que sofreu descontinuidades e fragilidades na equidade racial. Frente a denúncias e a luta histórica de mulheres negras, foi instituída, em 2024, a Rede Alyne, reforçando o enfrentamento ao racismo obstétrico e buscando garantir parto digno, cuidado humanizado e redução da mortalidade materna entre mulheres negras.

Considerações finais: O racismo, no cenário obstétrico, segue impactando a saúde das mulheres negras. A revisão reforça os estudos existentes ao evidenciar que a cor da pele ainda influencia diretamente a qualidade do cuidado oferecido durante o ciclo gravídico-puerperal.

Palavras-chave: racismo institucional, racismo estrutural, racismo obstétrico, mulheres negras.

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência

Referências:

BRASIL. Ministério da Saúde. **Violência Obstétrica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-sul/hu-ufsc/saude/maternidade/violencia-obstetrica>>

BRASIL; FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Grupo de Pesquisa Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente. **Nascer no Brasil II: pesquisa nacional sobre aborto, parto e nascimento 2022-2023**. Dados preliminares da pesquisa para oficina: Morte Materna de Mulheres Negras no Contexto do SUS. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2023. Disponível em: <<https://nascernobrasil.ensp.fiocruz.br/wp-content/uploads/2023/11/Dados-preliminares-da-pesquisa-Nascer-no-Brasil-2.pdf>>

BRASIL. Ministério da Saúde. **Relatório da Oficina Morte Materna das Mulheres Negras no Contexto do Sus**. Ministério da Saúde, A Beneficência Portuguesa de São Paulo. Brasília: Ministério da Saúde, 2025. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/relatorio_oficina_morte_materna_mulheres_negras.pdf>



natal e ao parto no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, suppl 1, p. 1-17, 2017. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/csp/a/LybHbcHxdFbYsb6BDSQHb7H/?format=pdf&lang=pt>>

NIELSSON, Graciele Joice. Direitos humanos, justiça reprodutiva e mortalidade materna no Brasil 20 anos depois da morte de Alyne Pimentel. **Revista Direito e Práxis**, v. 16, n. 1, p. 1-28, 2025. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rdp/a/j7wMDRq9JR9w48DkTbrz6nN/>>

SANTANA, Ariane Teixeira de; *et al.* Racismo obstétrico, um debate em construção no Brasil: percepções de mulheres negras sobre a violência obstétrica. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, n. 9, p. 1-8, 2023. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/csc/a/55qy4f7fNBwvbYkvvSGf8fy/?format=pdf&lang=p>>

TEMPESTA, Giovana Acacia; ALMEIDA, Morgana Eneile Tavares de. Racismo obstétrico: a política racial da gravidez, do parto e do nascimento. **Amazonica - Revista de Antropologia**, v. 12, n. 2, p. 751-778, 2020. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/viewFile/9194/6927>>



RELIGIOSIDADE JEJE-NAGÔ EM PELOTAS E RIO GRANDE DOS SÉCULOS XIX E XX: HISTÓRIAS E NARRATIVAS

VINICIUS PEREIRA DE OLIVEIRA¹

¹(Vinicius de Aganju - Batuque de Nação Ijexá-Jeje). Docente no IFSUL – viniciuspoliveira2@gmail.com

Introdução: As pesquisas sobre a história das práticas de relação com o sagrado de matriz africana no Rio Grande do Sul têm recebido especial atenção nos últimos anos, não só por parte da historiografia mas também de afro religiosos - acadêmicos ou não - em busca de densificar narrativas sobre a origem e a trajetória de suas respectivas tradições. O Batuque de Nação, foco de análise neste texto, é uma dessas expressões configurada na diáspora africana nas Américas, tendo como elemento central o culto aos orixás originários da cultura nagô bem como elementos da cultura jeje. **Objetivo:** Nesta apresentação objetivo compartilhar um breve apanhado sobre os registros históricos e de memória a respeito da (re)construção das práticas de relação com o sagrado de matriz africana no Rio Grande do Sul dos séculos XIX e princípios do XX, focando particularmente as cidades de Pelotas e Rio Grande e tecendo uma especial atenção às trajetórias de lendárias lideranças como o “nego Ozébio” e “Princesa Emília de Oyá Ladjá”. **Desenvolvimento com método:** A partir de relatos sobre antigas lideranças e de documentos escritos (jornais, registros estatais) busco apresentar um panorama sobre a história da relação com o sagrado de matriz africana na região. Um posto de observação privilegiado para observar historicamente as experiências com o sagrado das populações afrodescendentes no Brasil é a análise dos territórios negros das cidades atlânticas. Não é de hoje que tais áreas têm sido percebidas pelo campo dos estudos de humanidades como espaços de resistência material e imaterial, áreas que incluíam não só a moradia e o trabalho, como também a vivência simbólica das ruas, das encruzilhadas, das matas, das pedreiras, dos rios e dos oceanos. Locais de convívio com outros “iguais” sobre os quais se constituíam e se compartilhavam identidades e experiências não só no período escravista, mas igualmente no pós-emancipação e que foram fundamentais ao processo de reconstituição de religiosidade de matriz africana em terras brasileiras. Amparados na tradição oral e na pesquisa documental (jornais, registros estatais), sem estabelecer uma hierarquia entre elas, nesse texto proponho debater a estruturação do Batuque de Nação em Rio Grande e Pelotas, com ênfase em duas trajetórias de lideranças religiosas do Batuque. Metodologicamente minha pesquisa se situa no campo da História social da escravidão e do pós-abolição. **Considerações finais:** Por fim, cabe apontar que o papel do historiador, ao desvelar uma relação nem sempre exata entre memórias geracionais e dados levantados pela pesquisa documental, não é averiguar a existência de uma “verdade objetiva”, mas sim o de traduzir os valores e significados atribuídos ao passado, particularmente no caso de grupos fortemente marcados por elos identitários com essa história.



Palavras-chave: Batuque; Sagrado de Matriz Africana; História; Memória.

Agradecimentos/Apoio: opcional

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☒ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



SABERES DA MIRONGA

DILERMANDO MARTINS FREITAS¹; KARINA CONSTANTINO BRISOLLA²; DENISE MARCOS BUSSOLETTI³

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – dilermandomf@gmail.com; ² Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – kcbrisolla@gmail.com; ³ Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – denisebussoletti@gmail.com

Introdução: Apresento aqui um exercício de escrita e escuta que se constrói como um rosário de mirongas, entrelaçando saberes ancestrais afro-brasileiros e práticas narrativas de cura e reencantamento. A pesquisa nasce da minha experiência de vida e caminhada sendo professor, mestre griô, mestrando em Educação. Inspirado pela circularidade, musicalidade e oralidade próprias das epistemologias dos povos de matriz africana, o trabalho propõe uma escrita que caminha ao lado da corporeidade, da escuta, da espiritualidade e da memória.

Objetivo: Objetivando tensionar as fronteiras entre corpo, texto e cura, tomo a escrita como um gesto griô: ato político, estético e espiritual de afirmação de saberes historicamente silenciados. Busco transformar o texto em caminho de cura e a pesquisa em campo de reencantamento do viver. A pergunta orientadora é: como escutar, narrar e partilhar saberes de vida que resistem à colonialidade e ao apagamento epistêmico? **Desenvolvimento:** A pesquisa organiza-se como um rosário narrativo em sete núcleos: Saberes, Espaços, Personagens, Histórias, Linguagens, Pedagogias e Segredo. Cada núcleo funciona como uma “conta principal” do rosário, ativada por fragmentos de escrita, trilhas sonoras, memórias, personagens e conceitos que se entrelaçam como fios vivos. O método se ancora na etnografia surrealista, ressignificada como surrealização da escrita de pesquisa, e se alimenta de diálogos com Walter Benjamin, Nego Bispo, Dona Sirley e outros mestres do saber ancestral. A escrita assume formas poéticas, fragmentadas e circulares, recusando o modelo acadêmico linear, e aposta em uma autoria crítica, insubmissa e encantada. Essa abordagem metodológica traduz os objetivos da pesquisa, que envolvem escutar narrativas plurais e ancestrais, afirmar epistemologias outras, acolher a circularidade da experiência e riscar no chão da escrita um caminho de cura, memória e reencantamento. Ao final do percurso, retorno à cruz (transformada) porque a escrita, aqui, não é repetição, mas ato de mironga, rito de passagem e travessia de mundos. **Considerações finais:** A escrita, quando enraizada nos saberes griôs, pode tornar-se prática de saúde, território de memória e ferramenta de cuidado. No centro desse rosário-texto pulsa uma pedagogia da mironga, que inscreve o segredo como força vital e o corpo como lugar de saber. Portanto, essa pesquisa aponta caminhos para pensar o cuidado e a cura a partir das cosmo-percepções afro-brasileiras, complementares ao SUS, e fundamentais para políticas de vida que reconheçam os saberes tradicionais como tecnologias de resistência e reinvenção. A escrita griô emerge, assim, como farmácia simbólica, ritual de escuta e gesto de afeto e cuidado ancestral.



Palavras-chave: Escrita griô; Etnografia surrealista; Saberes de mironga.

Agradecimentos/Apoio: O presente trabalho integra a linha de pesquisa Saberes Insurgentes e Pedagogias Transgressoras e é parte do da pesquisa de mestrado em andamento junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação (PPGE – FaE) pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Integra, também, o Grupo de Pesquisa em Arte, Linguagem e Subjetividade – GIPNALS.

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☒ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



SALA DAS PRETAS: IMPRESSÕES SOBRE O GRUPO DE ESTUDOS E A TRAJETÓRIA DA MULHER NEGRA NO PROCESSO DE TORNAR-SE NEGRA

RAQUEL DE ALMEIDA DIAS¹; LUCIANE BARCELLOS DE ALMEIDA²;
MARIANA DE OLIVEIRA ANACLETO³; FERNANDA DUTRA SILVEIRA⁴; JOSY
DIAS ANACLETO⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – raqueledualmeida@gmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas – ludoutora2028@gmail.com; ³Universidade Federal de Pelotas – mariana.anacleto@aluno.ce.gov.br; ⁴Universidade Federal de Pelotas – ffernanda.silveira@yahoo.com.br; ⁵Universidade Federal de Pelotas – josy.anacleto@ufpel.edu.br⁵

Introdução: O presente trabalho foi desenvolvido através de uma atividade reflexiva do grupo de estudos sala das pretas. Com o objetivo inicial de mapear entre as participantes suas experiências no processo de tornar-se negra. Foram reunidas cinco estudantes de cursos, idade e trajetórias diversas, que discutiram sobre as temáticas de racismo, conhecimento de si e práticas antirracistas. Para embasar teoricamente essa atividade utilizamos a obra de Neusa Santos Souza, “Tornar-se negra”. **Objetivo:** Refletir sobre as experiências de estudantes negras no grupo de estudos. Analisar, a partir de nossos estudos e vivências, a trajetória da mulher negra no processo de tornar-se negra. **Desenvolvimento:** Sob uma perspectiva autoetnográfica, cada participante conseguiu relatar suas vivências dentro e fora da universidade, contextualizando o processo evolutivo na criação do eu negro abordado na obra estudada. Em seus relatos, as estudantes destacaram a importância de espaços como a sala das pretas para permanência de estudantes negras na UFPel e a importância do coletivo no processo construtivo de cada uma. **Considerações finais:** O relato de mulheres tão potentes, de diferentes lugares de partida e histórias de vidas que se entrelaçam na busca da liberdade de construir o próprio eu. O processo de tornar-se negra passa pelo reconhecimento do seu eu negro, da sua voz, da voz das que vieram antes e das que virão depois. Pedindo licença para aquelas que vieram antes nós e trilhamos um caminho para que pudéssemos passar com a nossa sala das pretas, seguimos descobrindo novas intelectuais negras. Entendemos que a sala das pretas é porta de entrada para o resgate de nossa ancestralidade, mas também é caminho que não se encerra em nós e cria possibilidades de novas formas de combate ao racismo.

Palavras-chave: antirracismo, empoderamento, mulheres negras

Agradecimentos/Apoio: opcional



Forma de apresentação:

- ☒ (x) Relato de Experiência
- ☐ () Pesquisa Acadêmica
- ☐ () Produção Poética ou Literária
- ☐ () Expressão Artística e Performativa
- ☐ () Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ () Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ (x) Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ () Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



SER, CRER E RESISTIR: A UMBANDA NA TRAJETÓRIA DE UM HOMEM NEGRO OSTOMIZADO

EMILY MENEZES DE ALBERNAZ¹; WELINTON DA SILVA PAULSEN²; EMILY BRIM SANGURGO CALDEIRA³; ANA CLARA LEIVAS MAIA⁴; EDUARDA SCHELLIN WACHOLZ⁵; MARINA SOARES MOTA⁶

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – emily.svp0108@gmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – welintonpaulsen7@gmail.com; ³Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – emily.brim@gmail.com; ⁴Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – analeivasmaiaufpel@gmail.com; ⁵Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – eduardaschellin149@gmail.com; ⁶Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – msm.mari.gro@gmail.com

Introdução: A espiritualidade e a religiosidade são reconhecidas como dimensões essenciais no cuidado em saúde, especialmente em contextos de adoecimento e vulnerabilidade. Elas contribuem significativamente para o fortalecimento emocional, o enfrentamento da dor e a ressignificação da existência. Esse papel se torna ainda mais relevante quando se trata de condições que impactam diretamente a imagem corporal, como a ostomia, pois tais experiências demandam adaptações físicas e um processo profundo de reconstrução subjetiva da vivência do processo saúde-doença. No entanto, quando associada a identidades historicamente marginalizadas como a de pessoas negras, gays e praticantes de religiões de matriz africana, ela também se torna espaço de resistência, reconstrução de autoestima e afirmação de subjetividades. **Objetivo:** Compreender a história de vida de um homem negro homossexual com estomia intestinal definitiva considerando o olhar integral ao paciente, observando a umbanda como elemento central de sua força psíquica, identidade e resistência. **Desenvolvimento:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso. Coleta de dados realizada por Entrevista de Três Tempos e utilizada a análise detalhada dos conteúdos. Participante do sexo masculino, homossexual, umbandista, solteiro, 27 anos, estomizado por retocolite ulcerativa, residente no extremo sul do Brasil. Destaca-se que a fé e a religiosidade atuam como importantes fontes de apoio tanto para o paciente quanto para seus familiares, estando positivamente relacionadas à qualidade de vida. No caso do participante, essa vivência espiritual mostrou-se fortalecida pela convivência com sua avó umbandista, cuja influência foi marcante desde a infância. A umbanda, enquanto religião, construída pela oralidade e pela vivência cotidiana, promove o aprendizado desde cedo por meio da observação, brincadeiras e participação nos rituais, o que contribui para o fortalecimento da identidade frente a outras realidades sociais. No contexto da ostomia, a fé e a religiosidade auxiliam no enfrentamento do processo de adaptação, oferecendo conforto, ressignificação e incentivo ao autocuidado. **Considerações finais:** Conclui-se que reconhecer e valorizar os aspectos culturais e espirituais do paciente, especialmente em contextos de múltiplas vulnerabilidades, é essencial para uma assistência de enfermagem humanizada e integral. A escuta sensível, livre de julgamentos e o cuidado centrado na pessoa contribuem para a



autonomia, dignidade e qualidade de vida, sendo a espiritualidade um pilar importante no processo de enfrentamento e ressignificação da condição de saúde.

Palavras-chave: Religiosidade; Ostomia; Habilidades de enfrentamento; LGBTQIAPN+; Resistência.

Forma de apresentação: Pesquisa Acadêmica

Eixo temático: Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano



STUART HALL, FRANÇOISE VERGUÈS E SOJOURNER TRUTH: UMA ANÁLISE DIRECIONADA AO PENSAMENTO FEMINISTA DECOLONIAL

PRINCE CHAIENE MEIRELES DUARTE¹; LARISSA DAL AGNOLL DA SILVA²; BRUNO ALMEIDA QUEVEDO RODRIGUES³

¹Universidade Federal de Pelotas – toprincemeireles.15@gmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas – larissadallagnolto@gmail.com; ³Universidade Federal de Pelotas – brunoalmeidaquevedo@gmail.com

Introdução: Stuart Hall destacou-se como Teórico Cultural negro jamaicano. Enquanto lecionava sociologia na *Open University*, Hall publicou “A identidade cultura pós-modernidade” obra que analisaremos, publicada pela editora DP&A e ao qual aborda o avanço na discussão das identidades culturais no período pós-modernidade, interseccionando-a com os saberes de Françoise Verguès e Sojourner Truth. **Objetivo:** Realizar um apanhado dos principais elementos da obra Stuart Hall (2005), buscando fazer uma leitura interseccional a elementos trazidos pela literatura das Françoise Verguès e Sojourner Truth, em uma análise direcionada ao pensamento feminista decolonial. **Desenvolvimento:** Hall (2005) defende que a identidade é fluida, não sendo ela fixa, mas construída e reconstruída ao longo do tempo. Aponta a crise da identidade motivada pela modernidade tardia que desestabilizou identidades tradicionais. Hall ressalta que não importa quão diferentes os membros de uma sociedade podem ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural para representá-los todos como pertencimento à mesma grande “família nacional”. Entretanto problematiza, se essa identidade é unificadora ou anula e subordina a diferença cultural. Ao analisar a sociedade atual com as lentes do feminismo decolonial, é possível re-emergir um discurso que pode contemplar essa formação de identidade. Em 1851, na Convenção dos Direitos das Mulheres em Ohio, nos Estados Unidos, Truth enunciou a frase: “E eu não sou uma mulher? (Philos, 2018, p.1). Sua voz contempla a formação da identidade e da subjetividade da mulher negra brasileira, aos quais parecem distanciar-se de uma outra identidade possível para si pela imposição de uma sociedade que a subalterniza, fazendo com que permaneça em ocupações e vivências que são previamente forjadas pela sua posição na sociedade. Françoise Verguès problematiza a questão e ressalta que um dos símbolos de descartabilidade dos corpos e até mesmo da vida das mulheres negras e racializadas, cursa com o trabalho de recolher dejetos do mundo, abrir e fechar as cidades. Esta ação cotidiana demandada a estas mulheres, molda subjetividades atravessadas pelo imbricamento entre patriarcado-racismo-capitalismo, reforçados pelo colonialismo (Verguès, 2020). **Considerações finais:** Hall nos convida a refletir sobre os mecanismos de apagamento das diferenças e a falsa universalidade das identidades modernas. Sua análise sobre a crise da identidade na pós-modernidade nos permite articular com as vozes de mulheres negras que, historicamente, denunciam a exclusão e a subalternização



de seus corpos e existências. A leitura interseccional proposta neste trabalho, ao dialogar com as evidências da construção das identidades culturais, emerge, como uma ferramenta insurgente frente aos desafios de pensar outras narrativas e epistemologias negras.

Palavras-chave: Feminismo negro; identidades; pós-modernidade; decolonialidade.

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☐ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☒ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



“TEM CIÊNCIA PRETA AQUI”: INTELLECTUALIDADES NEGRAS EM RESISTÊNCIA NA UNIVERSIDADE

ADRIANA DE SOUZA GOMES¹; RITA MEDEIROS²; GILSON SIMÕES PORCIÚNCULA³

¹Universidade Federal de Pelotas – adriana.gomes@ufpel.edu.br; ² Universidade Federal de Pelotas – redefreinet@gmail.com; ³ Universidade Federal de Pelotas – gilson.porciuncula@gmail.com

Introdução: A presença negra nos espaços universitários segue marcada por desafios históricos de invisibilidade e apagamento. Diante da ausência de espaços para a valorização dos saberes negros, o ProEDAI – Projeto de Ensino Diversidade Afro-Indígena e o coletivo Movimento de Resistências UFPreta, em articulação com outros coletivos negros da UFPel, idealizaram o evento científico e cultural “Tem Ciência Preta Aqui”, realizado de 7 a 9 de dezembro de 2023, em parte no prédio do CEHUS e ICH, ambos da UFPel, no Clube Cultural Fica Ahí pra ir Dizendo e na Praça da Alfândega. Fortalecer a presença das intelectualidades negras na universidade, visibilizando suas produções acadêmicas, artísticas e culturais, com base nos valores civilizatórios afro-brasileiros e no princípio da pluriversalidade do saber foi a pedra fundamental do evento. **Objetivo:** Relatar a experiência de organização e desenvolvimento do evento científico “Tem Ciência Preta Aqui”. **Desenvolvimento:** A programação contou com rodas de conversa, minicursos, sessões de cinema negro, exposições, comensalidade solidária e coletiva, feira de mulheres negras empreendedoras, produções em arte, aula de dança afro e roda de samba. Ao todo, foram 119 trabalhos apresentados por estudantes, docentes e técnicos administrativos, reunindo diversas áreas do conhecimento e formas expressivas: comunicação oral e escrita, dança, canto, teatro e performance. A abertura do evento que se deu na sede do clube Fica Ahí, trouxe o debate “Afrocentricidade: Construindo a Ciência e a Sociedade”, com a presença de nomes como a profa. Iraneide Silva (UESPI - ABPN), prof. Higor Santos (PPGEdu/UFPel/Filosofia Africana), a profa. Cassiane Paixão (PPGE-FURG), e a técnica em assuntos educacionais Dra. Raquel Silveira (UFPEL). Na ocasião foram realizadas homenagens a personalidades negras, como o terapeuta ocupacional Elton Lemos (in memoriam) e a professora Rita Medeiros, evocando a memória como um território de resistência e pertencimento. Também tivemos a participação de artistas locais como Leu Kalunga, estudante nordestina cantando forró e o grupo pelotense de black music, D Mix Charme Rappers. Todas as atividades estão sendo sistematizadas em um e-book a ser publicado em 2025, reunindo artigos, resumos, sinopses e registros audiovisuais. **Considerações finais:** O evento “Tem Ciência Preta Aqui” reafirmou que a ciência negra resiste, cria e transforma, mesmo diante de estruturas acadêmicas excludentes. Com uma forte adesão da comunidade, o encontro consolidou um espaço de acolhimento, crítica e reinvenção da universidade. A segunda edição do evento está confirmada para 2025, com o compromisso de ampliar ainda mais as vozes e os saberes negros que pulsam nos territórios acadêmicos.

Palavras-chave: Intelectualidade negra; Ciência afro-brasileira; Epistemologias plurais; Protagonismo negro; Educação antirracista.



Forma de apresentação: (x) Relato de Experiência

Eixo temático: (x) Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano



TERREIROS DE MATRIZ AFRICANA COMO ESPAÇO DE AUTOCUIDADO E RESISTÊNCIA DE MULHERES NEGRAS

ROBSON MONCKES BARBOSA¹; VANESSA DUTRA CHAVES²; MARINA
SOARES MOTA³

¹Universidade Federal de Pelotas - Faculdade de Enfermagem – robs.barbosa008@gmail.com;

²Universidade Federal de Pelotas - Faculdade de Enfermagem – d.chavesvanessa@gmail.com;

³Universidade Federal de Pelotas - Faculdade de Enfermagem – msm.mari.gro@gmail.com

Introdução: Os terreiros de religião de matriz africana são espaços importantes no acolhimento, proteção e resistência para a população negra no Brasil. Para muitas mulheres negras, esses espaços oferecem um ambiente acolhedor capaz de se reconectar com a ancestralidade, cuidar da sua saúde emocional, seu corpo e reconstruir sua autoestima. Ser mulher negra no Brasil ainda é enfrentar múltiplas opressões causadas pelo racismo, sexismo e desigualdade social. Dentro desse contexto, cuidar de si torna-se uma forma de resistência. **Objetivo:** Refletir sobre o autocuidado como prática de resistência política e afirmação de identidade de mulheres negras frequentadoras de Terreiro. **Desenvolvimento:** A pesquisa foi feita a partir de uma revisão de literatura, com base em autoras como Audre Lorde, Angela Davis e Lélia Gonzalez, que discutem como o autocuidado se relaciona com a luta política, a espiritualidade e o enfrentamento das desigualdades. Além de outras literaturas que citam Terreiros como espaço de acolhimento e ancestralidade negra. O método utilizado foi a revisão narrativa, reunindo estudos que mostram a importância dos saberes ancestrais e da presença feminina nesses espaços religiosos. O autocuidado, segundo Audre Lorde, não é um ato de luxo, mas de sobrevivência. Ao priorizarem a própria saúde e bem-estar, as mulheres negras desafiam uma lógica histórica que sempre esperou delas apenas o cuidado com os outros. Nos terreiros, elas constroem redes de apoio, fortalecem sua fé e reafirmam seu valor diante das violências cotidianas. Esses espaços permitem que elas se reconectem com suas histórias e encontrem formas de continuar resistindo. **Considerações finais:** Os Terreiros são espaços fundamentais para a reconstrução das subjetividades, pois ali o autocuidado não é apenas pessoal, mas também coletivo e político. Em tempos de escassez do sistema, essas práticas reafirmam a importância da solidariedade, da fé e do fortalecimento da identidade negra e sua ancestralidade.

Palavras-chave: Autocuidado; Subjetividade; Mulheres Negras; Resistência; Terreiros.

Forma de apresentação:

- () Relato de Experiência (
- x) Pesquisa Acadêmica
- () Produção Poética ou Literária



- () Expressão Artística e Performativa
- () Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- () Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- (x) Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- () Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



UMA DÉCADA DA PROCISSÃO AO PAI BARÁ

JULIANO SILVA DA SILVA¹; Isabel Soares Campos²

¹Ilê Axé Reino de Oxum e Ependá e Xapanã Jubetei – julianodeoxumpel@gmail.com;

²Doutorado em Antropologia pela Universidade Federal de Pelotas – isabelsoaresc@gmail.com

Introdução: A Procissão ao Pai Bará é uma homenagem ao orixá Bará que ocorre desde o ano de 2015, sendo organizada pelo Babalorixá Juliano D'Oxum. O evento busca valorizar e reconhecer a importância das religiões de matrizes africanas para a constituição do tecido social e cultural da identidade pelotense. **Objetivo:** O objetivo deste trabalho é apresentar a linha do tempo dos dez anos da Procissão, de modo a registrar e publicizar a presença material, simbólica e sagrada do Bará na cidade de Pelotas – RS. **Desenvolvimento:** A Procissão ao Pai Bará é uma manifestação pública-religiosa que ocupa as ruas da cidade na data de comemoração do orixá, dia 13 de junho, desde 2015. Em 2019, Pai Paulinho de Ogum Xoroquê, doou uma escultura do Bará para a cidade, a qual passou a fazer parte da procissão. A imagem ficou aos cuidados do Babalorixá Juliano, no seu ilê. Em 2020, em decorrência de um incêndio no ilê que danificou parcialmente a imagem do orixá e com o advento da pandemia, o evento foi realizado no formato virtual. No ano seguinte a imagem foi finalmente restaurada e no dia 1º de julho foi instalado o adesivo demarcatório da tradição de matriz africana e afrodiaspórica no centro do Mercado Público de Pelotas. Na imagem do adesivo, as chaves e correntes ao centro representam o elo de ligação com o Orixá Bará, e a moldura com imagem em volta remete à matriz afrodiaspórica. A arte é de autoria de Babalorixá Juliano e a produção é de Letícia Ost Farias. Em 2022, o tema da procissão foi: “O que nos uni é a Ancestralidade, então Juntos Somos mais Fortes”. Este momento marcou o retorno da Procissão ao Pai Bará ao espaço público de forma mais potente com a imagem do Bará restaurada, o adesivo demarcatório e a instituição oficial do “Dia do Orixá Bará” no calendário de eventos do município, através da Lei Ordinária Municipal nº 7.025/2022. No mesmo ano, o Babalorixá Juliano, enquanto presidente do Conselho Municipal do Povo de Terreiro de Pelotas, solicitou uma parceria com a Universidade Federal de Pelotas – UFPel, a fim de buscar o reconhecimento do Bará do Mercado como patrimônio cultural. Assim iniciou-se essa parceria e em 2023 o pedido passou a ser analisado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul (IPHAÉ-RS). Em 2024, a Procissão ao Bará deu luz ao tema da patrimonialização e em 2025 o tema abordado foi o racismo religioso. **Considerações finais:** O trabalho apresentou o avanço da presença do Bará na cidade de Pelotas por meio da sua Procissão e como essa manifestação pública-religiosa foi determinante para o reconhecimento oficial da existência do Bará para além dos terreiros, de modo a valorizar a cultura das religiões de matriz africana na formação da identidade pelotense.



Palavras-chave: Bará do Mercado; Povo de Terreiro; Religiões de matriz africana

Agradecimentos/Apoio: Agradeço a lalorixá Priscila de Xapanã Jubeteí (Póstuma) por sempre me iluminar e ensinar o valor da resistência.

Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☐ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☒ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☒ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



UMA HISTÓRIA NARRADA PELO TEMPO: A FORMAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA EM “NADA DIGO DE TI, QUE EM TI NÃO VEJA”, DE ELIANA ALVES CRUZ

LAÍS BRAGA COSTA¹; ROSIMEIRE SIMÕES DE LIMA²; MILLER RODRIGUES DE MOURA³; ANDREZA TASIANE DA SILVA⁴

¹UFPEL – bibliolaish@gmail.com; ²IFSUL – rosimeiresimoes@gmail.com ; ³UNISM – millermoura38@gmail.com; ⁴IFFAR – andreza.silva@iffarroupilha.edu.br

Introdução: A obra literária “Nada digo de ti, que em ti não veja (2020)”, da escritora negra brasileira Eliana Alves Cruz, situada no contexto colonial do século XVIII, aborda a hipocrisia e a moralidade religiosa como aspectos que chamam a atenção na formação do caráter dos “cidadãos de bem” que compõem a trama, elementos presentes também no meio social brasileiro contemporâneo. **Objetivo:** Relacionar passado e presente a partir da obra literária Nada digo de ti, que em ti não veja. **Desenvolvimento:** No romance, o termo cidadão de bem, aparece quando Felipe Gama vivencia um conflito interno por ter uma “natureza desviante” e precisar esconder um relacionamento com uma mulher negra e trans para satisfazer os anseios sociais esperados para um aristocrata da época, como o noivado com Sianinha e os compromissos católicos, “Fizera as orações antes da ceia na companhia da família. Ah, a família! Se soubessem de suas atividades secretas, era certo que o atirariam na lama mais fétida. Prefeririam vê-lo morto, pois era um cidadão de bem em formação.” (CRUZ, 2020, p. 19). A autora também emprega a expressão, em voga no cenário político atual, ao referir-se ao episódio em que Branca Muniz é presa por sonegação de impostos e nem assim deixa de ter uma postura arrogante “Branca Muniz, que estava no lado oposto, de pé, apavorada, agarrada e subindo pelas grades como se estivesse enjaulada junto a uma leoa faminta. Soltem-me! Tirem-me daqui! Sou uma senhora respeitável e cidadã de bem.” (CRUZ, 2020, p. 177). O cidadão de bem, tanto do Brasil colônia, quanto o do século XXI ainda reproduz o discurso de que está acima de grupos subalternizados, posicionando-se como alguém distante dessas realidades e sem vínculo com origens sociais mais humildes. Na trama, a exposição dos pecados dos membros das famílias da alta sociedade denota a hipocrisia como principal característica na construção dos seus caracteres. No íntimo de cada um dos aristocratas há uma verdade nefasta, que é encoberta por representações cínicas de uma vida cristã, heterossexual, de cidadãos de bem. Mantovani (2024, p. 52) afirma que no contexto criado por Cruz “estamos diante de uma cidade com milícias, racismo, fake news, delação premiada, conservadorismo e fanatismo religioso. Parece 2022, mas esse é o Rio de Janeiro de 1732”. **Considerações finais:** Como observa o Inquice Kitembo ao final da narrativa: “sou um cobrador. Alguém criado para apresentar faturas. Também posso ser um entregador de flores e presentes. Não faço ideia de quando comeceste a percorrer essas trilhas em letras... No exato ano de 2020 ou 25, 35, 38.?... Pouco importa” (CRUZ, 2020, p. 181), logo, pode-se perceber, que o país ainda arca com o prejuízo de seu passado histórico que é muito semelhante ao presente.

Palavras-chave: literatura negra; literatura contemporânea; formação social brasileira.



Forma de apresentação:

- ☐ Relato de Experiência
- ☒ Pesquisa Acadêmica
- ☐ Produção Poética ou Literária
- ☐ Expressão Artística e Performativa
- ☐ Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☒ Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



Uma Viagem Pedagógica à África nas Práticas de Ensino de História no Ensino Fundamental I

ÉMERSON GERARD DA SILVA RAMIRES¹; MISAEL DOS ANJOS FERREIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – munhozesilva@outlook.com; ²Universidade Federal de Pelotas – pokerazer3@gmail.com

Introdução: O seguinte trabalho se propõe a relatar a experiência de ensino protagonizada pelos seus autores, na E.M.E.F. Luciana de Araújo, a proposição da atividade foi conduzida a convite de uma ação da Secretaria Municipal de Igualdade Racial da cidade de Pelotas. A ideia da atividade foi trazer para alunos do 1º ao 5º do ensino fundamental debates a respeito do racismo e do processo de escravização no contexto brasileiro, com a utilização de fontes de jornais com a venda escravos, animações com personagens negros que se utilizam de temáticas africanas como o caso do pantera negra, e por fim, uma atividade prática que elucida aos alunos brincadeiras das crianças africanas da sua mesma faixa etária, e que propôs a brincadeira e a prática da mesma no espaço escolar, ressaltando também a oralidade no ensino de história, e a prática cultural. **Objetivo:** o objetivo do trabalho é elucidar práticas pedagógicas para o ensino de história, com a experiência empírica relatada, que ressalta a pujança, e a produção histórica africana por meio de imagens e de brincadeiras produzidas por estes povos. Enaltecendo a conexão entre o saber material, prático e cultural Africano e sua conexão com o Brasil, juntamente com o debate a respeito da subalternização que ocorre com o mesmo, a partir de animações da Marvel e DC, e pinturas brasileiras que retratam o período colonial. **Desenvolvimento:** A composição pedagógica foi formulada a partir de uma proposta de viagem ao continente africano, com a inserção de um slide criativo em formato de “bilhete dourado” da viagem no qual os alunos foram instigados à desenharem. Intervenções de forma oral feita pelos autores da proposta, contemplaram o dinamismo do racismo estrutural na infância de uma criança através da metodologia pedagógica do questionamento e através da presente abordagem, foi inserido o conto de “Suwel” que trabalha com um aspecto empoderamento da criança negra e o auto-reconhecimento. O Pan-Africanismo é a crença em que todos os povos africanos e não africanos, que minimamente receberam a introdução da cultura africana, são irmãos. Esse aspecto foi abordado através da intervenção do tradicional desenho do “Super Choque” onde conversamos sobre diversos aspectos da cultura africana e o apagamento histórico. Foi efetuada a pergunta sobre o que seria a África para os presentes alunos, com intuito de introduzir o país Ghana, com sua capital Accra, sendo uma das cidades mais desenvolvidas do continente Africano e apresentamos a brincadeira tradicional que se chama Ampe, posteriormente, entramos na cultura Camaronesa e apresentamos outra brincadeira tradicional, a Ekak. **Considerações finais:** É de suma importância que enquanto educadores das ciências humanas, consigamos traçar paralelos entre as temáticas históricas do



Brasil colonial com as relações étnico-raciais contemporâneas, utilizando de metodologias ativas e questionamentos a respeito de fontes históricas e das produções midiáticas do nosso tempo.

Palavras-chave: educação infantil; relações étnico-raciais na infância, brincadeiras, ensino de história, África.

Agradecimentos/Apoio: Júlio Domingues e Márcio Bernardino, Vanessa Ávila, Higor dos Santos, Marília Araújo.

Forma de apresentação:

- ☒ (x) Relato de Experiência
- ☐ () Pesquisa Acadêmica
- ☐ () Produção Poética ou Literária
- ☐ () Expressão Artística e Performativa
- ☐ () Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☒ (X) Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ () Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ () Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E INVISIBILIDADES NO PARTO: UM RELATO A PARTIR DA ATUAÇÃO COMO DOULA

JULIANA BORGES VICTORIA¹

¹Universidade Federal de Pelotas – julianabvictoria@gmail.com

Introdução: Historicamente, as mulheres têm sido atravessadas por violências que controlam seus corpos, sua sexualidade e sua reprodução. A violência obstétrica — enquanto forma de dominação institucional no momento do parto — expressa esse controle, muitas vezes de forma naturalizada. Quando somada aos marcadores raciais, ela atinge de forma ainda mais cruel as mulheres negras, que enfrentam tanto a exclusão dos serviços de apoio quanto práticas desumanizadas. Este relato parte da minha experiência como doula e mulher branca, refletindo sobre o apagamento e a violência direcionada a mulheres negras no parto (BRASIL, 2014; DAVIS, 2016). **Objetivo:** Refletir sobre as desigualdades na assistência ao parto de mulheres negras a partir de uma vivência como doula. **Desenvolvimento:** Enquanto doula, acompanhei muitos partos conduzidos com respeito, mas também presenciei muitas cenas de violência obstétrica. Em 2019, a situação mais marcante aconteceu com uma mulher negra que não teve seus pedidos e acordos respeitados: o de não fazer múltiplos toques vaginais, pois isso lhe causava extrema dor, e o de não ter episiotomia, previamente acordado com a obstetra durante o pré-natal. No entanto, no momento do parto, ela recebeu inúmeros toques e foi submetida à episiotomia — aos gritos de “não me corta!”. Nesse caso, ficaram implícitos, nos atos de infligir dor à mulher durante o toque e na utilização de procedimento não autorizado e hoje sabidamente desnecessário, a “falsa” crença de que o corpo negro é mais resistente à dor e a histórica desumanização dos corpos negros (DAVIS, 2016). **Considerações finais:** A violência obstétrica assume contornos mais cruéis quando dirigida a mulheres negras, cujos corpos são historicamente marcados por invisibilidade e por diversos tipos de violências. Assim como o racismo de forma geral, a violência obstétrica contra a parturiente negra acontece majoritariamente de forma velada, quase imperceptível e muito difícil de provar. Reconhecer essas estruturas é essencial para transformar a assistência e promover justiça reprodutiva. Atuar nesse cenário, como uma mulher branca no exercício do papel de doula, demanda posicionamento ético e político, pautado pelo compromisso com a luta antirracista e com a escuta ativa das mulheres que têm seus corpos historicamente violados.

Palavras-chave: violência obstétrica; doula; saúde da mulher; desigualdade racial; justiça reprodutiva.

Agradecimentos/Apoio: Às mulheres que acompanhei ao longo da minha trajetória como doula, que me permitiram fazer parte de suas histórias.



Forma de apresentação:

- ☒ (X) Relato de Experiência
- ☐ () Pesquisa Acadêmica
- ☐ () Produção Poética ou Literária
- ☐ () Expressão Artística e Performativa
- ☐ () Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☐ () Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☒ (X) Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ () Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



VIVÊNCIAS ACADÊMICAS DO DEBATE SOBRE INTERSECCIONALIDADES ENTRE GÊNERO E RAÇA-COR

CAMILA GOMES DA SILVEIRA¹; KIARA TEIXEIRA PINHEIRO²; GIOVANA MACHADO XAVIER³; ÍRIA RAMOS OLIVEIRA⁴; MARINA SOARES MOTA⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – gomescamila475@gmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas – kiaratp2001@gmail.com; ³Universidade Federal de Pelotas – giovanaxavier90@gmail.com; ⁴Universidade Federal de Pelotas – iria_oliv@hotmail.com; ⁵Universidade Federal de Pelotas - msm.mari.gro@gmail.com

Introdução: A interseccionalidade é uma forma de conceituar problemas sociais e procura compreender os efeitos estruturais e dinâmicos decorrentes da interação entre dois ou mais determinantes sociais. Esse conceito analisa, em particular, como o racismo, o patriarcado, a opressão de classe e outros sistemas de discriminação produzem desigualdades que estruturam as posições relativas gênero, sexualidade, raça, etnia e classe social na sociedade. **Objetivo:** Relatar a experiência de acadêmicas integrantes do Coletivo Hildete Bahia: Diversidade e Saúde no debate sobre interseccionalidades entre gênero e raça-cor no ambiente acadêmico. **Desenvolvimento:** Trata-se de um relato de experiência. O debate ocorreu em uma apresentação realizada por parte das acadêmicas integrantes do Coletivo Hildete Bahia - Diversidade e Saúde em um evento referente a Semana Acadêmica da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas em maio de 2025. O debate sobre a interseccionalidade dentro da universidade possibilita o entendimento da comunidade acadêmica sobre o tema e a sua influência na saúde e na qualidade de vida da população. Contudo, observa-se que a interseccionalidade ainda é tratada de forma superficial sem o devido aprofundamento teórico e político que a temática exige. Nessa lógica, as acadêmicas perceberam muitas expressões de dúvidas, tédio ou até de descontentamento com o tema. Portanto, fica notória a necessidade da interseccionalidade ser abordada com mais frequência dentro do espaço acadêmico, através de grupo de estudos, rodas de conversas e seminários que enfatizem a importância de olhar para esse tema e entender como ele afeta a saúde da população. Tendo em vista que os acadêmicos de enfermagem necessitam ser profissionais qualificados, com foco na realização dos seus serviços com base nos princípios de universalidade, equidade e integralidade do Sistema Único de Saúde. Ademais, a presença de docentes que sejam engajados nessa temática, facilita a inserção deste tema nas disciplinas, mediando debates e trazendo relatos de como a interseccionalidade afeta as organizações e, consequentemente, a sociedade. **Considerações finais:** Diante do exposto, deve-se considerar de extrema importância o incentivo à ampliação da discussão do tema dentro do ambiente acadêmico, visto que é de extrema importância que os acadêmicos de enfermagem tenham conhecimento sobre o tema e sua influência no cotidiano da sociedade brasileira.

Palavras-chave: interseccionalidade; saúde; ensino.



Forma de apresentação:

- ☒ (X) Relato de Experiência
- ☐ () Pesquisa Acadêmica
- ☐ () Produção Poética ou Literária
- ☐ () Expressão Artística e Performativa
- ☐ () Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☒ (X) Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ () Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ () Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



VIVÊNCIAS DOS PARTICIPANTES DE UM COLETIVO PRETO NA ENFERMAGEM

GIOVANA MACHADO XAVIER¹; KIARA TEIXEIRA PINHEIRO²; ÍRIA RAMOS OLIVEIRA³; CAMILA GOMES DA SILVEIRA⁴; MARINA SOARES MOTA⁵

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – giovanaxavier90@gmail.com 1; ²Universidade Federal de Pelotas 2 – kiarato2001@gmail.com 2; ³Universidade Federal de Pelotas 3 – iria_oliv@hotmail.com 3; ⁴Universidade Federal de Pelotas 4 – gomescamila475@gmail.com 4; ⁵Universidade Federal de Pelotas 5 – msm.mari.gro@gmail.com 5;

Introdução: O racismo estrutural impacta diretamente a saúde da população negra, que sofre com a negligência do cuidado nos serviços de saúde. Profissionais dessa área devem desempenhar um papel importante no combate à desigualdade racial. Porém, dentro das próprias instituições de ensino em saúde, estudantes negras e negros convivem cotidianamente desafios como a solidão acadêmica, o silenciamento de vivências raciais, a sub representação nos espaços de decisão e a escassez de conteúdos que abordem o racismo e suas implicações na prática de cuidado. Diante disso, os Coletivos surgem como espaços importantes de resistência, acolhimento e luta por equidade racial dentro das instituições de ensino. **Objetivo:** O presente trabalho tem como objetivo relatar vivências como participantes do Coletivo Hildete Bahia: diversidade e saúde, projeto de extensão da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. **Desenvolvimento:** Trata-se de um relato de experiência de integrantes de um coletivo preto. A participação ativa no Coletivo promove diálogos sobre questões de raça, incentiva a construção de práticas de cuidado antirracistas e contribui para a transformação das relações sociais e institucionais dentro da saúde. As reuniões do Coletivo costumam ser feitas em formato de roda de conversa, os e as mediadoras e organizadores da ação são sempre integrantes do Coletivo, estudantes negro da enfermagem e outros cursos como o da história da UFPel, e coordenado por uma das professoras da Faculdade de Enfermagem UFPel. As atividades são sempre abertas à comunidade acadêmica e geral, os encontros ocorrem mensalmente. Cada um contribui com a fala de alguma experiência, um conhecimento em questão sobre o assunto sem periodicidade definida. Participar de um Coletivo preto dentro da Enfermagem é transformador, pois no início da graduação a sensação de solidão dentro do espaço acadêmico era constante, certas violências simbólicas passavam despercebidas. Ao ingressar no Coletivo, encontramos um espaço de acolhimento onde nossas vivências não são vitimizadas, onde nossas ideias, dificuldades, desafios e sonhos são ouvidos e aceitos sem julgamentos. **Considerações finais:**



A participação em um Coletivo preto na Enfermagem torna-se um processo de fortalecimento de identidade, luta e esperança. É preciso que a Enfermagem seja antirracista e isso só começa através da escuta, reconhecimento e a valorização as vozes negras dentro das universidades.

Palavras-chave: Ensino; Antirracismo; Coletivo.

Agradecimentos/Apoio: opcional

Forma de apresentação:

- ☒ (X) Relato de Experiência
- ☐ () Pesquisa Acadêmica
- ☐ () Produção Poética ou Literária
- ☐ () Expressão Artística e Performativa
- ☐ () Ensaio Político e Epistemológico

Eixo temático:

- ☒ (X) Eixo 1 – Saberes e Práticas de Cura na Educação
- ☐ () Eixo 2 – Subjetividades Negras e Narrativas do Cotidiano
- ☐ () Eixo 3 – Corpo, Território e Resistência



VOZES ANCESTRAIS: PERSONALIDADES NEGRAS QUE CONTRIBUÍRAM PARA A HISTÓRIA DO BRASIL

DEISE VIEIRA ALVES

Universidade Federal do Rio Grande – FURG - vieiraalvesdeise@gmail.com

Introdução: Este trabalho surgiu durante a visita ao Quilombo da Coxilha Negra em São Lourenço do Sul, RS, onde em conversas com integrantes do quilombo, foi mencionado a falta de visibilidade dos negros do município, onde as crianças e jovens negros da comunidade, sabem pouco da história de nossos ancestrais que vieram de África, nas escolas pouco se fala, só chamam os representantes do movimento negro de São Lourenço para palestrar no mês de novembro nas escolas, embora a lei 10.639/2003, tenha mais de 20 anos, avançou muito pouco, em virtude do território ser no interior e a “colonização” segundo a história do município ser de origem alemã e pomerana. A partir desse histórico, o Ponto de Memória Quilombo Maria Lina, que existe desde 2017, cuja coordenadora e militante do Movimento Negro Kizumbi, Vera Macedo, optou por abrir o espaço em sua casa e receber as escolas em novembro, onde fizemos um trabalho de informação e nesse espaço foram apresentadas as professoras e estudantes que ali visitaram, as “Personalidades Negras que Contribuíram para História do Brasil: os caminhos para a liberdade”. **Objetivo:** Visibilizar e reconhecer a importância das contribuições das/os negras/os para o desenvolvimento econômico, político, social e cultural do Brasil. **Desenvolvimento:** A metodologia utilizada foi a visita guiada com cronograma de atividades. Para receber as escolas, o espaço foi decorado com manequins negros vestidos com roupas de palha, casa de barro, imagens nas paredes de como era a vivência dos negros após a fuga para os quilombos, cartazes com imagens das personalidades negras, contação de histórias infantis do livro ANAYA e exibição de dois filmes do canal youtube: um infantil- Qual é a cor do amor?/Consciência negra/educação infantil e A história do negro no Brasil: Porque o dia da Consciência Negra é tão importante -para os adolescentes. **Considerações finais:** Nesse contexto, os movimentos de resistência negra, foram e são um importante instrumento de luta contra o apagamento e todas as formas de racismo existentes no Brasil, pois oportuniza através de nossas/os mestres griôts o resgate das histórias de nossos antepassados, pois através dos movimentos negros, foi e é possível a criação de leis que oportunizassem alguns direitos, mesmo que não cumpridos ou cumpridos parcialmente, para a população negra, que no pós abolição, foi deixada a própria sorte, sem direito ao trabalho digno, moradia, educação, saúde, entre outros.

Palavras-chave: Resgate histórico, movimento negro, resistência, visibilidade, participação africana.

**Agradecimentos/Apoio:**

Agradeço a Associação Comunitária Movimento Negro Kizumbi e ao Ponto de Memória Quilombo Maria Lina por incentivar a busca pelas minhas origens africanas e quilombolas por abrirem os espaços para que as atividades de conscientização fossem ali realizadas. Foi uma aula de história muito produtiva, na certeza que a partir do que foi apresentado aos jovens, elas/es terão visões e atitudes diferentes referentes ao contexto da negritude no município.

Forma de apresentação: Relato de Experiência

Eixo temático: Eixo 3: Corpo, Território e Resistência

Anexos



IV Simpósio Internacional

NEGRITUDE EM PAUTA

Povos Tradicionais de Matriz Africana:
Saberes ancestrais promotores de
saúde e cura complementares ao SUS.



IV Simpósio Internacional NEGRITUDE EM PAUTA

Povos Tradicionais de Matriz Africana:
Saberes ancestrais promotores de
saúde e cura complementares ao SUS.

Vídeo “IV Simpósio Negritude em Pauta Povos Tradicionais de Matriz Africana: Saberes ancestrais promotores de saúde e cura complementares ao SUS “



https://drive.google.com/file/d/1uEgEyNI17_V-oaxCbZ1qYQWTI9BoSJqw/view?usp=sharing



IV Simpósio Internacional NEGRITUDE EM PAUTA

Povos Tradicionais de Matriz Africana:
Saberes ancestrais promotores de
saúde e cura complementares ao SUS.

Inscrições “IV Simpósio Negritude em Pauta

**Povos Tradicionais de Matriz Africana: Saberes ancestrais promotores de saúde e
cura complementares ao SUS “**

IV Simpósio Internacional Negritude em Pauta

07/08/2025 – 09/08/2025

📍 Dia 7 e 8 - Auditório Dom Antônio Zattera da Universidade Católica de Pelotas, entrada pela Rua Três de Maio, s/n, esquina Félix da Cunha, 408, Centro - Pelotas/RS. Dia 9 - Auditório da Faculdade de Direito da UFPel, praça conselheiro maciel, nº215, centro - Pelotas - Rio Grande do Sul - Brasil

📺 Com transmissão online

REALIZAR INSCRIÇÃO

https://www.even3.com.br/iv-simposio-internacional-negritude-em-pauta-578960/?fbclid=PAZXh0bgNhZW0CMTEAAacAIZZfB-UGIP4MQUKW0vOIdf0v3ug5X--mMcdCFWFNuq2LvVcGWAIQ3LSyKA_aem_5CWxna0AXT-1BtgvY4gF7g



IV Simpósio Internacional NEGRITUDE EM PAUTA

Povos Tradicionais de Matriz Africana:
Saberes ancestrais promotores de
saúde e cura complementares ao SUS.

link do YouTube “IV Simpósio Negritude em Pauta
Povos Tradicionais de Matriz Africana: Saberes ancestrais promotores de saúde e
cura complementares ao SUS “

Pesquisar     



**Negritude Em Pauta**
@NegritudeEmPauta · 128 inscritos · 11 vídeos
O IV Simpósio Internacional Negritude em Pauta já tem data marcada: 7 a 9 de agosto de ...mais
 Inscrito 

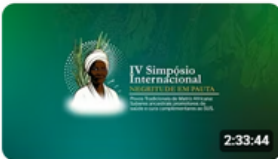
Ao vivo 

Mais recentes Em alta Mais antigo



IV Simpósio Negritude em Pauta
(09/08 - Tarde)

149 visualizações



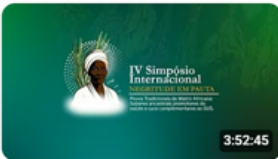
IV Simpósio Negritude em Pauta
(09/08 - Manhã)

198 visualizações



IV Simpósio Negritude em Pauta
(08/08 - Noite)

75 visualizações



IV Simpósio Negritude em Pauta
(08/08 - Tarde)

102 visualizações

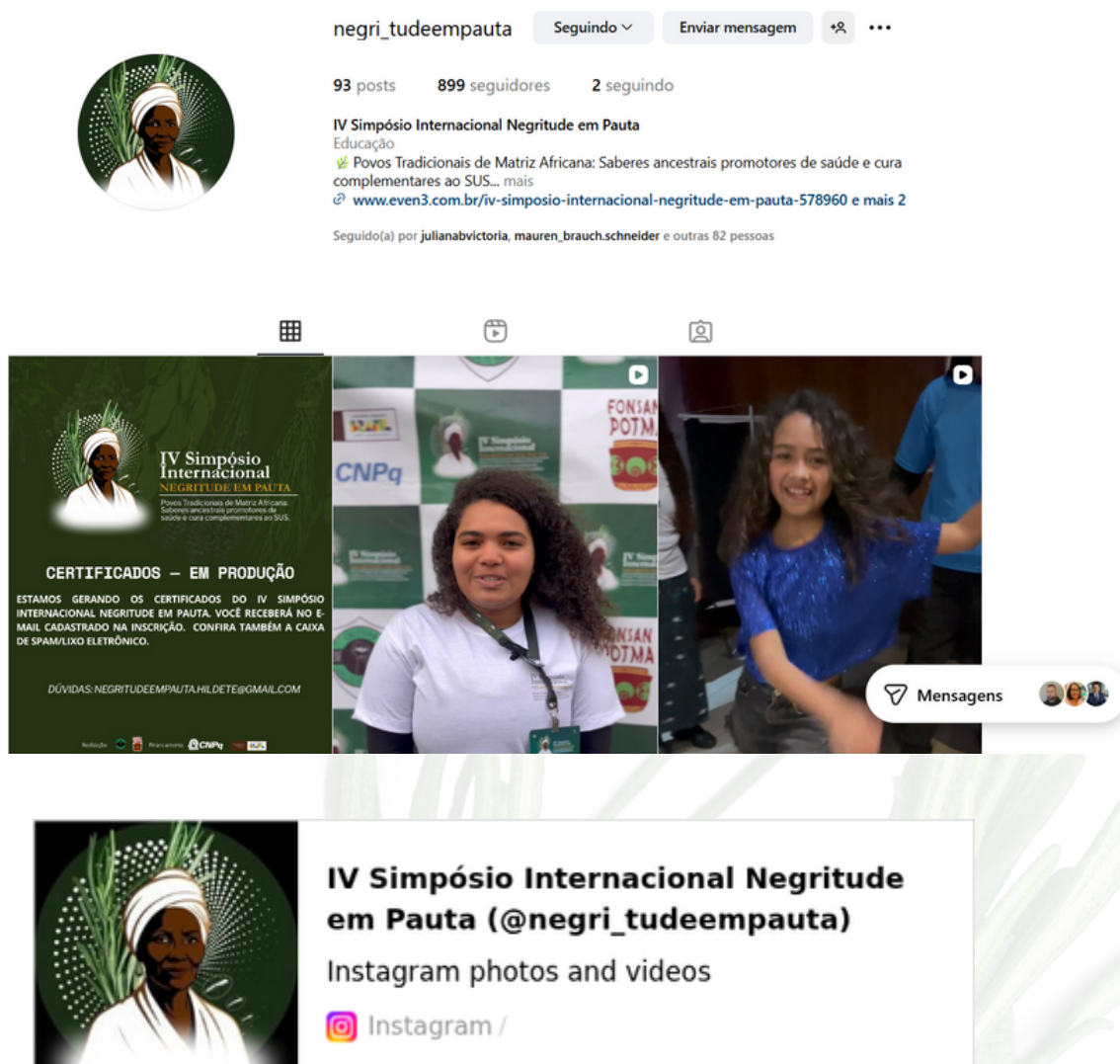
<https://www.youtube.com/@negritudeempauta>



IV Simpósio Internacional NEGRITUDE EM PAUTA

Povos Tradicionais de Matriz Africana:
Saberes ancestrais promotores de
saúde e cura complementares ao SUS.

link do Instagram “IV Simpósio Negritude em Pauta
Povos Tradicionais de Matriz Africana: Saberes ancestrais promotores de saúde e
cura complementares ao SUS “



https://www.instagram.com/negri_tudeempauta/



IV Simpósio Internacional **NEGRITUDE EM PAUTA**

Povos Tradicionais de Matriz Africana:
Saberes ancestrais promotores de
saúde e cura complementares ao SUS.

Local: Universidade Católica de Pelotas (UCPel), R. Gonçalves Chaves, 373

Data: 7 de agosto

Horário: 08:30 às 11:30

Sala: 334

08:30h

Moderador: Profº Antônio Ricardo Corrêa Candiota

- 1) Oficina de dança: corpo negro gaúcho – um olhar pela dança afrocontemporânea - Thiago Cunha dos Santos
- 2) Investigando os saberes ancestrais das ervas em aulas de matemática - Raissa Stella de Resende Bar
- 3) Odontologia e equidade racial: desafios e perspectivas para um futuro mais inclusivo - Nathalia Machado Lins Brum
- 4) Democratização na odontologia: ingresso e permanência de estudantes negros - Nathalia Machado Lins Brum
- 5) Nutricídio, Racismo e Insegurança Alimentar: Faces de uma Desigualdade Estrutural - Christiele Lopes da Luz
- 6) Entre o cuidar e o resistir: reflexões de uma estudante negra no curso de enfermagem - Christiele Lopes da Luz

10:00h

Moderador: Antônio Leonel Rodrigues Soares

- 1) Racismo obstétrico e seus impactos no ciclo gravídico-puerperal - Caroline da Silva Larrêa
- 2) Danças negras: corpo, resistência e patrimônio no Sul do Brasil - Naiane Ribeiro Rosa
- 3) Ewê: ervas que curam - Carolliny Marques da Rosa
- 4) Parir em silêncio: um relato de experiência do parto de uma mulher negra e surda na rede pública - Larissa Rubira Lima
- 5) Terreiros de matriz africana como espaço de autocuidado e resistência de mulheres negras - Robson Monckes Barbosa



IV Simpósio Internacional NEGRITUDE EM PAUTA

Povos Tradicionais de Matriz Africana:
Saberes ancestrais promotores de
saúde e cura complementares ao SUS.

Local: Universidade Católica de Pelotas (UCPel), R. Gonçalves Chaves, 373

Data: 7 de agosto

Horário: 14:00 às 17:30h

Sala: 334

14:00h

Moderadora: Adriana de Souza Gomes

- 1) Orin njé ngbò: cantos nagôs no ensino das danças negras - Manoel Gildo Alves Neto (Bella Timbaí)
- 2) Invisibilidades cruzadas: uma revisão narrativa sobre mulheres negras bissexuais no contexto brasileiro - Emily Menezes de Albernaz
- 3) Ser, crer e resistir: a umbanda na trajetória de um homem negro ostomizado - Emily Menezes de Albernaz
- 4) Entre o cuidado e a resistência: a vivência de uma enfermeira negra residente em um hospital universitário no Sul do Brasil - Andriele de Souza Simões
- 5) Benzedeiras: o cuidado à saúde de uma comunidade quilombola do interior do Rio Grande do Sul - Taís Alves Farias
- 6) A trajetória do coletivo preto beatriz nascimento - Richard Farias Soares
- 7) Experiências do projeto encruzilhadas, saberes e (escre)vivências negras - Richard Farias Soares

Link vídeo Orin njé ngbò: <https://www.youtube.com/watch?v=3HFI60VPGs4>

15:30h

Moderadora: Taís Alves Farias

- 1) Falo sussurante - Sandra Lee dos Santos
- 2) Vivências acadêmicas do debate sobre interseccionalidades entre gênero e raça-cor - Camila Gomes da Silveira
- 3) Ocupação de espaço: a trajetória de um jovem negro pelotense em ascensão acadêmica e no serviço público - Bruno Almeida Quevedo Rodrigues
- 4) Onde estão as chefes de cozinha negras em Porto Alegre? representatividade e mercado de trabalho - Ana Luiza Pasquali de Oliveira
- 5) O bode como mantenedor da tradição de matriz africana no Brasil e na luta antirracista - Regina Barros Gourlat Nogueira
- 6) Saberes da mironga - Dilermando Martins Freitas

Link do vídeo Falo sussurante: <https://youtu.be/D-1ASAZpJZI?si=o-jOoexdysCIwgbt>



IV Simpósio Internacional NEGRITUDE EM PAUTA

Povos Tradicionais de Matriz Africana:
Saberes ancestrais promotores de
saúde e cura complementares ao SUS.

Local: Universidade Católica de Pelotas (UCPel), R. Gonçalves Chaves, 373

Data: 7 de agosto

Horário: 14:00 às 17:30h

Sala: 334

14:00h

Moderadora: Adriana de Souza Gomes

- 1) Orin njé ngbò: cantos nagôs no ensino das danças negras - Manoel Gildo Alves Neto (Bella Timbaí)
- 2) Invisibilidades cruzadas: uma revisão narrativa sobre mulheres negras bissexuais no contexto brasileiro - Emily Menezes de Albernaz
- 3) Ser, crer e resistir: a umbanda na trajetória de um homem negro ostomizado - Emily Menezes de Albernaz
- 4) Entre o cuidado e a resistência: a vivência de uma enfermeira negra residente em um hospital universitário no Sul do Brasil - Andriele de Souza Simões
- 5) Benzedeiras: o cuidado à saúde de uma comunidade quilombola do interior do Rio Grande do Sul - Taís Alves Farias
- 6) A trajetória do coletivo preto beatriz nascimento - Richard Farias Soares
- 7) Experiências do projeto encruzilhadas, saberes e (escre)vivências negras - Richard Farias Soares

Link vídeo Orin njé ngbò: <https://www.youtube.com/watch?v=3HFI60VPGs4>

15:30h

Moderadora: Taís Alves Farias

- 1) Falo sussurante - Sandra Lee dos Santos
- 2) Vivências acadêmicas do debate sobre interseccionalidades entre gênero e raça-cor - Camila Gomes da Silveira
- 3) Ocupação de espaço: a trajetória de um jovem negro pelotense em ascensão acadêmica e no serviço público - Bruno Almeida Quevedo Rodrigues
- 4) Onde estão as chefes de cozinha negras em Porto Alegre? representatividade e mercado de trabalho - Ana Luiza Pasquali de Oliveira
- 5) O bode como mantenedor da tradição de matriz africana no Brasil e na luta antirracista - Regina Barros Gourlat Nogueira
- 6) Saberes da mironga - Dilermando Martins Freitas



IV Simpósio Internacional **NEGRITUDE EM PAUTA**

Povos Tradicionais de Matriz Africana:
Saberes ancestrais promotores de
saúde e cura complementares ao SUS.

Local: Universidade Católica de Pelotas (UCPel), R. Gonçalves Chaves, 373

Data: 7 de agosto

Horário: 08:30 às 11:30

Sala: 335

08:30h

Moderadora: Mirian Quênia Costa da Rosa

- 1) Atenção farmacêutica à população negra: desafios, particularidades clínicas e atuação frente às doenças hematológicas e hipertensivas - uma revisão narrativa - Josiane Könzgen Schneid
- 2) Plantas medicinais e ancestralidade afrodescendente: saberes, práticas e resistência - Josiane Könzgen Schneid
- 3) Entre saberes e territórios: metodologia de educação popular com comunidades quilombolas - Kelen Ferreira Rodrigues
- 4) A universidade não é pra gente: a experiência de uma mulher negra, ouvidora de vozes, que ousou sonhar - Jucelia Mendes Ulguim
- 5) Os impactos do racismo religioso na promoção de saúde de frequentadores do terreiro - Kiara Teixeira Pinheiro
- 6) A importância do espaço do terreiro no período gravídico-puerperal - Kiara Teixeira Pinheiro

10:00h

Moderadora: Mirian Quênia Costa da Rosa

- 1) Vivências dos participantes de um coletivo preto na enfermagem - Giovana Machado Xavier
- 2) Cuidados de pessoas com feridas sob as limitações do racismo ambiental - Giovana Machado Xavier
- 3) Ebó das infâncias afro-diaspóricas de terreiro: por uma filosofia africana da educação no Brasil - Higor Santos
- 4) Violência obstétrica e invisibilidades no parto: um relato a partir da atuação como doula - Juliana Borges Victoria
- 5) Seminário Ilê Jí - Murio Trindade



IV Simpósio Internacional NEGRITUDE EM PAUTA

Povos Tradicionais de Matriz Africana:
Saberes ancestrais promotores de
saúde e cura complementares ao SUS.

Local: Universidade Católica de Pelotas (UCPel), R. Gonçalves Chaves, 373

Data: 7 de agosto

Horário: 14:00 às 17:30h

Sala: 335

14:00h

Moderadora: Íria Ramos Oliveira

- 1) Curso de português como língua adicional para migrantes com foco na vida pública - Thamyris Ferreira Oyarzabai Quadros
- 2) "Diário de uma garota negra nada popular: o alvo na mira do desprezo e da segregação" - Emanoele Marques Souza
- 3) Entre cálculos e lutas: o ProEDAI como espaço de afirmação e acolhimento - Maik Conceição Dias
- 4) Coletivo Negro Carolina Maria de Jesus: dispositivo de pertencimento e manutenção da pessoa negra na terapia ocupacional - UFPel - Prince Chaiene Meireles Duarte
- 5) O aquilombamento entre mulheres negras como estratégia de acolhimento e sobrevivência dentro de um curso de graduação: relato de experiência - Lauren Alessandra Dorneles Ramos Guimarães
- 6) Stuart Hall, Françoise Verguès e Sojourner Truth: uma análise direcionada ao pensamento feminista decolonial - Prince Chaiene Meireles Duarte

10:00h

Moderadora: Stefanie Griebeler Oliveira

- 1) Agroecologia quilombola: (re)existência multissecular das comunidades quilombolas no Rio Grande do Sul - Eder Ribeiro Fonseca
- 2) Arqueologia e resistência: visão vinda dos quilombos - Elaine dos Santos Pinto
- 3) Câncer colorretal e populações vulnerabilizadas um recorte racial e quantitativo - Eduarda Schellin Wacholz
- 4) Mafweek - estética em movimento, formação e intervenção cultural afrocentrada - Matheus Enrico Cardoso Silva
- 5) A cidade que os negros ergueram: o passo dos negros, a regularização fundiária e o direito à reparação territorial - Aline Vanessa Peniche Waltzer
- 6) Letramento racial no ensino superior: uma experiência formativa com os servidores técnicos da Pró-reitoria de Assuntos Estudantis da Universidade Federal De Pelotas - Josy Dias Anacleto



IV Simpósio Internacional NEGRITUDE EM PAUTA

Povos Tradicionais de Matriz Africana:
Saberes ancestrais promotores de
saúde e cura complementares ao SUS.

Local: Universidade Católica de Pelotas (UCPel), R. Gonçalves Chaves, 373

Data: 8 de agosto

Horário: 08:30 às 11:30

08:30h

Sala: 334

Moderadora: Ekedji Silvina Macedo

- 1) Religiosidade jeje-nagô em Pelotas e Rio Grande dos séculos XIX e XX: histórias e narrativas - Vinicius Pereira de Oliveira
 - 2) Onde está o negro na história: relato de experiência educacional de diálogo sobre o racismo estrutural e a posição da figura negro na história - Misael dos Anjos Ferreira
 - 3) Benzedura, espiritualidade e comunidade: lembrança e memórias do seu Pedro Benzedor - Gilson Simões Porciúncula
 - 4) Da abolição ao acesso: a luta da população negra pelo direito as políticas públicas - Rejane de Oliveira Gomes
 - 5) Encruzilhada de saberes e cultura afro-diaspórica na escola - Giovana Pontes Farias
 - 6) Infância negra em territórios de descarte a morte de David Kauan e o racismo ambiental na periferia de Teresina (PI) - Leonardo Gonçalves Freitas (somente exibição do vídeo)
- Link do vídeo Infância negra em territórios: <https://www.youtube.com/watch?v=jKhaxS-dzqo>
- Link do vídeo da abolição ao acesso: <https://youtu.be/amsbgIYFEHc?si=I9SafQb2WlSb-8nk>

10:00h

Moderadora: Karen Soares Porto

- 1) Poesias de floresta - Isabelle Braga Gomes
 - 2) Uma história narrada pelo tempo: a formação social brasileira em “nada digo de ti, que em ti não veja”, de Eliana Alves Cruz - Laís Braga Costa
 - 3) Educação antirracista no ensino da saúde: aula com o Programa de Extensão Tekoá na disciplina cuidado farmacêutico I - Agnes Nogueira Gossenheimer
 - 4) “Até quando?": racismo institucional e os desafios de ser uma mulher, negra e docente em uma universidade federal do extremo Sul do Brasil - Simone Quadros Alvarez
 - 5) Para além da solidão da mulher negra: a sala das pretas como referencial de aquilombamento de mulheres negras - Daniela Santana Ferreira
 - 6) Mulher negra na pós-graduação: um relato em primeira pessoa - Taís Dias Domingues
 - 7) A colonialidade do saber na saúde: Reflexões sobre a invisibilização das práticas de cura e cuidado em saúde da população negra - Íria Ramos Oliveira
- Link do vídeo Poesias de floresta: <https://www.youtube.com/watch?v=Av1J7hDTnbs>



IV Simpósio Internacional NEGRITUDE EM PAUTA

Povos Tradicionais de Matriz Africana:
Saberes ancestrais promotores de
saúde e cura complementares ao SUS.

Local: Universidade Católica de Pelotas (UCPel), R. Gonçalves Chaves, 373

Data: 8 de agosto

Horário: 08:30 às 11:30

Sala: 335

08:30h

Moderadora: Prince Chaiene Meireles Duarte

- 1) O corpo negro como fronteira: racismo e resistência no cuidado em saúde - Karen S. Porto
- 2) As encruzilhadas do Bará do Mercado de Pelotas (RS) - Isabel Soares Campos
- 3) A influência do racismo estrutural no acesso à saúde: reflexões sobre a experiência de mulheres negras e suas gerações - Elana Gonçalves Ferreira
- 4) Hábitos de vida de imigrantes estrangeiros e os motivos da imigração do Brasil - Margarida Cassova Braz
- 5) Sala das Pretas: impressões sobre o grupo de estudos e a trajetória da mulher negra no processo de tornar-se negra - Raquel de Almeida Dias
- 6) Escrivências e Resistência: A escrita como cuidado e enfrentamento ao racismo - Maria Clara Marcelina das Neves Chagas

10:00h

Moderadora: Omobinrin Verônica Ti Odè

- 1) Quando ser forte não é escolha: maternidade negra e os atravessamentos do racismo e da deficiência - Isabel Regina de Souza Silveira
- 2) Escutavivências de estudantes licenciandas negras e mulheres ancestrais - Janaize Batalha Neves
- 3) Ocupar e enegrecer”: educação popular como continuidade dos movimentos sociais negros nos cursinhos pré-vestibulares no estado São Paulo - André Alves Silva
- 4) Tem ciência preta aqui”: intelectualidades negras em resistência na universidade - Adriana de Souza Gomes
- 5) Vozes ancestrais: personalidades negras que contribuíram para a história do Brasil - Deise Vieira Alves
- 6) Terreiro como fundação de mundo: a arte e educação no reencantamento da vida - Karina Constantino Brisolla



IV Simpósio Internacional NEGRITUDE EM PAUTA

Povos Tradicionais de Matriz Africana:
Saberes ancestrais promotores de
saúde e cura complementares ao SUS.

Local: Universidade Católica de Pelotas (UCPel), R. Gonçalves Chaves, 373

Data: 8 de agosto

Horário: 08:30 às 13:00

Sala: 209C

08:30h

Moderador: Doté Hounsì Aganmavì Olissassi

- 1) Uma década da procissão ao Pai Bará - Juliano Silva da Silva
- 2) Protagonismo dos Coletivos Negros no espaço universitário - Milene do Nascimento Pereira
- 3) O solo onde me senti raiz: trajetória de uma acadêmica negra a partir do Coletivo Preto Beatriz Nascimento - Milene do Nascimento Pereira
- 4) Uma viagem pedagógica à África nas práticas de ensino de história no ensino fundamental I - Emerson Geraterd da Silva Ramires
- 5) Entre a profissão idealizada e a ocupação possível - Eliana Silveira da Costa
- 6) Através das frestas: reflexões sobre a aplicabilidade da abordagem decolonial desde o Sul do Sul - Gregory Ramos Oliveira



IV Simpósio Internacional **NEGRITUDE EM PAUTA**

Povos Tradicionais de Matriz Africana:
Saberes ancestrais promotores de
saúde e cura complementares ao SUS.

Local: Universidade Católica de Pelotas (UCPel), R. Gonçalves Chaves, 373

Data: 8 de agosto

Horário: 08:30 às 13:00

Sala: miniauditório 410

9h30

Curso metodologia social e ancestral - trabalhando com povos e comunidades tradicionais

Realização:

Apoio:

Financiamento:



UFPEL



Juntos
por novas
possibilidades



SECRETARIA DE
IGUALDADE
RACIAL

MINISTÉRIO DA
IGUALDADE
RACIAL

